

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO  
MESTRADO ACADÊMICO EM ENSINO**

**ADRIANA MARTINS DA SILVA**

**A ATUAÇÃO DO TRADUTOR E INTÉRPRETE DE LÍNGUA DE SINAIS NO PROCESSO  
DE ENSINO-APRENDIZAGEM DE ESTUDANTES SURDOS EM CONTEXTO ESCOLAR  
INCLUSIVO: DESAFIOS, BARREIRAS E ALTERNATIVAS PEDAGÓGICAS**

**Bagé  
2023**

**ADRIANA MARTINS DA SILVA**

**A ATUAÇÃO DO TRADUTOR E INTÉRPRETE DE LÍNGUA DE SINAIS NO PROCESSO  
DE ENSINO-APRENDIZAGEM DE ESTUDANTES SURDOS EM CONTEXTO ESCOLAR  
INCLUSIVO:  
DESAFIOS, BARREIRAS E ALTERNATIVAS PEDAGÓGICAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Acadêmico em Ensino da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Ensino.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Francéli Brizolla

Coorientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Claudete da Silva  
Lima Martins

**BAGÉ  
2023**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

S586a Silva, Adriana Martins da Silva  
A Atuação do Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais no processo de Ensino - aprendizagem de Estudantes Surdos em Contexto Escolar Inclusivo: Desafios, Barreiras e Alternativas Pedagógicas / Adriana Martins da Silva Silva.  
124 p.

Dissertação(Mestrado)-- Universidade Federal do Pampa, MESTRADO EM ENSINO, 2023.

"Orientação: Francéli Brizolla".

1. Educação de surdos. 2. Tradutor Intérprete de Língua de Sinais. 3. Educação inclusiva. I. Título.

**ADRIANA MARTINS DA SILVA**

**A ATUAÇÃO DO TRADUTOR E INTÉRPRETE DE LÍNGUA DE SINAIS NO  
PROCESSO DE ENSINO- APRENDIZAGEM DE ESTUDANTES COM SURDEZ EM  
CONTEXTO ESCOLAR INCLUSIVO: DESAFIOS, BARREIRAS E ALTERNATIVAS  
PEDAGÓGICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Ensino.

Dissertação defendida e aprovada em: 06 de fevereiro de 2023.

Banca examinadora:

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Francéli Brizolla Orientadora  
(UNIPAMPA)

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Claudete da Silva Lima Martins Coorientadora  
(UNIPAMPA)

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Suzana Cavalheiro de Jesus  
(UNIPAMPA)

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Francielle Cantarelli Martins  
(UFPEL)



Assinado eletronicamente por **FRANCELI BRIZOLLA, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 06/02/2023, às 17:15, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **CLAUDETE DA SILVA LIMA MARTINS, PROFESSOR DO MAGISTERIOSUPERIOR**, em 07/02/2023, às 14:38, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **Francielle Cantarelli Martins, Usuário Externo**, em 07/02/2023, às 20:12, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **SUZANA CAVALHEIRO DE JESUS, PROFESSOR DO MAGISTERIOSUPERIOR**, em 09/02/2023, às 17:56, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **1045132** e o código CRC **8833B047**.

Dedico essa Dissertação à minha mãe, mulher de fibra e guerreira, deixou seu legado, mulher de fé, me ensinou a sorrir e a ser grata pela vida, apesar de não estar fisicamente, estás sempre em meu pensamento a me iluminar e orientando em minhas decisões, aqui ficaram as lembranças de um tempo bom que vivi contigo e a certeza do reencontro.

## AGRADECIMENTO

Agradeço, primeiramente, a Deus por este marco que foi transformador em minha vida pessoal e profissional, pela realização deste mestrado, mesmo com todos os momentos difíceis. Dedico à minha família, meus irmãos e sobrinhos, em especial ao Nicolas da Silva Braga, por todo apoio e paciência nos meus momentos de ansiedade. Ao Manuel da Silva Alves, pela compreensão das minhas ausências e paciência durante as aulas, estudos e escritas.

Aos Tradutores e Intérpretes de Língua de Sinais que foram meus sujeitos da pesquisa: sem vocês não teria como dar segmento à escrita desta pesquisa.

À amiga Vera Lúcia dos Santos, por toda a amizade, companheirismo e preocupação comigo. Ao Programa de Pós-Graduação em Ensino/UNIPAMPA e seu corpo docente, especialmente aos professores Ana Cristina da Silva Rodrigues e Cristiano Corrêa Ferreira, obrigada por todo o aprendizado. A todos os colegas mestrandos do PPGE/UNIPAMPA, em especial à Deise Soares Luiz, Francine Carvalho Madruga, Fernanda de Lima Pinheiro, Michele Barcelos Corrêa, Samara De Oliveira Pereira, Paula Maiane da Silva Cavalheiro, Hélien de Oliveira Soares Jardim, Tenely Cristina Froehlich, Thaís Emília Reder, Quéli Dornelles Moraes, pela coletividade e compartilhamento de amizade e afeto. À amiga que ganhei no mestrado, Andréa de Carvalho Pereira, sempre disposta e pelo seu comprometimento ao grupo NEABI/Bagé (RS). Ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Inclusão e Diversidade na Educação Básica e no Ensino Superior - INCLUSIVE/UNIPAMPA, que é uma honra fazer parte, aprendo muito com cada uma e cada um de vocês. À SMED, na pessoa de Mara Rúbia Pinheirua (Coordenadora do Setor de Educação Inclusiva), pelo incentivo à minha qualificação profissional. À 13ª Coordenadoria de Educação do Estado (RS) pelo apoio. À minha escola, Dr. Carlos Antônio Kluwe e colegas de trabalho, pelo apoio durante todo o tempo desse percurso. Às professoras da banca de qualificação e de defesa, Francielle Cantarelli e Suzana Cavalheiro de Jesus, pelas suas contribuições para a edificação deste estudo. À minha co-orientadora, Claudete de Lima Silva Martins e à minha orientadora, Francéli Brizolla, por não soltar minha mão, pelo carinho, amorosidade e reflexões.

A todas e todos, agradecer é pouco, mas por hora, muito obrigada!

“Eu gritei, gritei muito. Porque eu queria me ouvir e os sons não voltaram para mim. Minhas ligações não significavam nada para meus pais. Eles eram, disseram, gritos estridentes de aves marinhas, então me chamaram de gaivota. E a gaivota estava gritando sobre um oceano de barulhos...”

(Emmanuelle Laborit, atriz e escritora francesa, em "O vôo da Gaivota")

## RESUMO

Esta pesquisa parte de minha busca pessoal, enquanto Tradutora e Intérprete de Libras (TILS Libras), por ter a compreensão da importância deste profissional, demonstrando os desafios vivenciados no contexto pedagógico escolar, contribuindo para a produção acadêmico-científica do Programa de Mestrado em Ensino da Universidade Federal do Pampa. Teve como objetivo refletir sobre os desafios vivenciados pelos profissionais Tradutores e Intérpretes de Língua de Sinais na atuação educacional com estudantes surdos(as), em contexto de educação escolar inclusiva, bem como, estratégias para facilitar o trabalho destes profissionais na resolução de conflitos vivenciados no escopo de atuação do ensino inclusivo, que atuam em espaços escolares municipais, estaduais, federais e privados, no município de Bagé. Utilizei como base a legislação vigente da inclusão no Brasil, a Lei nº 13.146/2015, para traçar algumas discussões pontuais sobre os desafios à conduta e à atuação cotidiana desses profissionais no processo de inclusão escolar de estudantes surdos(as). Também me baseei em teóricos que trabalham as questões da Educação de surdos, da Língua de Sinais e da atuação dos TILS Libras. A metodologia desta pesquisa foi feita com base do tipo Intervenção, a partir das leituras e dos estudos de autores(as) como Quadros (1997), Lacerda (2011), Skliar (1999), Karnopp (1994), dentre outros(as) que também tratam do tema proposto. Como instrumentos de investigação, foram utilizados formulários eletrônicos, além de encontros presenciais, organizados pela técnica do Grupo Focal, cujos participantes da pesquisa foram TILS Libras atuantes nas esferas públicas educacionais do município de Bagé. Desse modo, propus uma problematização do fazer ético destes profissionais em relação aos pressupostos da educação inclusiva, tendo em vista o direito de pleno acesso à comunicação, informação e formação dos estudantes surdo(a)s. Além disso, foi realizado um olhar para as demandas e desdobramentos que os TILS Libras rememoraram no resgate da história (práticas) da interpretação em Libras em Bagé e as interdições que os mesmos encontram perante a legislação vigente, tão necessária no processo de ensino aprendizagem no contexto escolar inclusivo - barreiras e alternativas pedagógicas.

**Palavras-chave:** Educação de Surdos. Educação Bilíngue. Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais. Educação Inclusiva. Acessibilidade pedagógica.

## ABSTRACT

This research came about from my personal quest, as a Translator and Interpreter of Libras (TILS Libras), to understand the importance of this professional, demonstrating the challenges experienced in the school pedagogical context, contributing to the academic-scientific production of the Master's Program in Teaching at the Federal University of Pampa. It aimed to reflect on the challenges experienced by professionals who are Sign Language Interpreters Translators in the educational performance with deaf students in the context of inclusive school education, as well as strategies to facilitate the work of these professionals in resolving conflicts experienced in the scope of inclusive education, working in municipal, state, federal and private school spaces in the city of Bagé. I used as a basis the current legislation of inclusion in Brazil, Law No. 13.146/2015, to draw some specific discussions about the challenges to the conduct and daily performance of these professionals in the process of school inclusion of students with deafblindness. I also based myself on theorists who work on issues of deaf education, sign language and the performance of TILS. My overall goal in this research was to point out challenges experienced by professionals through possible strategies to facilitate the work of TILS, as well as assist in resolving the conflicts constantly experienced by these professionals in relation to the performance performed with deaf students in inclusive education. The methodology of this research was based on the Intervention type, from readings and studies of authors such as Quadros (1997), Lacerda (2011), Skliar (1999), Karnopp (1994), among others who also deal with the proposed theme. As research instruments, electronic forms were used, in addition to face-to-face meetings, organized by the methodology of Focus Group, whose research participants were TILS working in the public educational spheres of the municipality of Bagé. Thus, I proposed a reflection on the ethical practice of TILS / Libras in relation to the assumptions of inclusive education, considering the right of full access to communication, information and training of students with deafblindness. In addition, a look was taken at the strategies that the Sign Language Interpreters Translators use to rescue the history of interpretation in Libras in the city of Bagé and the obstacles that they face in the implementation of current legislation, so necessary in the teaching-learning process in inclusive school context - barriers and pedagogical alternatives.

**Keywords:** Deaf Education. Bilingual Education. Translator and Interpreter of Sign Language. Inclusive Education. Pedagogical accessibility.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> - Fotografia em sequência do sinal do nome “Adriana” em Libras ....	17
<b>Figura 2</b> - Diário da Oficina “TILS compartilhando experiências e saberes” ...	63
<b>Figura 3</b> - 1ª Oficina - Mobilização para o conhecimento: acolhida .....	69
<b>Figura 4</b> - <i>Slides</i> de apresentação da temática .....	70
<b>Figura 5</b> - Mural de barreiras e alternativas para a atuação pedagógica do TILS Libras .....	71
<b>Figura 6</b> - Mosaico do <i>slide</i> apresentado no terceiro encontro .....	74
<b>Figura 7</b> - Trabalho coletivo sobre o Código de Ética FEBRAPILS .....	75
<b>Figura 8</b> - Gráfico atuação dos TILS .....	77
<b>Figura 9</b> - Gráfico acesso e inclusão .....	77
<b>Figura 10</b> - Gráfico imparcialidade dos TILS .....	78
<b>Figura 11</b> - Gráfico TILS e os alunos com surdez .....	78
<b>Figura 12</b> - Gráfico prática dos TILS .....	79
<b>Figura 13</b> - Gráfico postura dos TILS .....	79
<b>Figura 14</b> - Gráfico deveres dos TILS .....	80
<b>Figura 15</b> - Gráfico documento sobre a escolarização de alunos surdos .....	80
<b>Figura 16</b> - Gráfico orientações sobre a atuação dos TILS .....	81
<b>Figura 17</b> - Mosaico de registros fotográficos da última Oficina .....	84

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> - Dados da busca da Revisão da Literatura .....	37
<b>Quadro 2</b> - Sistematização dos artigos - CAPES .....	38
<b>Quadro 3</b> - Sistematização dos artigos - Portal ScieLo .....	38
<b>Quadro 4</b> - Sistematização dos artigos - Biblioteca de Dissertações e Teses e Dados (BDTD) .....	39
<b>Quadro 5</b> - Levantamento dos trabalhos relacionados ao tema de pesquisa ..	40
<b>Quadro 6</b> - Fases da metodologia da Pesquisa Intervenção .....	50
<b>Quadro 7</b> - Características da pesquisa Intervenção qualitativa .....	56
<b>Quadro 8</b> - Sujeitos potenciais para a participação na pesquisa .....	58
<b>Quadro 9</b> - Sujeitos da pesquisa .....	59
<b>Quadro 10:</b> Cronograma de dias e horários de encontros e objetivos das Oficinas .....	67
<b>Quadro 11</b> - 1º encontro - 19/08/2022 .....	68
<b>Quadro 12</b> - 2º encontro - 02/09/2022 .....	71
<b>Quadro 13</b> - 3º encontro - 16/09/2022 .....	76
<b>Quadro 14</b> - 4º encontro - 30/09/2022 .....	82
<b>Quadro 15</b> - 5º encontro - 14/10/2022 .....	83
<b>Quadro 16</b> - Relação entre temáticas das oficinas, objetivos da pesquisa e núcleos de significação (NS) e núcleo de significação geral (NSG) .....	86

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	15
<b>PARTE I: CONCEITOS GERAIS DA PESQUISA: REFERENCIAL TEÓRICO CONCEITUAL</b> .....	24
<b>1.1 Educação de Surdos</b> .....	24
1.1.1 Modelos e concepções de Surdez .....	26
<b>1.2 A Educação Bilíngue e o papel do TILS Libras</b> .....	27
1.2.1 Os Tradutores Intérpretes de Língua de Sinais (TILS Libras) .....	29
<b>1.3 A Educação Inclusiva, a Educação de surdos(as) e o profissional TILS Libras: aproximações</b> .....	32
<b>1.4 Barreiras e acessibilidade pedagógica</b> .....	34
<b>PARTE II: DEMARCAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA DA PESQUISA INTERVENTIVA</b> .....	36
<b>2.1 Revisão integrativa da literatura</b> .....	36
2.1.1 Análise dos textos selecionados: a construção da revisão .....	39
<b>2.2 Referencial teórico-metodológico: caminhos de uma intervenção por grupo focal</b> .....	45
2.2.1 Tipo de pesquisa .....	45
2.2.2 Fases da pesquisa intervenção .....	46
2.2.3 Contexto de desenvolvimento da pesquisa .....	53
2.2.4 Apresentando os(as) sujeitos(as) participantes da pesquisa intervenção .....	56
2.2.5 Instrumentos de coleta de dados .....	59
2.2.5.1 O Diário de Campo .....	61
2.2.5.2 O questionário semiestruturado .....	63
2.2.5.3 Metodologia de análise dos dados da pesquisa: o Grupo Focal como <i>lócus</i> ..	64
<b>PARTE III: DESCRIÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS E RESULTADOS</b> .....	66
<b>3.1 As Oficinas “TILS: compartilhando experiências e saberes”</b> .....	66
3.1.1 Primeira oficina .....	68
3.1.2 Segunda oficina .....	71
3.1.3 Terceira oficina .....	76
3.1.4 Quarta oficina .....	81
3.1.5 Quinta oficina .....	82
<b>3.2 Análise dos dados da pesquisa por meio dos “Núcleos de significação”: desenvolvimento das Oficinas no Grupo Focal</b> .....	85
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	90
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	93
<b>APÊNDICES</b> .....	96
<b>APÊNDICE A - TERMO DE CIÊNCIA E CONSENTIMENTO</b> .....	96

<b>APÊNDICE B - TERMO DE CIÊNCIA E CONSENTIMENTO .....</b>	<b>98</b>
<b>APÊNDICE C - TERMO DE CIÊNCIA E CONSENTIMENTO .....</b>	<b>100</b>
<b>APÊNDICE D - QUESTIONÁRIO PARA DIAGNÓSTICO E RECONHECIMENTO ....</b>	<b>102</b>
<b>APÊNDICE E - QUESTIONÁRIO DA OFICINA SOBRE O CÓDIGO DE ÉTICA .....</b>	<b>104</b>
<b>APÊNDICE F - AVALIAÇÃO DA OFICINA .....</b>	<b>109</b>
<b>APÊNDICE G - CÓDIGO DE CONDUTA E ÉTICA DA FEBRAPILS .....</b>	<b>112</b>
<b>APÊNDICE H – MATERIAL DA OFICINA DE ESTUDO DE CASOS .....</b>	<b>121</b>

## INTRODUÇÃO

Início essa dissertação com um breve relato histórico-cronológico sobre a história da Educação de Surdos e como eu, enquanto pesquisadora, docente e Tradutora Intérprete de Libras, iniciei minha trajetória profissional e acadêmica.

Relatar a mim mesma só faz sentido dada a intencionalidade relacional e, portanto, o caráter social implicado na consideração dos fatos biográficos. Sabemos que a autobiografia tem sido adotada como metodologia de pesquisa para a produção de conhecimento sobre trajetórias de professores, notadamente como efeito “da insatisfação das ciências sociais em relação ao tipo de saber produzido e da necessidade de uma renovação dos modos de conhecimento científico” (NÓVOA, 2013, p. 18).

No campo da educação, tais pesquisas intencionam reconhecer as dimensões pessoais nos espaços institucionais, de modo a contribuir para a compreensão de que o(a) professor(a), assim como outros atores sociais, “define-se pelo que consegue fazer com o que os outros fizeram dele” (NÓVOA, 2013, p. 25). NÓVOA (2013), mostra que existem pesquisas que objetivam entender por meio de diários autobiográficos as descrições das relações estabelecidas por professora(es) em sala de aula e como a explanação da própria experiência e sobre si mesma contribui para dar sentido à prática.

Este trabalho de dissertação foi desenvolvido com base na atuação do profissional do Tradutor Intérprete de Libras que atua na sala de aula inclusiva. Busquei elencar desafios vivenciados por este profissional no contexto pedagógico escolar, bem como as possíveis estratégias de atuação que visam facilitar o trabalho do TILS, caracterizando esta investigação como relevante para outros intérpretes, futuramente. Devido ao fato da minha atuação como profissional Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais em vários contextos, mais especificamente no contexto educacional, experienciei(io) estes desafios na mediação da sala de aula, além do desejo de manutenção da fidelidade ao Código de Ética (conforme consta nos apêndices E e F) previsto para essa profissão.

Diante de todos esses desafios e incompreensões, percebi que alguns dos maiores desafios encontrados são os usos de alguns sinais, por parte dos(as) estudantes surdos(as), na compreensão dos conteúdos propostos, visto que, em sua maioria, os(as)

professores(as) não dominam a Língua Brasileira de Sinais (Libras). Esta, que é a primeira língua dos(as) estudantes surdos(as), exige, por vezes, que o TILS tenha que fazer um esforço em explicar/ensinar, além de interpretar e traduzir para o aluno, mas com o desafio adicional de não deixar de cumprir com os preceitos apontados no referido Código regulamentário dessa atuação.

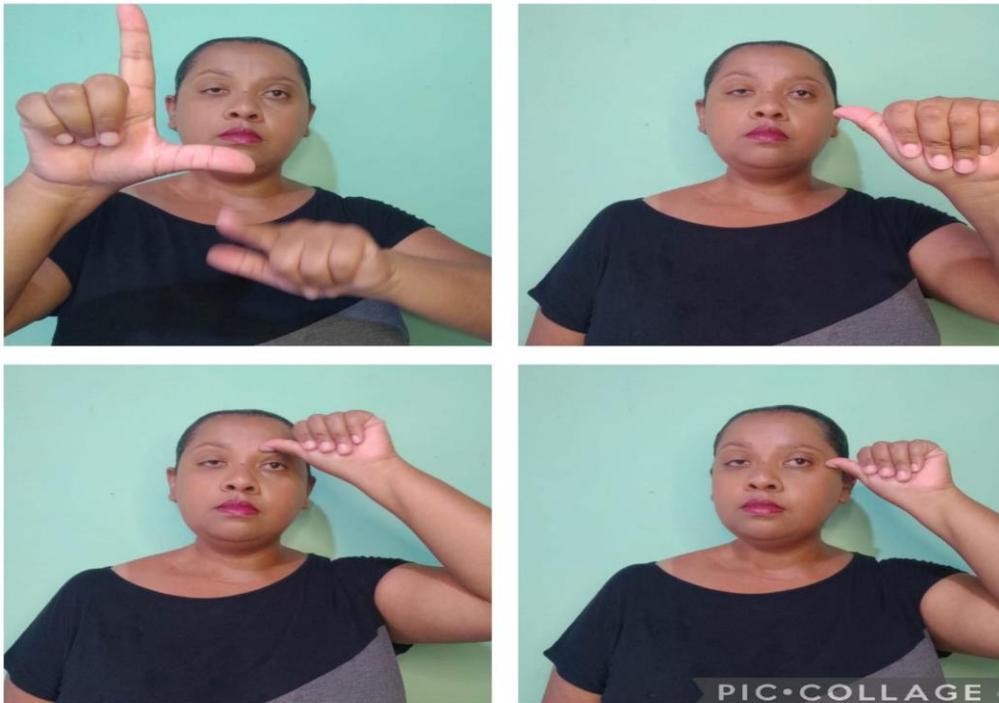
Esse tipo de desafio está diretamente relacionado, também, aos preceitos da Educação Inclusiva, visto que esta pressupõe pleno acesso, participação e construção de conhecimentos, inclusive, com atendimento educacional especializado que é ofertado de forma suplementar ou complementar aos estudantes surdos(as) que estão em classes comuns do sistema regular de ensino; a presença desses(as) estudantes demanda um esforço dos(as) professores(as) na criação de estratégias, bem como métodos de ensino que sejam adequados à forma visual espacial que é característica do aprendizado desse alunado. A utilização de imagens e outros recursos concretos podem facilitar para esse estudante surdo(a) a participação nas atividades propostas, porém, o uso da Língua de Sinais é fundamental para que a inclusão ocorra de fato.

Na maioria das escolas, de forma recorrente, o(a) Tradutor(a) e Intérprete de Língua de Sinais é o único que sabe a língua para fazer a mediação entre os(as) ouvintes e os surdos(as) da escola e assume um papel de “professor(a)” que atende os(as) estudantes surdos(as) para suprir as suas especificidades linguísticas e experiências visuais (SKLIAR, 1998). Conforme o autor, foram mais de cem anos de práticas e tentativas de normalização, tentativas de correção, violência por parte de instituições que foram revendo suas ineficiências na tentativa de separar, negar a existência de uma comunidade surda e de sua cultura e língua de sinais e suas identidades.

Nesse contexto, passo a relatar um pouco do percurso feito por mim até chegar a atuação como profissional Tradutor Intérprete de Língua de Sinais. Tive os primeiros contatos com a Língua de Sinais na infância, quando um vizinho surdo sempre tentava comunicar e, então, no ano de 2005, a busca pelo aprendizado mais aprofundado desta língua se deu por necessidade pessoal. Tendo a oportunidade de conhecer outra pessoa surda que me explicou que a Libras era uma língua utilizada por pessoas surdas e que eu deveria, em primeiro lugar, receber meu sinal, que é uma forma pela qual a comunidade surda identifica as pessoas surdas e ouvintes.

Assim, me contextualizo também: sou Adriana Martins da Silva, tenho 42 anos de idade e meu sinal é a letra “A” do alfabeto manual, tem movimento do dedo polegar direito contornando minha sobrancelha direita. No decorrer desta pesquisa abordarei sobre a Língua de Sinais que é uma língua visual espacial utilizada pela comunidade surda, embora exista uma diversidade dentro da “comunidade surda”, o que será abordado mais adiante, neste trabalho.

**Figura 01:** Fotografia em sequência do sinal do nome “Adriana” em Libras



Fonte: Autora (2023).

Em 2007 ingressei na graduação na Universidade da Região da Campanha (URCAMP), no município de Bagé, no curso de Letras - Habilitação Língua Portuguesa e Literaturas da Língua Portuguesa, espanhol e respectivas Literaturas. No quinto semestre cursei a Disciplina Libras, ministrada por uma professora surda, com a qual sempre conseguia interagir através do uso da Língua de Sinais. Essa professora sempre me incentivou a buscar aperfeiçoar e profissionalizar esse aprendizado para atuar como TILS e poder conviver com a comunidade surda, pois aqui no município de Bagé/RS havia poucos profissionais dessa área.

Na continuidade dos meus estudos, oficinas, cursos ofertados pela Secretaria Municipal de Educação, tive a oportunidade de fazer níveis básico, intermediário e

conversação, além de conhecer muitas pessoas surdas e ouvintes, familiares de surdos(as), em especial, uma família composta por uma mãe e duas filhas, uma ouvinte de 10 anos e uma menina surda de 3 anos de idade que sempre me apoiaram nos cursos e oficinas que fazíamos juntas.

Apreendi muito nesse convívio com elas, criei laços de amizade que perduram até os dias atuais e, posteriormente, em 2011, ingressei na especialização em Educação Inclusiva, concluindo em 2013. Nesse mesmo período tive a oportunidade de fazer uma seleção para o Instituto Federal Sul Rio-grandense (IFSUL) de Bagé, para ministrar uma oficina básica de Libras (60 horas). Após a seleção, teve várias etapas e, então, fui entrevistada por uma pessoa surda, pois essa seria a última etapa e aprovei, ministrei a oficina que tinha esse curso como um projeto voltado para os(as) professores(as), funcionários(as) e estudantes do Campus. Também foi organizada uma apostila e, seguindo passo a passo o cronograma desta, a oficina começou no mês setembro com término em dezembro de 2011.

O ano de 2012 foi muito importante na minha trajetória; em outubro, comecei a trabalhar em uma Escola Estadual de Ensino Médio como TILS/Libras, onde atuei em uma turma do 1º ano do Ensino Médio, com 3 alunos, com surdez profunda, usuários da Libras.

No primeiro dia de aula eu me apresentei, disse a eles que eu seria a Intérprete de Libras e, então, eles me explicaram que eu deveria ter cautela, pois o aluno tinha dificuldades com alguns sinais que ele ainda não conhecia. A outra menina relatou que já havia estudado em uma escola onde o ensino fora bilíngue e a terceira aluna pediu para que eu fizesse a fala pausadamente para que ela conseguisse fazer a leitura labial, também solicitou que eu transmitisse aos(às) seus(suas) professores(as) que fizessem suas falas pausadamente para que ela pudesse acompanhá-los durante as aulas.

Durante o trabalho, fomos nos conhecendo dia após dia e eu fui percebendo que, para cada um(a), a forma de compreensão era diferente, havendo um esforço maior de minha parte para fazer o papel de Intérprete de Libras para que os(as) estudantes conseguissem realmente aprender. Quando havia prova para o menino, alguns professores a faziam reduzida, mas para as meninas, faziam o mesmo número de questões elaboradas para os demais alunos da turma.

Nesse período, também comecei a trabalhar em provas de concurso e nas edições do Exame Nacional do Ensino Médio como tradutora Intérprete de Libras; tive a oportunidade de trabalhar com outros intérpretes que já atuavam há mais tempo na área, pude trocar experiências, acrescentar ao meu conhecimento técnico novos de tradução e interpretação. Ainda no mesmo ano, por fim, juntamente com os(as) estudantes surdos(as), comecei a frequentar a Associação dos Surdos do município de Bagé, quando pude vivenciar outras aprendizagens através de viagens pelo Rio Grande do Sul, junto à comunidade surda deste município, conhecendo outros contextos e pessoas surdas. Eles participavam de diversos campeonatos da modalidade de futebol de salão e, em setembro de 2012, para comemorar o Dia Nacional do Surdo e esse evento foi em Bagé, para o qual vieram surdos de vários municípios e eu era a única intérprete, foi um evento marcante para nossa comunidade surda e, para mim, foi uma importante experiência.

Atuei em 2014, como tutora em um curso de extensão de 180h, oferecido pela Universidade Federal do Pampa e financiado pela Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI/MEC), fundada no ano de 2004; tal secretaria busca viabilizar o pleno acesso à escolarização e à participação de todos os estudantes, com redução das desigualdades educacionais, com equidade e respeito às diferenças. As ações voltam-se à garantia do direito de todos à educação com qualidade e equidade, em um sistema educacional inclusivo, visando não somente ao acesso e permanência, como também à conclusão da trajetória escolar com níveis adequados de participação, aprendizagem e respeito às diferenças, inclusive para os que não tiveram acesso na idade regular, em uma perspectiva de educação ao longo da vida. À época, a SECADI representou um avanço ao dar visibilidade a grupos de pessoas silenciados factualmente por um período na história do processo educacional, extinguida no ano de 2019 em consonância com a aprovação do decreto nº4965 que altera a estrutura administrativa do Ministério da educação, sendo reativada através de um novo Decreto - nº 11.342, de 01 de janeiro de 2023. No referido curso, tive a função de organizar o material didático e auxiliar o professor surdo; o curso era ministrado uma vez por semana, das 13h30 até às 21h. Tive a oportunidade de fazer formação em um Curso de Libras ofertado pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, voltado para professores(as) que tivessem estudantes surdos(as) em sala de aula; após divulgação, alguns professores(as) demonstraram interesse, eu fiz a minha inscrição e ajudei aos(às) colegas

a fazerem suas inscrições, mas apenas eu frequentei o curso. Diante disso, pude perceber que as pessoas costumam dizer que não há oferta de cursos de Libras, por isso, a dificuldade em aprender; porém, também é notório que quando há oportunidade, não há persistência em dar seguimento aos estudos.

Em 2015, tive a oportunidade de trabalhar com uma aluna surda que sempre relatou ser o seu maior sonho palestrar e falar sobre a Libras e a surdez. Na Semana da Pessoa com Surdez, especificamente no dia 26 de setembro do mesmo ano, ela fez sua primeira palestra e, posteriormente, foi em mais 3 escolas, inclusive, em uma das escolas tinha uma outra aluna surda que ficou motivada e admirada em saber que a colega estava realizando esta ação. Essa menina, em suas palestras, também contava um pouco de sua história, despertando a curiosidade dos alunos ouvintes em aprender Libras e também receber os seus sinais, dados pelas estudantes surdos(as).

Posteriormente, cursei uma Especialização em Libras pela Faculdade UNINA, concluindo em 2016. No mesmo ano fiz minha inscrição em um curso de 60h ofertado pela Universidade Federal de Pelotas e divulguei para todos Intérpretes de Libras que conhecia em meu município e, assim, eu e mais três colegas, íamos aos finais de semana, estudávamos manhã, tarde e noite e, posteriormente, retornávamos para nosso município com muito aprendizado. Foram dois anos de estudos com profissionais renomados e colegas com experiências, com certeza foi de grande valia para meu desempenho como Intérprete de Libras.

Desse modo, sempre em busca de aperfeiçoar minha prática de trabalho, em sala de aula no ano de 2017 tive a oportunidade de trabalhar com mais duas alunas surdas que entraram no primeiro ano do Ensino Médio. Inicialmente, uma das alunas teve resistência em me aceitar, ela relatava que queria como intérprete a outra profissional que a atendeu na escola em que havia cursado o Ensino Fundamental. Foram várias semanas de adaptação, nas quais ela tapava os olhos e dizia que não queria me olhar mas, aos poucos, ela foi se adaptando ao meu trabalho e passou a prestar atenção na tradução e interpretação; no primeiro bimestre recebeu um certificado de aluna destaque em melhores notas e comportamento.

Registro que durante esses anos de atuação tive momentos difíceis, pois sempre procurei me manter dentro da conduta do Código de Ética, mas entendo que tive e terei ainda muitos outros momentos de superação, ao ver os estudantes redescobrimo

conteúdos propostos nas aulas, nas apresentações de trabalhos, ao interagirem com professores(as) e colegas, até mesmo quando seus desempenhos ainda necessitam ajustes e melhorias, pois tudo isso serve como aprendizado. Todos nós estamos sujeitos a refazer e termos uma nova oportunidade, pois estamos sempre em construção, somos inacabados e é isso que me motiva a seguir em frente.

Sou atuante na causa surda em minha cidade, buscando apoio para fortalecer a Comunidade surda de Bagé. Na busca por aperfeiçoar ainda mais meu trabalho sou motivada a sempre estudar; assim, em 2018, cursei outra especialização em Tradução e Interpretação em Libras, modalidade presencial, com aulas práticas, e também atuei como professora substituta de Libras na Universidade Federal do Pampa, durante um ano e três meses, quando evitava ao máximo usar a fala pois estava substituindo um professor surdo e, assim, por ser ouvinte, penso que não seria ético utilizar a língua oral.

Em 2019 tive a oportunidade de receber mais duas alunas surdas na atividade profissional junto ao Ensino Médio, 1º ano, presencial. Assumi uma turma do Curso Normal do Magistério, com a disciplina Libras, na Escola Estadual Justino da Costa Quintana, em 2020. Porém, tivemos a surpresa do período pandêmico quando foi necessário nos resguardar, isolados em casa, junto aos nossos familiares. Diante disso, percebi a necessidade de fazer vídeos diários em Língua de Sinais e enviar via *WhatsApp* para as estudantes surdas com informações que eu assistia pelos meios de comunicação, pois assim entendi que estava colaborando para que pudessem entender melhor a gravidade do vírus SARS-CoV-2.

Durante o ano, as aulas transcorreram de forma remota e eu usei como ferramenta de trabalho o *notebook* e o celular. Também adquiri um quadro verde para auxiliar as estudantes surdas que compareciam à minha residência duas vezes por semana, mantendo o distanciamento e todos os cuidados. Até mesmo, na aula de Matemática, a professora se disponibilizou a ir em minha residência em um dia que eu estava sem conexão, para atender as estudantes na aula remota. Mais tarde, quando a escola retornou sem a presença dos(as) estudantes, somente a equipe diretiva, íamos eu e as estudantes surdas, três vezes por semana, para o Atendimento Educacional Especializado (AEE), pois a professora se disponibilizou a atender os estudantes de forma presencial.

Em 2021, as aulas retornaram de forma remota e eu continuei indo com as estudantes surdas à escola, atendendo aulas via *Google Meet*. No meio deste processo pandêmico e de aulas remotas, no mesmo ano participei da seleção para o Programa de Pós-graduação em Ensino - Mestrado Acadêmico em Ensino da Universidade Federal do Pampa - Campus Bagé e, tendo sido selecionada, ingressei no primeiro semestre de forma remota.

Diante deste breve relato justifico a relevância da minha pesquisa para que mais ações voltadas para a inclusão de surdos possam acontecer no município de Bagé e também para outros lugares. Desse modo, entender os desafios pelos quais passamos é, de certa forma, também construir estratégias que possam melhorar nosso trabalho e a qualidade do discurso que chega até os(as) surdos(as), o que é de grande importância para uma Educação Inclusiva de qualidade para aqueles que necessitam da Libras para aprender, se comunicar e opinar: a comunidade surda usuária de Libras<sup>1</sup>.

A partir dessas experiências dei início às minhas atividades como pesquisadora da área, com um **problema** de pesquisa coerente com as minhas vivências: quais são os desafios e necessárias superações nas práticas dos Tradutores/intérpretes de Língua de Sinais (Libras) quando realizam traduções e interpretações e dinâmicas de tradução simultâneas? Em outras palavras, me instiga refletir sobre o(a) Intérprete enquanto sujeito(a) que age, colabora e busca encontrar maneiras de tornar acessível a comunicação e a informação entre surdos(as) e ouvintes, no processo educacional, mantendo-se imparcial, de acordo com a conduta do Código de Ética Profissional.

Nas ações de improvisar e encontrar soluções consistentes, também trago como questão problematizadora adicional um convite a refletir sobre como seria possível agir com imparcialidade e manter-se apenas como um veículo da comunicação, considerando o paradigma da Educação Inclusiva? Considero que essas questões problematizadoras são relevantes, pois o Código de Ética prevê diversas condutas indispensáveis ao trabalho de tradução/interpretação, sendo uma das principais, a fidelidade ao que se está traduzindo e interpretando. Entretanto, há por trás dessa fidelidade inúmeros desafios,

---

<sup>1</sup> Para compreender as diferentes identidades surdas é importante esclarecer que ao referir-se à “comunidade surda” existem diferenças significativas quanto ao uso da Língua de Sinais; alguns surdos(as) podem fazer exclusivamente o uso da mesma. Existem outras pessoas surdas que fazem uso da leitura labial e/ou orofacial e, ainda, há sujeitos surdos(as) que fazem o uso de ambas as formas de comunicação. Portanto, não é um todo homogêneo, há muitos modos de “ser surdo(a)”. Esta pesquisa refere-se aos sujeitos surdos(as) usuários(as) de Libras como única ou principal fonte de comunicação.

como a impraticabilidade de expressão de uma língua a partir do sentido da outra, por exemplo, além dos diferentes níveis de proficiência na Língua de Sinais e a compreensão de termos técnicos ou conceitos acadêmicos abordados em um determinado campo profissional.

Desse modo, organizei o **objetivo geral** da pesquisa, qual seja, refletir sobre os desafios vivenciados pelos profissionais Tradutores Intérpretes de Língua de Sinais na atuação educacional com estudantes surdos(as), em contexto de educação escolar inclusiva, bem como, estratégias para facilitar o trabalho destes profissionais na resolução de conflitos vivenciados no escopo de atuação do ensino inclusivo, que atuam em espaços escolares municipais, estaduais, federais e privados, no município de Bagé. Como **objetivos específicos**, estabeleceu-se:

a. Dialogar sobre a tradução e a interpretação dentro das experiências de cada sujeito da pesquisa;

b. Compreender a atuação do profissional TILS Libras no processo de ensino-aprendizagem de estudantes surdo(a)s em contexto escolar inclusivo e as diversas situações apresentadas como desafios à prática destes profissionais no processo de inclusão escolar;

c. Analisar o Código de Ética da profissão de TILS Libras e demais normativas e diretrizes vigentes a respeito desta atuação profissional, a fim de perceber os parâmetros para atuação pedagógica escolar;

d. Propor uma reflexão acerca do fazer ético dos TILS Libras em relação aos pressupostos da educação inclusiva, tendo em vista o direito de pleno acesso à comunicação, informação e formação dos estudantes surdos(as)

e. Resgatar a percepção dos desafios à prática dos TILS Libras no processo de ensino aprendizagem em contexto escolar inclusivo, observando barreiras e alternativas pedagógicas, identificadas em suas narrativas.

Sendo assim, proponho a resgatar a percepção dos desafios à prática e buscar estratégias para auxiliar no trabalho dos TILS, conforme constam no objetivo geral.

## **PARTE I: CONCEITOS GERAIS DA PESQUISA: REFERENCIAL TEÓRICO CONCEITUAL**

Este capítulo foi construído a partir dos estudos dos autores que propõem e sustentam um diálogo importante acerca dos temas elencados neste referencial, os quais também fundamentam as análises apresentadas, no capítulo correspondente.

### **1.1 Educação de surdos**

Historicamente, a educação de surdos foi e continua sendo marcada por lutas e conquistas, sendo a exclusão e a conseqüente falta de integração dos(as) estudantes surdos(as), um grave problema na educação. Práticas educativas inadequadas deixaram marcas violentas na tentativa de normalização da pessoa surdo(a)s, além de segregar, separar e negar a existência de uma comunidade surda que tem uma cultura própria, uma identidade, experiências e conhecimento de mundo que se embasam nas diferenças a qualquer outro grupo de sujeito (SKLIAR, 1998, p. 7).

No que se refere à historicidade dos surdos no Brasil, é importante destacar que a primeira escola foi fundada no Rio de Janeiro em 1857, cujo nome era Instituto dos Surdos-Mudos, atualmente chamado de Instituto Nacional da Educação de Surdos (INES). No Imperial Instituto de surdos-mudos, no Rio de Janeiro, até o ano 1939, o atendimento era voltado para alunos do sexo masculino com idade de 7 até 14 anos, sendo oferecida educação literária, cursos profissionalizantes, por meio do método de ensino chamado oralismo, por pensar que o ensino da escrita era irrelevante para surdos. Depois desta época, outras escolas específicas para surdos foram fundadas pelo Brasil entre 1923 e 1957, destacando-se os estados de São Paulo, Espírito Santo e o Rio Grande do Sul (FELIPE, 2009).

A filosofia oralista tem por objetivo a integração da criança surda junto à comunidade ouvinte, incentivando o desenvolvimento do oralismo; um grupo de pessoas que defendiam essa filosofia acreditava ser essa a única forma de comunicação para a comunidade surda, pois o desempenho seria melhor. Era necessário muito esforço diário, tanto da criança surda, bem como, de familiares; segundo essa teoria, quanto mais precoce começasse o oralismo e uso de aparelhos de amplificação sonora individual e

outros equipamentos apontados pela visão oralista como sendo a solução para a “cura” da surdez, sendo proibido qualquer outro tipo de auxílio ou tentativa de comunicação que não fosse de forma oral melhores resultados conseguiriam (GOLDFIELD,1997).

A FENEIS, fundada em 1930, foi a primeira associação fundada para o ensino de surdos, fundada por um padre surdo, Penido Burnier, também teve iniciação ao incentivo ao esporte e era anteriormente intitulada Federação Nacional de Educação e Integração dos Deficientes Auditivos (FENEIDA), uma entidade dirigida por profissionais ouvintes. Teve seu marco por incentivar as lutas pelos direitos dos sujeitos surdos e até os dias atuais tem um papel de assessorar a educação e também cultura da comunidade surda que teve avanços significativos para a educação dos surdos, tendo como principal busca a utilização da Língua de Sinais e seu reconhecimento no país (ALMEIDA, 2014).

A educação de surdos vem sendo estruturada, pensada, historicamente, em sua maioria por educadores ouvintes e ainda em minoria a participação de educadores surdos. Os traços identitários e culturais constituem o sujeito surdo que se defronta contra as práticas de normalização e hoje podemos contar com Instituições de surdos, escolas de educação inclusiva; dispomos, também, das políticas educacionais que tem a pretensão de um olhar voltado para a educação de qualidade e com equidade.

De acordo com as ideias de Skliar (1999), este infere que a escola possui papel político e a compreensão deste papel é tarefa complexa, devido à fragmentação da sociedade sob as perspectivas racial, social, étnica, linguística, entre outras. Por isso, as estratégias educacionais para a educação bilíngue não podem ser neutras, mas abranger aspectos ideológicos, coerentes e sociais, considerando as diferenças dos saberes dos(as) ouvintes e dos(as) surdos(as) que estão atrelados à constituição do sujeito surdo e presentes nos movimentos surdos, articulados a partir dessas lutas e reivindicações da Comunidade Surda em busca de reconhecimento de sua língua e cultura, o que configura um movimento das pessoas surdas.

Tais movimentos proporcionam a essa Comunidade surda posicionar-se e resistir às práticas ou vintistas dos espaços educacionais; para o movimento surdo, contam as instâncias que afirmam a busca do direito do indivíduo surdo ser diferente nas questões sociais, políticas e econômicas e na educação (PERLIN,1998, p. 71). Esses movimentos se dão a partir dos espaços articulados pelos surdos, como as associações, as cooperativas, os clubes, onde “jovens e adultos surdos estabelecem o intercâmbio cultural

e linguístico e fazem o uso oficial da Língua de Sinais” (FENEIS,1995, p. 10), sendo o principal fator desses movimentos o livre acesso à Língua de Sinais. Tendo como referência para outros municípios a Sociedade de Surdos de Porto Alegre, fundada em 14 de abril de 1962 pelo surdo Levy Wengrover, sendo fundada em 24 de janeiro de 1967 uma colônia de férias dos(as) surdos(as). Atualmente, o Estado conta com diversas Associações de Surdos em alguns municípios, o que auxilia na disseminação da Libras e permite abordar sobre aspectos culturais, políticos e educacionais (FENEIS, 1993).

No bojo das discussões da Educação de Surdos(as), é fundamental, também, contextualizar a questão dos modelos de compreensão da deficiência, no campo da Educação Especial; pela legislação educacional vigente, os(as) estudantes surdos(as) compõem o público-alvo da Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva<sup>2</sup>.

Neste subcapítulo apresentamos o modelo e concepções sobre a surdez diante de um modelo clínico que acredita na “cura” da surdez e um modelo socioantropológico, que hoje predomina na comunidade surda, por defender que a surdez é uma diferença cultural semelhante a de outras minorias, conforme se discorre a seguir.

### 1.1.1 Modelos e concepções de surdez

A surdez, vista sob um olhar clínico que tem por foco a cura ou a medicamentação visando restaurar o “corpo deficiente”, define a surdez como patologia que necessita tratamento, dentro de uma classificação de modelos ou paradigmas sobre a deficiência; segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) tem uma escala de classificação da perda auditiva representada por graus: I - Perda leve: 26 dB a 40 dB; II - Perda moderada, de 41 dB a 60 dB; III - Perda severa, de 61 dB a 80 dB; e IV - Perda profunda, maior que 81 dB.

Quando apenas a perda auditiva é considerada como referência da surdez, cria-se uma suposição de que o grupo de surdos é homogêneo, sendo subdividido pela classificação médica das deficiências auditivas (SKLIAR, 1998).

---

<sup>2</sup> O público-alvo da educação especial é constituído pelos(as) estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação, corroborado pela Lei Brasileira de Inclusão (LBI, 2015) e pela Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (PNEEPEI, 2008).

O modelo social que se opõe ao paradigma clínico não tem por foco as limitações funcionais oriundas da deficiência, mas entende como se dá o resultado das interações pessoais, sociais e ambientais das pessoas com o seu entorno, experiências educacionais desses sujeitos, qualidade de interações comunicativas e sociais, tornando natural a representação social da surdez e o uso da Libras na comunidade ouvinte em que o surdo convive, bem como a família.

Há uma dificuldade em as pessoas compreenderem qual o termo correto a referir-se aos(às) sujeitos(as) surdos(as); pela ausência da audição, há uma crença de que a pessoa surda não desenvolve a fala e referem-se a ela como surdo-mudo(a), mudo(a), deficiente auditivo(a) ou surdo(a); segundo o artigo 2º do Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, considera-se pessoa surda aquela que, mesmo com perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais e manifesta sua cultura, no caso dos(as) sujeitos(as) surdos(as), o uso da Língua Brasileira de Sinais.

Nesse sentido, a surdez é entendida como uma diferença cultural e linguística, que abrange sua constituição histórica e social.

A seguir, apresento sobre a educação bilíngue e o papel do Intérprete de Libras no contexto educacional, bem como as diferentes formas de proporcionar a educação bilíngue e reflexões sobre propostas político-pedagógicas para o ensino bilíngue.

## **1.2 A Educação bilíngue e o papel do TILS Libras**

Ao falar em educação bilíngue, relacionamos o uso de duas línguas dentro do contexto de sala de aula, para se tornar uma realidade, o que necessita que as escolas tomem decisões no que diz respeito às políticas pedagógicas, pois passarão a trabalhar com as duas línguas simultaneamente, sendo essa uma representação da escola.

A condição bilíngue está atrelada à biculturalidade, à convivência nas comunidades surda e ouvinte, exige do surdo formas específicas de organização de si mesmo e imprime traços identitários importantes. Lopes (2011) ressalta que ser bilíngue é uma tarefa complexa e demanda esforço, além disso, o biculturalismo é outro aspecto árduo em uma sociedade que instiga a nos identificar dentro de alguns esquemas e identidades.

Para Quadros (1997), a Libras é um direito da pessoa surda, tendo em vista que a aquisição dessa língua ocorre espontaneamente quando há o convívio com pessoas que utilizam a Língua de Sinais, já a aquisição da língua oral só seria possível de forma sistematizada.

O ensino bilíngue condiz com um currículo que garanta ao professor condições e formação adequada para o trabalho com a classe bilíngue, estruturar o trabalho docente para o trabalho com o uso das duas línguas em um contexto escolar inclusivo. Buscar equidade e compreender que a educação de surdos necessita de um olhar diferenciado por sua singularidade linguística, entender que a educação bilíngue no Brasil com a sanção da Lei nº 14.191/2021 (BRASIL, 2021), que interpõe a educação bilíngue de Surdos na Lei nº 9394/96 - Lei de Diretrizes e Bases (LDB) (BRASIL, 1996) compreende o atendimento a todos os(as) estudantes com deficiência e estudantes surdos(as), desde a educação básica até nível superior.

Para ocorrer, de fato, esse ensino, faz-se necessário pensar a formação dos profissionais que atuarão com os(as) estudantes surdos nas salas de aula e, então, oferecer o ensino bilíngue que a legislação assegura. O Decreto nº 5.626, de 2005, no artigo 22, inciso I, garante à comunidade surda uma escola e classes de educação na modalidade do bilinguismo, com professores bilíngues, nas primeiras etapas de ensino até o fundamental, o que seriam denominadas classes de educação bilíngues, tendo as duas línguas como instrução, como está regulamentado no Decreto nº 7.611/2011 (BRASIL, 2011). Há pouca demanda de escolas que tenham em seu currículo o ensino bilíngue no Brasil, pois são poucos os profissionais que fazem o uso da Língua Brasileira de Sinais, o que recai somente para o profissional Tradutor Intérprete de Língua de Sinais.

A seguir, será discorrido sobre a tradução e interpretação para a Língua de Sinais e sobre o profissional TILS Libras, considerando que a interpretação e a tradução têm diferenças significativas entre ambas.

Ao abordar questões que envolvem o trabalho do TILS Libras, julgo necessário enfatizar sobre a Tradução e a Interpretação e detalhar que é necessário requerer habilidades e conhecimento, pois o modo com o qual realiza-se a tradução ou a interpretação são distintos. Evidentemente, a atuação no campo da educação exige do

TILS Libras um conjunto de conhecimentos e saberes didáticos e pedagógicos específicos (RODRIGUES; SILVÉRIO, 2011).

Deve-se considerar, também, sobre a prática da tradução e interpretação associadas à Língua de Sinais a modalidade visual espacial de acordo com os aspectos identitários e culturais.

### 1.2.1 Os Tradutores Intérpretes de Língua de Sinais (TILS Libras)

Ao aprofundar sobre tradução e interpretação da Língua de Sinais, é necessário entender que na tradução o tempo é ditado pelo tradutor, o seu registro é feito com um suporte e sua modalidade se dá de forma escrita, na qual a interpretação tem seu tempo ditado pelo discurso sinalizante e o registro é reduzido e tem a oralidade como modo (MAGALHÃES JR, 2007).

A interpretação para a Língua de Sinais é um processo cognitivo semelhante ao que ocorre com interpretações entre as línguas orais, portanto, há uma característica a ser ponderada sobre as sentenças construídas espacialmente demandando um esforço físico e cognitivo do profissional que as interpreta. No trabalho com a tradução e interpretação existe a interpretação simultânea e a consecutiva, o que exige do profissional adquirir técnicas de repetição do que está sendo falado, fazendo chegar ao sujeito surdo cada palavra ou ideia informada pelo palestrante ouvinte (MAGALHÃES JR., 2007, p. 44).

É necessário ter uma capacidade extraordinária de memorização e concentração e recursos técnicos, para que se consiga atingir todas as exigências que requer uma tradução simultânea. Já na tradução consecutiva, faz-se necessário haver pausas na fala do palestrante para que o intérprete possa fazer o traslado da língua original (MAGALHÃES JR., 2007, p. 44).

A intenção, nesta pesquisa, foi abordar a constituição desses profissionais e suas ações cotidianas, utilizando documentos que regulamentam essa profissão no país e formação através do Exame Nacional de Proficiência em Libras - PROLIBRAS (2006), Portaria MEC nº 20/2010, que determina a realização do PROLIBRAS pelo Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES. Capacitou muitos profissionais para atuar como TILS Libras em espaços educacionais e demais espaços.

No Brasil, com a Lei de Acessibilidade 10.098/2000, conforme o trecho abaixo extraído, houve um importante movimento para essa área:

Art. 18. O Poder Público implementará a formação de profissionais intérpretes de escrita em braile, linguagem de sinais e de guias-intérpretes, para facilitar qualquer tipo de comunicação direta à pessoa portadora de deficiência sensorial e com dificuldade de comunicação (BRASIL, 2000, p. 04).

Com a crescente mudança nas políticas públicas de inclusão nas últimas décadas, tendo em vista a atenção voltada aos diferentes segmentos das especificidades das pessoas, algumas foram se reconfigurando. A partir da Lei nº 10.436/2002, de 24 de abril de 2002, e do Decreto nº 5.626/2005, que dispõe sobre a formação para atuar como profissional Tradutor/Intérprete de Libras., teve início esse processo de consolidação profissional do intérprete, mas o reconhecimento surgiu apenas com a Lei nº 12.319/2010. As instituições ligadas ao ensino passaram a garantir aos(às) estudantes com surdez essa especificidade de ter um TILS nos espaços educacionais, também estendendo-se a eventos e pronunciamentos públicos como programas televisivos, espaços de saúde, judiciário e espaços públicos em geral.

Atualmente, as ações dos TILS Libras se estendem para além de ser apenas um mediador que atua na tradução e/ou na interpretação, porque essas ações devem estar pautadas e amparadas pelo Código de Ética da categoria, sancionado no dia 13 de abril de 2014, segundo a Federação Brasileira das Associações dos Profissionais Tradutores Intérpretes e Guias-intérpretes de Línguas de Sinais (FEBRAPILS) a qual, em seu preâmbulo, determina que:

- I. A Federação Brasileira das Associações dos Profissionais Tradutores e Intérpretes e Guias-Intérpretes de Língua de Sinais - Febrapils busca alcançar um padrão de profissionalismo e conduta ética entre os tradutores e intérpretes e guias-intérpretes de Língua de Sinais.
- II. Os princípios norteadores deste Código de Conduta e Ética (CCE) devem ser observados de maneira holística e como guia para a prática profissional em âmbito nacional (FEBRAPILS, 2014, p. 01)

O TILS Libras, muitas vezes, busca transpor de várias maneiras aquele sinal que chega até a pessoa surda, muitas vezes, de forma equivocada, tentando pensar as “realidades” sobre determinado assunto a ser traduzido. Esse profissional, entretanto, enfrenta inúmeros desafios e barreiras em suas atuações e práticas diárias profissionais.

Por esses motivos busquei analisar, nesta pesquisa, algumas dessas barreiras a partir do Código de Ética profissional e também as edições do exame de proficiência, intitulado PROLIBRAS.

No esforço de audição e análise (ou de leitura, para Língua de sinais), Gile (1999) explica que também pode-se incluir o esforço de compreensão, pois quando este profissional está atuando a sua atenção deve ser totalmente voltada ao falante. Num contexto de conferências/palestras, o público pode selecionar as informações a serem retidas ao passo que o intérprete em atuação, precisa assimilar todas as informações para transmiti-las após o processo como seu produto final. É relevante salientar que na teoria interpretativa da tradução, de Seleskovitch (1977), a tradução não envolve somente o nível linguístico deste profissional, mas também, e primordialmente, questões de contextos culturais e situacionais, tendo este a função de não somente transcodificar termos de uma língua para outra, mas traduzir sentidos para língua/cultura alvo.

Com base nesta teoria, o princípio ético de distância profissional é contestado, pois se este profissional não pode se envolver na comunidade de seu público-alvo (em nosso caso, na comunidade surda brasileira), não terá a possibilidade de ter um profundo conhecimento de sua cultura para assim poder traduzir sentidos, pois os sentidos, assim como os significados de uma cultura para outra, são distintos.

Esse avanço na profissão foi necessário e importante para consolidar o papel desse profissional que tem a relevância de propiciar a inclusão para o estudante surdo. Por esses motivos, essa pesquisa amparou-se no Código de Ética dos Tradutores e Intérpretes de Língua de Sinais no Brasil, para verificar o que está previsto. Segundo tal Código, documento que está incluído no Departamento Nacional de Intérpretes da Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos (FENEIS), aponta-se uma elevada importância para a conduta esperada na atuação dos TILS Libras. Um código americano similar - *Interpreting for Deaf People* (1965) - serviu como suporte para a elaboração do Código Brasileiro, o qual foi traduzido por Sander (1992), sendo adaptado por representantes dos Estados brasileiros.

As políticas inclusivas vêm se afirmando pouco a pouco e conferindo ao TILS Libras um papel viabilizador de acessibilidade linguística às pessoas com surdez, prevendo a presença desses profissionais em diversos contextos sociais em que a Libras é utilizada como meio de comunicação. Diante disso, visando configurar o campo de ação

possível e as atribuições dos TILS Libras, em 2004, o Ministério da Educação, através do Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos da Secretaria de Educação Especial (SEESP), publicou o Código de Ética abordado e trazido na pesquisa para reflexões e análises. O documento foi elaborado devido a necessidade de aumentar o auxílio deste profissional, em um período de forte luta e movimento surdo por ter acesso a diversos contextos.

A escolha por analisar esse documento teve por base que o mesmo se mantém até os dias atuais. É importante ressaltar que existem outros documentos que tratam desses assuntos, tais como o da FEBRAPILS (Federação Brasileira de Profissionais Tradutores Intérpretes de Língua de Sinais) que criou o seu próprio Código de Ética, mantendo alguns e reformulando outros princípios do código de conduta e ética, contudo, esse documento do ano 2004 é o mais utilizado.

Pretendeu-se mostrar através de relatos de experiências de TILS Libras sobre as atribuições no campo de suas ações ancoradas no Código de Ética que nada mais é do que um documento de conduta em que estabelece a todos um mesmo comportamento ético em seus diversos contextos de atuação, inclusive, em sala de aula como (2014). Dentro deste processo investigativo, abordou-se sobre os imensos desafios enfrentados pelos TILS Libras diante das diferentes proficiências na Língua de Sinais.

Quanto à tradução ou interpretação simultânea ou consecutiva, para compreender o que é dito e, ao mesmo tempo, proporcionar o entendimento entre pessoas que utilizam duas línguas diferentes, requer uma postura ética e dedicação permanente aos estudos e aprimoramento constante. Sobral (2008) argumenta que seria papel do TILS Libras, nas suas interfaces entre surdos e ouvintes, esclarecer sobre os direitos, deveres, atribuições e limites para seu trabalho de interpretação; nesse sentido, fez-se algumas apreciações sobre o que está estabelecido no Código de Ética.

### **1.3 A Educação Inclusiva, a Educação de surdos(as) e o profissional TILS Libras: aproximações**

A Educação Inclusiva foi citada neste capítulo considerando as singularidades da surdez na perspectiva da inclusão. Nesta etapa apresentamos fundamentações que estruturam e regem a educação inclusiva no Brasil.

Ao refletir sobre o conceito de educação inclusiva, entendemos que, a partir do princípio de que a Educação é direito de todos(as), portanto, assegurado na Constituição Federal, que estabelece o direito das pessoas com deficiência receberem ensino (BRASIL 1988), dentre elas, as pessoas surdas, estendemos também esta reflexão para a educação desse segmento.

No caso dos(as) estudantes surdos(as) brasileiros(as), é o TILS Libras o profissional capacitado para mediar e viabilizar parte do processo educacional desde a Educação básica até o nível superior. Considerando as singularidades da surdez na perspectiva da educação inclusiva, mostramos os desafios envolvidos nos processos de ensino e aprendizagem, o que exige da inclusão conhecimentos que superam estratégias de apenas mudar a metodologia, por exemplo, mas um entrelace, a partilhar, de uma cultura e língua. Considerando a regimentação da educação inclusiva no Brasil, o Decreto nº. 5.626/2005 (BRASIL, 2005) garante ao sujeito surdo o ensino bilíngue.

Ao tratar de inclusão escolar, se faz necessário pensar a diversidade; somos remetidos às "diferenças", termo esse que nos faz buscar saber mais sobre a teoria e a prática docente; a alternativa para efetivar a inclusão está em transformar a estrutura educacional, buscando recursos, e consolidar com as políticas públicas. A educação inclusiva é exposta como um paradigma educacional que propõe uma reflexão histórica do quanto as pessoas com deficiências foram excluídas do sistema de ensino regular, considerando a dicotomia entre normal/anormal e as divisões que ocorreram entre ensino especial, classes especiais/escolas especiais e ensino comum, com vistas a todos estarem em classes comuns (PNEEPEI, 2008).

Nesse sentido, a educação inclusiva propõe deixar de lado o seletivismo e busca transformar o fazer pedagógico, voltar olhar para o todo, sem distinção. Dentro desta transformação, pensar a inclusão para o(a) estudante surdo(a), usuário da Língua de Sinais, para comunicar suas especificidades. A legislação vigente no Brasil em torno da inclusão de surdos(as) é extensa e traz consigo discurso e participação dos(as) surdos(as) e um vasto histórico de lutas e conquistas que tornaram um marco na história da inclusão para este segmento.

Dentro desse escopo, é importante abordar, também, sobre as barreiras e acessibilidade pedagógica enfatizando sobre a importância da acessibilidade para a

eliminação das barreiras comunicacionais em relação à inclusão dos(as) estudantes surdos(as) nos espaços educacionais.

#### **1.4 Barreiras e acessibilidade pedagógica**

As barreiras da comunicação influenciam no desenvolvimento escolar e social de estudantes com surdez. As escolas regulares estão cada vez mais se esforçando para se tornarem inclusivas, mas professores(as) e demais profissionais ainda não se sentem seguros(as) e preparados(as) para a inclusão; ressalta-se que no processo de inclusão de estudantes com surdez em âmbito escolar, apresentam-se diversas barreiras na comunicação.

O direito pleno de acesso dos(as) estudantes com deficiência de estar matriculados(as) em escolas de ensino regular, conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN/96), especialmente no Capítulo V, Artigos 58 e 59, mostra que a Educação Inclusiva é um princípio da educação que desafia educadores(as), pais, estudantes com deficiências e demais profissionais ligados à educação. A escola é incentivada a ensinar a todos(as), tendo que ajustar-se diante das necessidades de cada estudante, de forma que não só favoreça a permanência, mas contribua efetivamente para que a aprendizagem se efetive com qualidade, num espaço educacional comum, no qual existem diferenças, mas não desigualdades.

Estudantes com surdez enfrentam dificuldades no processo escolar, a falta de preparo das escolas e de materiais adequados para ministrar as aulas e ausência de comunicação adequada, o que se torna uma barreira pedagógica, de ensino-aprendizagem. A Lei nº 10. 098 estabelece, em seu artigo nº 17, que:

O Poder Público promoverá a eliminação de barreiras na comunicação e estabelecerá mecanismos e alternativas técnicas que tornem acessíveis os sistemas de comunicação e sinalização às pessoas portadoras de deficiência sensorial e com dificuldades de comunicação, para garantir-lhes o direito de acesso à informação, à comunicação, ao trabalho, à educação, ao transporte, à cultura, ao esporte e ao lazer.

As barreiras que as pessoas com deficiência enfrentam são, em sua maioria, a falta de acessibilidade e discriminação, bem como preconceito de que ser uma pessoa com deficiência é um ser incapaz ou ineficiente (capacitismo). Diante disso, a

acessibilidade sempre foi atribuída à eliminação de barreiras (GIL, 2006); tornar acessível é possibilitar às pessoas com deficiência acesso a todos os espaços e ambientes públicos ou privados, assim como a escola. A Declaração Universal dos Direitos Humanos, na organização das Nações Unidas (ONU, 1948) traz a afirmação de que “Todo ser humano tem direito à liberdade de locomoção”, incentivando o fim das barreiras arquitetônicas há mais de cinco décadas; mesmo com esse avanço, ainda há a necessidade de mudanças nos espaços pedagógicos.

Além das barreiras arquitetônicas, temos as barreiras atitudinais onde há uma predisposição desfavorável de uma pessoa em relação a outra, por ser esta consideravelmente diferente, quanto às condições vistas como ideais (AMARAL, 1998, p. 17). As barreiras comunicacionais são entendidas como obstáculo ou entrave que dificulta a expressão, vista como impedimento de inclusão e acesso pleno de estudantes com surdez em escolas de ensino regular.

A partir de uma estrutura didática constituída por seis dimensões da acessibilidade (SASSAKI, 2009), a dimensão comunicacional na área educacional mostra que há necessidade de um ensino básico em Língua de Sinais para comunicar com os(as) estudantes com surdez, fazer uso de fotos, imagens, figuras para, então, tornar mais compreensível o conteúdo/o conhecimento a esses(as) estudantes. Conforme disposto pelo Conselho Nacional de Educação, na Câmara de Educação Básica (CNE/CEB nº 2, de 11/09/2001), no art. 12, inciso 2º, assegura-se no processo de educação, aos(às) estudantes que apresentem dificuldade na comunicação e sinalização, a plena acessibilidade aos conteúdos curriculares.

De acordo com o Decreto nº 6.253 e Decreto nº 7.611, todas as pessoas com deficiência auditiva e surdez tem direito à educação especializada, que conhecemos como Atendimento Educacional Especializado (AEE), onde o(a) estudante tem direito ao reforço da Língua Portuguesa, Libras e outras habilidades que o auxiliarão no desenvolvimento da aprendizagem dentro do espaço educacional. Desse modo, busca-se romper com as barreiras comunicacionais no processo de ensino-aprendizagem do(a) estudante surdo(a), por meio de dispositivos legais e estruturas específicas, propiciando acessibilidade pedagógica e atitudinal.

## **PARTE II: DEMARCAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA DA PESQUISA INTERVENTIVA**

Após a delimitação do marco teórico-conceitual que fundamenta os princípios da pesquisa realizada, esta segunda Parte desta Dissertação apresenta as escolhas e estrutura teórico-metodológica escolhida para dar conta do estudo. Dessa forma, apresenta-se uma revisão integrativa de literatura, seguida da demarcação metodológica pela qual realizou-se a aplicação dela.

### **2.1 Revisão integrativa da literatura**

Para a análise da revisão de literatura buscou-se embasamento por meio de uma **revisão sistemática integrativa**, segundo Mendes, Silveira e Galvão (2008), que tornou possível conhecer a análise do conhecimento científico já que foi produzido sobre os temas investigados nessa pesquisa.

A importância da revisão sistemática da literatura é de tal ordem que possibilita contextualizar um estudo e, ao mesmo tempo, proceder a uma análise e síntese do seu referencial teórico. Estes dois aspectos são determinantes para compreender o estado da arte acerca de determinado assunto e, simultaneamente, abrir perspectivas para que o investigador acrescente contributos fiáveis e credíveis para a comunidade científica e para a sociedade em geral (FARIA, 2019, p. 14).

Com base nos dados da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), Portal Scielo e Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES e seguindo a metodologia deste tipo de revisão, iniciou-se a busca pelas palavras-chave “educação de surdos”, “educação bilíngue”, “educação inclusiva” e “tradutor/intérprete de Língua de Sinais”, tendo relação com o tema principal desta pesquisa, para a indexação do tema pesquisado na plataforma CAPES.

Como critério metodológico para realizar a revisão, organizou-se de acordo com o quadro a seguir:

**Quadro 1:** Dados da busca da Revisão da Literatura

<b>Definição da questão desta pesquisa</b>	Pensar sobre como seria possível o TILS Libras agir com imparcialidade e manter-se apenas como um veículo da comunicação?
<b>Definição das palavras-chave</b>	Educação de Surdos. Educação de Bilíngue. Tradutor/Intérprete de Língua de Sinais. Educação Inclusiva.
<b>Definição dos booleanos (AND, OR, NOT)</b>	(educação surdos) AND (Educação Bilíngue); (((“Educação surdos”) AND (“Tradutor Intérprete de Língua de Sinais); (Educação de surdos) OR (“Educação Inclusiva”)); (Educação Bilíngue) AND ((Tradutor Intérprete de Língua de Sinais); (Educação Bilíngue)) OR (Tradutor Intérprete de Língua de Sinais); ((Intérprete de Língua de Sinais)) AND (Educação Inclusiva)))
<b>Seleção de base dos dados</b>	Catálogo de Teses e Dissertações - CAPES Portal <i>Scielo</i> Biblioteca Digital de Teses e Dissertações - BDTD
<b>Crítérios de Inclusão e Exclusão</b>	Período: 2010 a 2020 Área: Educação / periódicos

Fonte: Autora (2023), adaptado conforme Mendes, Silveira e Galvão (2008).

Após a aplicação dos elementos e critérios apresentados no Quadro x, foram identificados textos potenciais para a revisão, de acordo com as três bases de dados escolhidas, que serão apresentadas na sequência: 1. Catálogo de Teses e Dissertações - CAPES; 2. Portal *Scielo*; e 3. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações - BDTD.

**Quadro 2:** Sistematização dos artigos – CAPES

<b>Autor</b>	<b>Título do Artigo</b>	<b>Ano</b>	<b>Qualis</b>	<b>Origem</b>
Severina Mariana da Silva Almeida	O papel do intérprete de libras no processo ensino-aprendizagem	2017	B3	UFPB
Juliana Silva Pêra Viana Sandra Elaine Aires de Abreu	O papel do intérprete de libras no processo de ensino e aprendizagem do surdo e a necessidade das escolas bilíngues em libras no Brasil	2020	A2	UEG
Renata Maria da Silva Franco Claudia Gomes	Educação inclusiva para além da educação especial: Uma revisão parcial das produções nacionais	2020	B1	UNIFAL
Cristiane Lima Terra Fernandes Carmem Baldino	A mediação do conhecimento científico na educação bilíngue de estudantes surdos	2018	L13	UFVJM

Fonte: Autora (2023)

**Quadro 3:** Sistematização dos artigos - Portal ScieLo

<b>Título/ano</b>	<b>Autor/Instituição Área</b>	<b>Gênero</b>	<b>Objetivos/temática/foco do estudo</b>	<b>Principais autores</b>	<b>Principais resultados</b>
As funções do Intérprete Educacional: entre práticas sociais e políticas educacionais (2018)	Neiva de Aquino Albres; Carlos Henrique Rodrigues UFSC	Artigo	Analisa trechos de um documento publicado pela secretaria Municipal de educação de Florianópolis	ALBRES, N.; BAKHTIN, M.	Os papéis do intérprete educacional se definem na fusão da prática intérprete à ação pedagógica
O trabalho do Intérprete de Libras na escola: um estudo de caso	Keli Simões Xavier e Ivone Martins de Oliveira	Artigo	Identificar possíveis papéis que o intérprete pode ocupar nesse novo espaço educacional, contexto em que foi recentemente inserido através da política de educação inclusiva	SKLIAR, C.; QUADROS, R. M.; FERNANDES, E.	

Fonte: Autora (2022).

**Quadro 4:** Sistematização dos artigos - Biblioteca de Dissertações e Teses (BDTD)

Título/ Ano	Autor/Insti tuição Ano	Gênero	Objetivo/Temática/ oco do estudo	Principais autores	Principais resultados
O fazer do Intérprete educacional: práticas, estratégias e criações.	Lara Ferreira dos Santos 2016	Tese	Desvendar o que há por trás do trabalho de interpretação de uma língua para outra, que fatores influenciam positiva ou negativamente, à atuação do IE, considerando a sua autoria, o impacto do discurso de outrem, a polissemia das línguas em jogo e, especialmente, a criação ou transcrição.	Bakhtin (2009, 2010)	A relevância da reflexão sobre sua própria prática, um profissional que não tem questionamentos, dúvidas, angústias, acaba se acomodando às práticas do cotidiano. Para promover essa reflexão é necessário que ele se veja atuando, que se coloque no lugar do outro, tentando significar e dar sentido a si mesmo. Por meio da visualização de seus erros, seus acertos, suas escolhas, suas criações e transcrições, podendo prosperar em sua profissão e progredir em seus conhecimentos e práticas, tornando a interpretação mais adequada e efetiva.

Fonte: Autora (2022).

2.1.1 Análise dos textos selecionados: a construção da revisão

Por fim, concluídos os levantamentos em cada uma das bases, para efetivo trabalho de revisão integrativa, foram selecionados cinco textos para revisão. Pode-se inferir, inicialmente, que com base nas buscas realizadas, foi possível perceber a ausência de estudos correlacionados à atuação do Tradutor Intérprete de Língua de Sinais no processo de ensino-aprendizagem com foco nos desafios, barreiras e alternativas pedagógicas. Embora os trabalhos tenham por objetivo falar sobre o TILS e a

inclusão do(a) estudante com surdez, poucos estudos voltados aos desafios e alternativas que esse profissional desprende para atuar e manter-se imparcial diante de uma interpretação simultânea, ou não. A maioria dos trabalhos encontrados abordam sobre o papel do Tradutor Intérprete e seus deveres enquanto profissional em sala de aula e priorizam a inclusão do(a) estudante com surdez, de extrema importância, mas diante das barreiras e desafios encontrados pelos TILS, é necessário buscar alternativas pedagógicas para romper essas barreiras.

Os cinco trabalhos selecionados refletem os temas propostos na dissertação, bem como trazem conceitos que puderam contribuir com a bibliografia estudada, conforme pode-se perceber na descrição a seguir.

**Quadro 5:** Levantamento dos trabalhos relacionados ao tema de pesquisa

<b>Título</b>	<b>Autor</b>	<b>Tipo</b>	<b>Ano</b>	<b>Origem</b>	<b>Objetivo</b>
O papel do intérprete de libras no processo ensino-aprendizagem	Severina Mariano da Silva Almeida	Tese	2017	UFPB	Analisar o papel do intérprete da Língua de Sinais, em se tratando de sua estrutura e características próprias de atuação e particularmente das dificuldades de apresentar essa língua aos demais campos acadêmicos para facilitação da comunicação por meio de uma padronização nacional.
O papel do intérprete de libras no processo de ensino e aprendizagem do surdo e a necessidade das escolas bilíngues em libras no Brasil	Juliana Silva Pêra Viana Sandra Elaine Aires de Abreu	Artigo	2020	UEG	Propor uma reflexão quanto ao papel do intérprete de Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) na formação educacional do aluno surdo bem como sua inclusão em práticas que envolvem a comunicação e relação entre pessoas surdas e ouvintes.
Educação inclusiva para além da educação especial: Uma revisão parcial das produções nacionais	Renata Maria da Silva Franco Claudia Gomes	Artigo	2020	UNIFAL	Analisar os indicadores de discussão das proposições educacionais inclusivas na perspectiva da democratização de oportunidades escolares para alunos com necessidades educacionais especiais.

Educação de surdos e inclusão: Caminhos e perspectivas atuais	Emiliana Faria Rosa	Artigo	2011	UFBA	Fazer um paralelo nos caminhos da educação de surdos, observando o passado, o presente e o futuro. Encontrar marcas essenciais para o entender do desenrolar dos acontecimentos, além da exposição de valores essenciais a mudanças e melhorias para a educação, incluindo o uso e divulgação da língua de sinais.
A mediação do conhecimento científico na educação bilíngue de estudantes surdos	Cristiane Lima Terra Fernandes Carmem Baldino	Artigo	2018	UFVJM	Apresentar as possibilidades de exploração dos conteúdos em escolas bilíngues que atendem estudantes surdos (que têm como primeira língua a Libras e, como segunda, a Língua Portuguesa escrita.

Fonte: Autora (2022).

O primeiro trabalho é uma tese e tem como título “O papel do intérprete de libras no processo ensino-aprendizagem” e dá ênfase à inclusão do(a) estudante surdo. O tema corrobora com a temática desta pesquisa uma vez que aborda e analisa o papel do Intérprete da Língua de Sinais, em se tratando de sua estrutura e características próprias de atuação e, particularmente, das dificuldades de apresentar essa língua aos demais campos acadêmicos para facilitação da comunicação por meio de uma padronização nacional. De acordo com Quadros (2004, p. 27), o tradutor intérprete de Língua de Sinais é um profissional que domina a Língua de Sinais e a língua falada do país e que é qualificado para desempenhar a função de intérprete da Libras; assim, no Brasil, o intérprete da Língua de Sinais deve dominar a Língua Brasileira de Sinais e a língua portuguesa. A comunicação entre professores e estudantes surdos(as) só ocorre de forma plena quando o primeiro adquire a Libras como L1 ou o segundo adquire o português como L2 (LACERDA, 2000). O intuito foi verificar se a proposta formativa atual visa atender a demanda legal do Decreto 5.626 (BRASIL, 2005) em relação ao papel do TILS em sala de aula que garante ao(à) estudante com surdez a presença de um Tradutor Intérprete de Língua de Sinais em sala de aula.

Analisou-se a proposta de abordagem e análise do papel do TILS para uma atuação em salas onde a língua de instrução não é a Libras. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, com investigação descritiva. A pesquisa é do tipo documental com

dados coletados nas diretrizes vigentes para a atuação do TILS e o uso da Língua Brasileira como Cegalla (2005), (Mendes, 2006). A Constituição do Brasil de 1988, no Art. 208, faz referência à inclusão de estudantes com deficiência, determinando que o atendimento prestado a tais alunos deve ocorrer preferencialmente na rede regular de ensino (BRASIL, 1988). Em consonância, tem-se a Lei de Diretrizes e Bases (LDB), nº 9.394/1996 (BRASIL, 1996). A presença do intérprete de Libras para mediar a comunicação em sala de aula é de suma importância, no entanto, não é possível incluir um(a) estudante surdo(a) em uma sala de aula regular apenas com a presença do intérprete, sem que a comunidade escolar se envolva no processo, garantindo a efetividade do ato inclusivo. O trabalho traz como conclusão que o sistema de educação disponibilize para as escolas os recursos necessários ao processo de inclusão do(a) estudante com surdez e que o papel do Intérprete é de suma importância, porém, não é possível incluir um(a) estudante surdo(a) em uma sala de aula regular apenas com a presença do intérprete, sem que a comunidade escolar se envolva no processo, garantindo a efetividade do ato inclusivo.

O segundo trabalho é um artigo cujo título é “O papel do Intérprete de LIBRAS no processo de ensino aprendizagem do surdo e a necessidade das escolas Bilíngues em Libras no Brasil”; mostra uma temática correlata ao tema desta pesquisa, trazendo uma reflexão quanto ao papel do Intérprete de Língua de Sinais na formação educacional e a inclusão do(a) estudante com surdez, no contexto em que esse se insere à prática que envolve a sua comunicação, reconhecimento vindos através da Lei nº 12.319, de 1º/09/2010. Essa pesquisa defende que a criança surda deve ser ensinada com sua Língua materna como primeira língua e, a Portuguesa, como segunda e se embasa em autores como Kubaski; Moraes (2009). Tem por objetivo fazer uma análise sobre o papel do intérprete de LIBRAS no processo de ensino e aprendizagem do(a) surdo(a). Essa análise se configurou por meio de uma busca qualitativa e bibliográfica e análise documental; sobre esta, os dados foram coletados a partir desses autores Lima e Moreira (2015), Mori e Sander (2015), Moura, Freire e Félix (2017), Oliveira e Lima (2019), Olizaroski (2013), Schulnzen, Benedetto e Santos (2013), Silva e Silva (2016), Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002, Constituição Federal, Declaração de Salamanca/1994. Este trabalho abordou sobre a ética do profissional ao manter-se na conduta em suas práticas quanto a sua vigência, concluindo que o intérprete de Libras tem função

essencial na educação de surdos(as). Embora com os obstáculos existentes em torno de sua atuação, muitas vezes ultrapassa de seu papel e faz o papel de professor do(a) estudante com surdez; assim, o trabalho reflete sobre qual a melhor solução para definir o verdadeiro papel deste profissional no ambiente educacional.

O terceiro trabalho trata-se de um artigo de revisão, o qual tem por título “Educação inclusiva para além da educação especial: Uma revisão parcial das produções nacionais”; aborda sobre a importância dos debates educacionais inclusivos para além do público-alvo da educação especial, tendo como objetivo a análise dos indicadores de discussão das exposições educacionais na inclusão sob uma perspectiva de buscar oportunidades para alunos com necessidades educacionais especiais em escolas não relacionadas à deficiência. Esse trabalho teve como metodologia o “Estado do conhecimento” e refere-se à “identificação, registro, categorização que levem à reflexão e síntese sobre a produção científica de uma determinada área, em um determinado espaço de tempo” (p. 102.).

Morosini e Fernandes (2014, p. 102), discutindo sobre legislação e políticas voltadas para novos paradigmas sobre educação destacando a garantia de acesso e permanência de alunos com deficiência ao ensino regular, com pesquisa qualitativa do tipo exploratória. Conforme Gil (2002, p. 41), pesquisas exploratórias têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses, incluindo levantamento bibliográfico e entrevistas. O mesmo autor (p. 42), ressalta que o estudo descritivo tem como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno. Pautou-se em estudos na Lei de Diretrizes e Bases da Educação conforme seu artigo nº 87 que trata sobre a formação dos professores para o trabalho com alunos com necessidades educacionais específicas. Este trabalho teve por conclusão que um dos parâmetros para o acompanhamento do avanço das proposições inclusivas é a de que incluir é democratizar as condições de permanência dos alunos com necessidades educacionais especiais, não atreladas especificamente a deficiências; necessita aproximar-se dos debates políticos, sociais, pedagógicos defendidos pelos diferentes documentos e promulgações às realidades das escolas, a partir de formatos relacionais que objetivem a constituição de ações educacionais e escolares que promova o desenvolvimento aos alunos.

O quarto trabalho analisado tem como título “Educação de surdos e inclusão: caminhos e perspectivas atuais”; este trabalho objetivou traçar um paralelo nos caminhos da educação de surdos, observando o passado, o presente e o futuro. Na busca por marcas essenciais para o entender do desenrolar dos acontecimentos, além da exposição de valores essenciais a mudanças, visando melhorias na educação, apresenta documentos que respaldam a inclusão, como o Decreto Legislativo nº 186/2008, no qual se lê: "Art. 24 - Parágrafo 2". Medidas de apoio individualizadas e efetivas sejam adotadas em ambientes que maximizem o desenvolvimento acadêmico e social, de acordo com a meta de inclusão plena” (BRASIL, 2008), trazendo um apanhado de como foi, como está sendo e como será futuramente a educação de surdos(as). Como conclusão, este trabalho mostra que não há como concluir quando o tema é educação, pois este é um processo contínuo. Não temos como saber o que será no futuro, há possibilidades de melhorias na organização do que está sendo hoje para o futuro. Diante dos desafios da educação é necessário basear-se na compreensão do respeito à cidadania, pluralidade cultural, dos conhecimentos e da formação de um sujeito crítico e participativo (SANTOS, 2010). A educação de surdos(as) se faz por todos que participam dela e a propagação da Língua Brasileira de Sinais se dará nos espaços educacionais e sociais por aqueles que participam dela. É assim que as Leis existem, porém cada um tem que ter sua parcela de contribuição para que a inclusão deste(a) estudante aconteça de fato.

O quinto trabalho traz como título “A mediação do conhecimento científico na educação bilíngue de estudantes surdos”, tendo uma aproximação com o tema desta pesquisa, porém, este artigo tem por objetivo apresentar as possibilidades de exploração dos conteúdos em escolas bilíngues que atendem estudantes surdos. Esses espaços têm como primeira língua a Língua Brasileira de Sinais – Libras e, como segunda língua, a Língua Portuguesa escrita. Abordando sobre o bilinguismo, que é uma proposta de ensino encontrado em escolas que se propõe a adequar-se para o ensino de alunos surdos, tendo como primeira língua a sua língua natural e segunda língua a Língua Portuguesa, propiciando ao surdo um melhor desenvolvimento em sua escolaridade. Para Lacerda e Mantelatto (2000), ambos afirmam que “o bilingüismo visa à exposição da criança surda à língua de sinais o mais precocemente possível, pois esta aquisição propiciará ao surdo um desenvolvimento rico e pleno de linguagem e, conseqüentemente, um desenvolvimento integral” (p. 21). Como conclusão, este trabalho considera o uso da

linguagem no ensino como fundamental e a importância de o professor bilíngue conhecer a sinalização do estudante surdo para utilizar os sinais que ele conhece e, a partir deles, começar a introduzir léxicos cada vez mais aprofundados, que permitirão compreender o conhecimento científico tornando, assim, fundamental o papel deste professor bilíngue em aproximação com cada estudante e perceber a relevância para o visual, adaptando as atividades pedagógicas, buscando estratégias através de vídeos e imagens.

## **2.2 Referencial teórico-metodológico: caminhos de uma intervenção por Grupo Focal**

A metodologia é o estudo do conjunto de processos e equipamentos utilizados para encontrar resposta para as questões colocadas à pesquisa. Nesse entendimento, este subcapítulo descreve os caminhos metodológicos do estudo em tela, no qual apresenta-se de forma detalhada a execução da pesquisa realizada, conforme disposto a seguir. Serão apresentados o tipo de pesquisa e os métodos e procedimentos adotados para o desenvolvimento do trabalho, com objeto de estudo e técnicas utilizadas nas atividades de pesquisa.

### **2.2.1 Tipo de pesquisa**

A **pesquisa de intervenção** foi a tipologia de pesquisa que melhor acolheu a proposta e o tema deste estudo, uma vez que buscou compreender um fenômeno no seu contexto e também permitiu a interação da pesquisadora com o fenômeno e sujeitos participantes desta pesquisa, tornando uma pesquisa transformadora da realidade experienciada por todos(as) pessoas envolvidas, pois favoreceu as discussões e produções cooperativas tornando o trabalho compartilhado do grupo envolvido ampliado e produtivo, com base qualitativa e participativa.

A pesquisa de intervenção estabelece um plano de desempenho entre a elaboração para obter conhecimento e a transformação da realidade, mostrando sujeitos e objetos, em um processo de subjetivação e objetivação (ROSSI; PASSOS, 2014). Além disso, compõe dispositivos de intervenção dando um sentido político pertencente a toda pesquisa (RODRIGUES; SOUZA, 1987), tendo um momento de

produção teórica e, da produção do objeto, como também do sujeito do conhecimento (ROSSI; PASSOS, 2014). Sendo assim, pode ser utilizada em inúmeras áreas de conhecimento. A principal característica é o envolvimento do sujeito pesquisado, podendo ser esse sujeito participante desde o planejamento até a execução da pesquisa que sempre partirá de um problema (MOREIRA, 2008).

Os princípios que norteiam a pesquisa intervenção são:

- a) considerar as realidades vivenciadas; e
- b) preservar o compromisso ético e político de produção das práticas.

A pesquisa de intervenção tem como características de aplicação, ainda, a obrigatoriedade de que deve acontecer dentro do contexto pesquisado e o(a) pesquisador(a) deve atuar como mediador(a) que articula, organiza encontros, sistematiza vozes e saberes produzidos pelos sujeitos da pesquisa, agindo num processo de escuta ativa. A interação entre o(a) pesquisador e os(as) sujeitos(as) da pesquisa deve ser pautada por experiências cotidianas e práticas do coletivo sistematizadas, que permitam descobertas e considerações teórico-metodológicas. Para Basset (2008, p. 12), “[...] a partir do momento em que o pesquisador entra no contexto em que se dá a pesquisa, suas perguntas e propostas já se constituem numa intervenção”.

Outra questão importante é o fato de que, afirma Moreira (2008, p. 403), a pesquisa de intervenção só acontecerá se houver um problema comum a ser solucionado.

A metodologia buscou percorrer o caminho ao longo da pesquisa, no qual procurou-se construir junto ao grupo de TILS Libras sinais e estratégias pedagógicas para a superação de barreiras que surjam no processo de aprendizagem de estudantes com surdez, pois entendemos que a presença deste profissional é uma das alternativas para que se rompam as barreiras enfrentadas junto aos(as) estudantes com surdez em sala de aula inclusiva, contexto-comum de atuação destes profissionais.

### 2.2.2 Fases da pesquisa intervenção

Conforme Bauer e Gaskel (2002), o método das pesquisas do tipo intervenção pedagógica envolve planejamento e implementação de uma interferência e a avaliação de seus efeitos. Assim, como já discutido, nos relatórios desse tipo de pesquisa, na parte dedicada a apresentar o método, devem ser identificados e separados esses dois

componentes principais: o método da intervenção (método de ensino) e o método da avaliação da intervenção (método de pesquisa propriamente dito).

Fazemos essa recomendação de descrever esses dois componentes do método da pesquisa porque, a nosso ver, a maneira como vêm sendo apresentadas algumas das intervenções levadas a cabo na área da Educação – a saber, sem a devida separação entre tais componentes – prejudica a identificação desse tipo de trabalho como pesquisa e dificulta o entendimento do processo investigativo, que é complexo, justamente porque inclui esses dois componentes. O método da intervenção deve ser descrito pormenorizadamente, explicitando seu embasamento teórico. No caso de uma intervenção em sala de aula, por exemplo, a descrição deve abordar o método de ensino aplicado, justificando a adoção das diferentes práticas específicas planejadas e implementadas. Aqui, o foco do autor do relatório deve estar voltado somente à sua atuação como professor (agente da intervenção). Deve-se evitar a inclusão, nesse item do relatório, de informações relativas à atuação do autor como pesquisador (ou seja, evitar descrições sobre o método de pesquisa propriamente dito: coleta e análise de dados para a avaliação da intervenção, mesmo que sejam utilizados durante ela). Tal inclusão, que temos observado ser recorrentes, pode causar problemas no entendimento da proposta implementada, para quem quiser aplicá-la (especialmente se o profissional tiver pouca experiência com pesquisa). Os práticos que desejarem utilizar os achados da intervenção estarão, provavelmente, mais interessados na maneira de efetivá-la, embora necessitem certificar-se de sua validade a partir da avaliação do método da pesquisa (BAUER e GASKEL, 2002).

A descrição do método da intervenção, como já frisado, deve ser o mais detalhada possível. Entretanto, é aconselhável evitar repetições. Para alcançar esse propósito, é vantajoso utilizar um recurso que auxilia bastante a tarefa descritiva: a apresentação de um protótipo ou exemplo da ação implementada, quando ela se efetiva diversas vezes. Em casos nos quais a intervenção consiste na aplicação de inovações pedagógicas, ao longo de um determinado período, sugerimos incluir a descrição de uma “aula típica” que possa, resumidamente, ilustrar as ações levadas a cabo no processo interventivo.

O método de avaliação da intervenção tem o objetivo de descrever os instrumentos de coleta e análise de dados utilizados para capturar os efeitos da

intervenção. Aqui, o pesquisador deve apresentar esses instrumentos justificando seu uso a partir de ideias provenientes da teoria metodológica. A descrição desses instrumentos, bem como a justificativa para seu uso, assemelha-se às incluídas em qualquer tipo de pesquisa empírica (ROCHEFOR, 2012).

A avaliação da intervenção também tem sido apresentada de maneira que não favorece seu completo entendimento, já que ela é igualmente composta por dois elementos: os achados relativos aos efeitos da intervenção sobre seus participantes e os achados relativos à intervenção propriamente dita.

No caso desta pesquisa, no primeiro momento da análise, foram apresentados os dados oriundos da fase diagnóstica do projeto de pesquisa intervenção realizada no ano de 2021. O instrumento de pesquisa no formato questionário, foi enviado online através do *Google forms*, disponível na plataforma *Google*. O instrumento de pesquisa contém questionamentos de cunho dissertativo (abertos), bem como perguntas para marcação de uma única alternativa.

a. Dialogar sobre a tradução e a interpretação dentro das experiências de cada sujeito da pesquisa;

b. Compreender a atuação do profissional TILS Libras no processo de ensino-aprendizagem de estudantes com surdez em contexto escolar inclusivo e as diversas situações apresentadas como desafios à prática destes profissionais no processo de inclusão escolar;

c. Analisar o Código de Ética da profissão de TILS Libras e demais normativas e diretrizes vigentes a respeito desta atuação profissional, a fim de perceber os parâmetros para atuação pedagógica escolar;

d. Propor uma reflexão acerca do fazer ético dos TILS Libras em relação aos pressupostos da educação inclusiva, tendo em vista o direito de pleno acesso à comunicação, informação e formação dos estudantes com surdez;

e. Resgatar a percepção dos desafios à prática dos TILS Libras no processo de ensino aprendizagem em contexto escolar inclusivo, observando barreiras e alternativas pedagógicas, identificadas em suas narrativas.

O material foi separado de acordo com cada fase da pesquisa buscando fazer uma leitura aprofundada para saber o que cada sujeito pesquisado teve como percepção de cada ponto a ser trabalhado nessa análise interventiva, através das experiências e

saberes de cada um profissional participante das rodas de conversa para possíveis hipóteses que possam surgir, contando com a presença da pesquisadora como participante da pesquisa.

Para Basset (2008, p. 12), “[...] a partir do momento em que o pesquisador entra no contexto em que se dá a pesquisa, suas perguntas e propostas já se constituem numa intervenção”. Tendo em comum a todos os(as) participantes desta pesquisa a profissão e atuação como Tradutores intérpretes de Língua de Sinais que atuam em salas de aula, que necessitam manter-se imparcialmente nas suas Traduções e Interpretações simultâneas ou consecutivas, tendo desafios e superações a passar, agindo e colaborando para a inclusão do aluno com surdez. Moreira (2008, p. 403), a pesquisa de intervenção só acontecerá se houver um problema comum a ser solucionado.

Durante a última etapa denominada tratamento dos resultados, inferência e interpretação, os dados foram organizados em tabelas a fim de tornar mais prático e organizado as informações fornecidas durante a análise. Os dados produzidos na primeira análise (fase diagnóstica), foram fundamentais para a proposição da intervenção realizada, uma vez que possibilitaram à pesquisadora conhecer a trajetória dos sujeitos investigados; os temas apresentados a cada encontro contaram com a apresentação de um objetivo específico para ser debatido e trabalhado.

Os sujeitos desta pesquisa tiveram as mesmas percepções sobre o tema abordado nas fases da pesquisa o que esclarece que os TILS têm as mesmas impressões e perpassam pelas mesmas dificuldades no curso de sua atuação. Pelo tema, optou-se pela pesquisa de abordagem qualitativa, pois seus pressupostos são arraigados à concepção de que, para se compreender fenômenos sociais, é necessário o engajamento prolongado do pesquisador no contexto investigado, mediante a utilização de diferentes fontes de dados, que devem ser triangulados e analisados por diferentes ângulos, com neutralidade do sujeito pesquisador, ações e opiniões dos sujeitos participantes e “olhar contextualizado” do pesquisador que ao emergir no campo de pesquisa, produziu dados e os compreendeu dentro da sua realidade. As fases, etapas e operações da pesquisa foram: I - Exploratória; II - Tematização da pesquisa; III - Colocação de problemas; IV - Teorização; V - Construção das hipóteses; VI - Organização dos seminários; VII - Amostragem qualitativa/quantitativa; VIII - Organização da coleta de dados.

**Quadro 6:** Fases da metodologia da Pesquisa intervenção

Fase	Atribuições metodológicas
I	Consiste na identificação inicial dos problemas ou situações problemáticas (diagnóstico inicial), identificando também as pessoas interessadas em participar da pesquisa. Esse momento inicial destina-se também ao esclarecimento dos objetivos da pesquisa, conhecimento das expectativas dos participantes, discussão sobre a metodologia da mesma, divisão de tarefas, etc. Depende da pesquisa proposta o número de pessoas e de ações envolvidas para sua realização, bem como as condições de sua participação. Após esse levantamento inicial, os pesquisadores e participantes podem estabelecer os principais objetivos da pesquisa – definir o problema prioritário, as pessoas envolvidas, o campo da intervenção e o processo de investigar-ação, avaliação etc. (THIOLLENT, 2005).
II	É a designação do problema prático a ser investigado e da área de conhecimento na qual essa problemática se insere. O tema deve ser o lócus de atuação dos gestores públicos definido de modo simples, dando possibilidade para desdobramento posterior em problemas a serem investigados. Ainda nesta etapa procede-se ao levantamento de indicações bibliográficas que irão compor o marco teórico orientador da pesquisa.
III	Após definição do tema e objetivos da pesquisa, define-se a problemática na qual o tema escolhido adquire sentido (transformação do tema em forma de problema). A partir do tema, levantar ou colocar os problemas que se pretende diagnosticar e/ou intervir. No caso da pesquisa-ação e do “projeto-intervenção”, os problemas devem ser de ordem prática, posto que se pretende alcançar alguma mudança ou transformação em uma determinada situação/problema.
IV	Embora focalizada em questões práticas, a pesquisa-intervenção não prescinde da teoria. A delimitação do marco teórico é fundamental, pois é este que dá suporte para interpretar situações, construir hipóteses, diretrizes e/ou categorias orientadoras da pesquisa.
V	Não se trata de elaboração de hipóteses formais, pois estas, na pesquisa-ação, são diretrizes que podem orientar a ação, tanto no que se refere às estratégias como aos recursos a serem utilizados. As hipóteses centram-se nos possíveis meios ou caminhos para se obter os objetivos, possíveis resultados negativos ou positivos, etc. Em função dessas hipóteses, os pesquisadores e participantes podem antecipar informações necessárias e técnicas a utilizar na busca de dados e informações.
VI	Trata-se do trabalho grupal de discussão que pode acompanhar todo o processo de pesquisa – desde sua elaboração inicial (planejamento), execução e avaliação. Reúne os principais envolvidos na pesquisa. É o espaço para redefinição, realinhamento dos objetivos, “correção de rumos”, interpretação de dados, debates teóricos, entre outros. É, ainda, o espaço coletivo de norteamento da pesquisa.
VII	Importante delimitar-se o campo da observação empírica no qual se aplica o tema da pesquisa, pois uma pesquisa-ação pode abranger desde uma comunidade concentrada (por exemplo, um departamento, um bairro, uma escola etc..) até um espaço maior (uma cidade).
VIII	As principais técnicas utilizadas na pesquisa-ação são as entrevistas grupais (podem ser na forma de “grupos focais”) e a entrevista individual, realizada de modo aprofundado. Outras técnicas podem ser associadas: formulários, questionários, quando aplicado a um número grande de pessoas; análise de documentos; observação participante; diário de campo ou “diários de bordo”.

Fonte: Autora (2023).

A palavra intervenção é utilizada para denominar pesquisa educacional em que são projetadas práticas inovadoras de ensino. A primeira fase consiste na organização do material e sistematização de conceitos e ideias, criando vínculo com os documentos a serem pesquisados e aprofundados para o estudo da pesquisa.

Na segunda fase da pesquisa Intervenção, da exploração do material, faz-se um aprofundamento de estudo e, cada participante, em sua particularidade. Para isso foi utilizado um questionário feito pelo *Google forms* para dar início à organização dos dados, identificando os sujeitos por códigos, na ordem da devolutiva dos questionários.

A terceira fase consiste em analisar os resultados, é o momento de definição e interpretação dos dados obtidos, podendo após fazer a codificação, apresentar os dados em tabelas, gráficos ou quadros. Nesta pesquisa utilizou-se como intervenção uma oficina com encontros presenciais para identificar todas as propostas da oficina que contou com os objetivos específicos como guias para cada encontro para posterior análise de resultados.

A motivação da escolha pelo tema foi por ser profissional TILS e atuar em sala de aula inclusiva e ter a compreensão da importância deste profissional, bem como, estabelecer uma relação colaborativa com os participantes da pesquisa, o que levou-me às seguintes questões: apontar desafios vivenciados pelos profissionais através das possíveis estratégias para facilitar o trabalho dos TILS Libras, bem como, auxiliar na resolução dos conflitos constantemente vivenciados por estes profissionais em relação à atuação realizada com estudantes surdos(as) no ensino inclusivo.

Ainda na primeira parte desta pesquisa foi construído um capítulo a partir dos estudos dos autores que propõem um diálogo acerca dos temas desta dissertação; foram criados capítulos para mostrar em uma ordem cronológica desde o histórico da Educação de surdos, passando pelos modelos de surdez, mostrando a educação bilíngue e papel do TILS, trazendo a constituição do profissional no desafio da educação Inclusiva, da educação de surdos(as) e dos próprios profissionais TILS Libras; essa aproximação com a legislação e as políticas públicas vigentes encaminham para tornar o percurso dos(as) estudantes com surdez mais inclusivo e acessível. Essa é a fase que demanda mais tempo de pesquisa, conforme a qualidade do trabalho.

Sendo assim, esta pesquisa está dividida em três fases:

A - Fundamentação teórico-conceitual;

B - Demarcação teórico-metodológica;

C - Descrição, análise e discussão dos dados e resultados.

Nesta etapa alcançou-se os dados e as descrições de cada encontro das Oficinas “TILS Compartilhando Experiências e Saberes” e as análises conforme o método do Grupo Focal, concluindo com os núcleos de significação, sendo estas a apreensão das significações produzidas pelo referido grupo.

Identificação das situações iniciais. Nesta fase as motivações foram a partir das pessoas que aceitaram participar da pesquisa, mostrar que a atuação do TILS Libras na escolarização de estudantes com surdez em ensino regular inclusivo pode corroborar com a inclusão e o pleno acesso deste estudante na escola de ensino regular diminuindo as barreiras enfrentadas junto aos estudantes com surdez. Para esse primeiro período foi feito uma revisão de literatura a fim de perceber a relevância desta pesquisa para a comunidade acadêmica. Também foi realizada uma busca junto às Secretarias de Educação Municipal e Estadual para reconhecimento do número de profissionais TILS Libras em atuação na área da educação, bem como, no Instituto federal e rede de educação privada no município de Bagé.

Após, na Formulação do problema, vieram ações de improvisar e encontrar soluções consistentes para a questão problematizadora, realizada como um convite a pensar sobre como seria possível agir com imparcialidade e manter-se apenas como veículo de comunicação, considerando o paradigma da educação inclusiva? O segundo momento inicial destinou-se também ao esclarecimento dos objetivos da pesquisa, conhecimento das expectativas dos participantes, discussão sobre a metodologia dela, momento de estabelecer os principais objetivos da pesquisa – definir o problema prioritário, as pessoas envolvidas, o campo da intervenção e o processo de investigação.

O terceiro período contou com a formulação do problema de pesquisa, com a intenção de identificar a situação inicial possibilitando a formulação do problema de pesquisa através de hipóteses de pesquisa de intervenção. Por tanto, foi definido o tema de pesquisa - “Atuação do tradutor intérprete de Libras no processo de ensino aprendizagem de estudantes com surdez em contexto escolar inclusivo: desafios, barreiras e alternativas pedagógicas”, baseados nos dados do primeiro período.

No quarto período foram definidos o tema e os objetivos da pesquisa, com a definição de uma problemática na qual o tema escolhido adquira sentido (transformação

do tema em forma de problema). Dizendo de outro modo, trata-se de, a partir do tema, levantar ou colocar os problemas que se pretende diagnosticar e/ou intervir. No caso da pesquisa-ação e do “projeto-intervenção”, os problemas devem ser de ordem prática, posto que se pretende-se alcançar alguma mudança ou transformação em uma determinada situação/problema.

A delimitação do marco teórico é fundamental, pois é este que dará suporte para interpretar situações, construir hipóteses, diretrizes e/ou categorias orientadoras da pesquisa.

No quinto período as hipóteses centram-se nos possíveis meios ou caminhos para se obter os objetivos, sobre possíveis resultados negativos ou positivos; sendo assim, pesquisadores e participantes podem antecipar quais as informações serão necessárias e que técnicas poderão utilizar para a busca de dados ou de informações.

Já no sexto período tratou-se do trabalho grupal de discussão que pode acompanhar todo o processo de pesquisa desde sua elaboração inicial (planejamento), execução e avaliação, reunindo os principais envolvidos na pesquisa.

Como sétimo período, se tratou da importância de delimitar-se o campo da observação empírica no qual se aplica o tema da pesquisa e, finalmente, no oitavo período, abordou sobre as principais técnicas utilizadas na pesquisa-intervenção, sendo elas as entrevistas grupais (podem ser na forma de “grupos focais”) e a entrevista individual, realizada de modo aprofundado. Outras técnicas podem ser associadas: formulários, questionários, quando aplicado a um número grande de pessoas; análise de documentos; observação participante; diário de campo ou “diários de bordo”.

### 2.2.3 Contexto de desenvolvimento da pesquisa

O desenvolvimento da pesquisa deu-se no município de Bagé, localizado na região da Campanha do Estado do Rio Grande do Sul, distante 378 km da capital Porto Alegre, e 60 km do Uruguai, fazendo divisa com Caçapava do Sul e Lavras do Sul, ao norte, Hulha Negra, Candiota e Pinheiro Machado, ao leste, Dom Pedrito, a oeste, e Aceguá - divisa com o Uruguai, ao sul; por esse motivo é “carinhosamente” conhecido pelo povo gaúcho como “Rainha da Fronteira”.

Nesse contexto territorial, a pesquisa se realizou na Universidade Federal do Pampa (Unipampa)<sup>3</sup>, sede do Mestrado Acadêmico em Ensino<sup>4</sup>, com profissionais Tradutores Intérpretes de Língua de Sinais (TILS Libras) que atuam em Escolas e Instituições de Ensino das três esferas públicas educacionais - municipal, estadual e federal, as quais contam com a presença desses profissionais atuando em salas de aula no contexto escolar inclusivo.

Pode-se relatar que, neste contexto, a educação de surdos no município de Bagé teve início na Escola de Educação Especial Caminho da Luz, onde os(as) estudantes surdos(as) tinham o atendimento em língua de sinais, e então, eram alfabetizados, cursando até 4º ou 5º ano; após essa etapa, era necessário que fossem para a conclusão do Ensino Fundamental em outra instituição.

A Escola de Ensino Fundamental Jean Piaget, fundada em 09/12/2002, situada no centro da cidade de Bagé, foi uma escola inclusiva na qual os professores eram bilíngues e a sala de aula contava com estudantes com surdez, estudantes ouvintes, com deficiência física, entre outras. E, atualmente, Bagé conta com a primeira Escola Municipal pólo para estudantes com surdez, localizada no prédio da Escola Municipal de Ensino Fundamental Fundação Bidart, desde o ano 2018, que conta com 14 profissionais TILS atuando em sala de aula inclusiva; sendo assim, os professores, estudantes, pais e funcionários buscam constantemente suas formações bilíngues, tornando a inclusão para todos de acordo com a Lei Municipal publicada em 08/01/2001 que mostra o ano em que a Libras é reconhecida no município de Bagé.

---

<sup>3</sup> Informações disponíveis em: <https://unipampa.edu.br/bage/> .

<sup>4</sup> Informações disponíveis em: <https://cursos.unipampa.edu.br/cursos/bame/>.

Segundo a Lei nº 3.643, de 08/01/2001, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências, em seu artigo 1º, fica instituída no município de Bagé a Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS como meio de comunicação objetiva e de uso corrente e os demais recursos de expressão a ela associados. Já no Art. 2º, fica disposto que o Sistema Municipal de Ensino, através de Secretaria de Educação, deverá garantir acesso à educação bilíngue (Libras e Língua Portuguesa) no processo ensino-aprendizagem, desde a Educação infantil até os níveis mais elevados do sistema educacional, a todos estudantes com surdez ou deficiência auditiva.

A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Silveira Martins conta com 02 profissionais TILS Libras, atuando no Ensino Médio e, também, na Educação de Jovens e Adultos (EJA). A Escola Estadual de Ensino Médio Dr. Carlos Kluwe conta com 01 profissional TILS Libras atuando no Ensino Médio, desde 2012, e, a Universidade Federal do Pampa, com um profissional TILS Libras no campus Bagé e 02 profissionais TILS na Reitoria, lotados no NInA - Núcleo de Inclusão e Acessibilidade.

Entre os anos 2012 até 2021, nas escolas estaduais já mencionadas, anteriormente cursaram o Ensino Médio 11 estudantes com surdez. Isso demonstrou que, cada vez mais, o sujeito surdo está ampliando sua participação na sociedade, que em sua maioria é ouvinte, tendo assim, as escolas, um evidente esforço em tornar acessível aos estudantes surdos(as) o atendimento especializado. A presença de estudantes com surdez “transformou” os contextos dessas escolas e a atuação dos TILS Libras tornou-se cada vez mais importante para a inclusão desses estudantes na sala de aula de ensino regular inclusivo.

Sendo assim, a partir do contexto apresentado e das considerações teóricas discutidas, a pesquisa teve como objetivo refletir sobre os desafios vivenciados pelos profissionais TILA Libras na atuação educacional com estudantes surdos(as), em contexto de educação escolar inclusiva, bem como, estratégias para facilitar o trabalho destes profissionais na resolução de conflitos vivenciados no escopo de atuação do ensino inclusivo, no município de Bagé.

A operacionalização se deu por momentos de leituras e estudos para definição dos objetivos específicos, quais sejam: a. Dialogar sobre a tradução e a interpretação dentro das experiências de cada sujeito da pesquisa; b. Compreender a atuação do profissional TILS Libras no processo de ensino-aprendizagem de estudantes com surdez

em contexto escolar inclusivo e as diversas situações apresentadas como desafios à prática destes profissionais no processo de inclusão escolar; c. Analisar o Código de Ética da profissão de TILS Libras e demais normativas e diretrizes vigentes a respeito desta atuação profissional, a fim de perceber os parâmetros para atuação pedagógica escolar; d. Propor uma reflexão acerca do fazer ético dos TILS Libras em relação aos pressupostos da educação inclusiva, tendo em vista o direito de pleno acesso à comunicação, informação e formação dos estudantes com surdez; e e. Resgatar a percepção dos desafios à prática dos TILS Libras no processo de ensino-aprendizagem em contexto escolar inclusivo, observando barreiras e alternativas pedagógicas, identificadas em suas narrativas.

Pautada nas características da intervenção qualitativa, buscando pela compreensão sobre as atuações do profissional TILS Libras e os desafios vivenciados por estes profissionais no contexto pedagógico escolar em Bagé, e os desafios à prática e à atuação cotidiana no processo de inclusão escolar de estudantes com surdez. Ainda, com o intuito de operacionalizar os objetivos propostos, como alicerce teórico-metodológico optou-se pela pesquisa-intervenção, por ter como características a realização em situações cotidianas, o desencadeamento pela demanda, a existência de interação entre pesquisador e pesquisado e a concepção de que conhecer e intervir não constituem momentos distintos (MOREIRA, 2008).

#### **Quadro 7:** Características da pesquisa intervenção qualitativa

1. A fonte de dados é o ambiente natural e o(a) investigador(a) é o instrumento principal
2. É descritiva
3. interessa-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos
4. Os investigadores qualitativos tendem a analisar seus dados de forma indutiva
5. O significado é de grande importância na abordagem qualitativa

Fonte: Autora (2023)

#### 2.2.4 Apresentando os(as) sujeitos(as) participantes da pesquisa Intervenção

Este subcapítulo aborda os sujeitos investigados e os critérios que nortearam essa participação. Os (as) sujeitos(as) investigados(as) foram a própria pesquisadora e os(as) demais TILS Libras atuantes no município de Bagé.

Os critérios para a seleção do grupo de participantes basearam-se na atuação desses(as) profissionais como Tradutores/Intérpretes de Língua de Sinais que desempenham atividades no contexto educacional, em sala de aula, traduzindo e interpretando para estudantes surdos(as) nas três esferas públicas: municipais, estaduais e federal, no município de Bagé (Estado do Rio Grande do Sul).

Podemos dizer que, no município de Bagé, as primeiras apresentações de TILS Libras em salas de aula inclusivas se deram na década de 2000 e contou com vários profissionais no contexto educacional até os dias atuais; a esfera municipal, pode-se dizer, foi pioneira em tornar o ensino acessível aos(às) estudantes com surdez, tendo seu primeiro concurso público no ano de 2008; na esfera estadual, atuam profissionais contratados(as), atuando em nível de Ensino Fundamental e Médio. Já a esfera federal conta com profissionais TILS Libras atuando na Universidade Federal do Pampa - Campus Bagé e no Instituto Federal Sul Riograndense.

Cada profissional constitui seu trabalho em contextos pedagógicos de atuação, utilizando diferentes estratégias diante de imprevistos, inusitados momentos em que as barreiras e dificuldades se mostraram como entraves; o profissional TILS Libras se ampara em uma atuação onde há cooperação, habilidade de se colocar no lugar do outro e sintonizar a interpretação do(a) colega e entender este outro e, assim, criar estratégias para contemplar as diferenças linguísticas existentes entre os(as) sujeitos(as) envolvidos(as) na tradução e interpretação da Língua Brasileira de Sinais.

Partindo dessa realidade, optou-se por fazer a pesquisa intervenção com este grupo de TILS Libras, primeiramente, porque possuem formação específica para a atuação na área da educação e, pelo fato de exercerem a função, mediando a comunicação, interagindo e intervindo no processo de ensino-aprendizagem dos estudantes com surdez. Para tanto, mostrou-se de suma importância compreender a visão desse grupo sobre: - os desafios em se manter na conduta prevista no Código de Ética durante as suas práticas profissionais, bem como, buscar estratégias para garantir a

inclusão do(a) estudante com surdez e quebrar as barreiras enfrentadas junto aos(as) estudantes.

A implementação das investigações e dinâmicas de intervenção foram variadas, sendo definidas pela disponibilidade de horários de cada profissional. O grupo envolvido não corresponde ao número total de profissionais TILS Libras que atuam nas escolas e instituições, mas daqueles(as) profissionais que manifestaram interesse e disponibilidade em participar do grupo focal ao responderem o questionário; por isso, poderá ser percebida disparidade entre o número de sujeitos participantes que responderam o questionário e o de sujeitos efetivamente participantes dos encontros do grupo focal. Assim, compuseram o grupo de sujeitos da pesquisa, dez (10) profissionais TILS Libras, sendo: três (03) atuantes em uma escola municipal de Ensino Fundamental; duas (02) atuantes em escolas da rede estadual no Ensino Médio; um (01) atuante em uma instituição de ensino privado; quatro (04) atuantes em instituições federais, sendo um (01) em um curso técnico e, três, em uma Universidade. A pesquisadora atuou como mediadora do grupo. A Universidade Federal do Pampa conta com (09) profissionais Tradutores Intérpretes de Libras atuando em outros municípios os quais tem campus.

#### **Quadro 8:** Sujeitos potenciais para participação na pesquisa

<b>Participantes</b>	<b>Quantidade</b>	<b>Formação</b>	<b>Local de atuação esferas Municipal, Estadual ou Federal</b>
Pesquisadora	01	Superior	Estadual
TILS Libras	03 efetivos e 07 contratados	Superior	Municipal
TILS Libras	04	Superior	Estadual
TILS Libras	05	Superior	Federal
<b>Total</b>		<b>19</b>	

Fonte: Autora (2023)

Para identificação dos(as) sujeitos(as), utilizou-se sequência numérica, com informações do questionário (Apêndice D), complementados pelos dados disponibilizados pelas Secretaria Municipal de Educação de Bagé, Coordenadoria Regional - Estadual (13<sup>a</sup>

CRE) e do Núcleo de Inclusão e Acessibilidade (NInA) da Universidade Federal do Pampa.

### Quadro 9: Sujeitos da pesquisa

Instituição	Código	Idade	Fem.	Masc.	Tempo de atuação	Formação
EMEF	01	42	X		6 meses	Especialização
UNIV.	02	47	X		12 anos	Doutorado
IFSUL	03	37		X	3 anos	Especialização
EMEF	04	42	X		3 anos	Graduação
UNIV.	05	38		X	14 anos	Especialização
EMEF	06	30	X		11 anos	Especialização
EEEM	07	31	X		7 anos	Especialização
EEEM	08	31	X		10 anos	Especialização
UNIV.	09	45	X		20 anos	Mestrado
PRIVADA	10	44		X	15 anos	Graduação

Fonte: Autora (2022).

Os(as) profissionais foram convidados(as) a assinar o termo de consentimento presente no instrumento de coleta de dados; do total de convidados, um índice de 93,3% aceitou participar da pesquisa.

Referente à formação, percebemos alguns dados importantes, sendo eles: dos 10 participantes, 06 tem especialização, 02 tem graduação, 01 está cursando o Mestrado e 01 tem doutorado.

Estes profissionais têm tempo de atuação que varia entre 06 meses a 20 anos. Uma atua há seis meses, outros dois atuam há três anos, uma atua há sete anos e os demais atuam há mais de dez anos na profissão. Conforme evidenciado a partir do questionário, os(as) profissionais possuem idade entre 30 e 50 anos de idade, sendo 80% mulheres.

### 2.2.5 Instrumentos de coleta de dados

Os instrumentos utilizados para a coleta de dados, para a temática abordada, foram organizados com os estudos de vários autores, definidas como técnicas de investigação e coleta de dados aglutinadas na técnica do Grupo Focal, definido como uma técnica de pesquisa qualitativa, que deriva das entrevistas em grupo e também coleta informações por meio de interações entre indivíduos (MORGAN, 1997). Tem como objetivo principal a coleta de informações detalhadas sobre um tema específico apresentado por um pesquisador, coordenador ou moderador do grupo e conta com a participação de sujeitos selecionados (KITZINGER, 2000).

O grupo focal utiliza-se da entrevista individual por basear-se na interação entre um grupo de indivíduos, para obtenção de dados à pesquisa. O modo com o qual se constitui o grupo focal deve obedecer a critérios já estabelecidos pelo pesquisador, e concordar e ou acordar com os objetivos da investigação, cabendo a este criar um ambiente benéfico à discussão, que propicie aos participantes, apontar suas percepções de forma natural (PATTON, 1990; MINAYO, 2000).

Os grupos focais devem propiciar um debate aberto e acessível em torno de um tema que seja de interesse comum aos participantes, fundamentado em uma discussão concebível às diferenças de status entre os participantes (GASKELL, 2002, p. 79). Para Gondim (2002), o grupo focal está entre a organização do grupo de indivíduos e a participação desses sujeitos de acordo com as entrevistas. Podem ser vistos, também, como uma “criação de entrevista semiestruturada” obtendo, desta, resultados (FLICK, 2002, p. 128). Permite a aplicação de questionários e o número de sessões varia de acordo com a necessidade da pesquisa e devem estar de acordo com a quantidade de assuntos a serem investigados (DENZIN, 1978).

Segundo Powell e Single (1996, p. 449), um grupo focal é um conjunto de pessoas selecionadas e reunidas por pesquisadores para discutir e comentar um tema, que é objeto de pesquisa, a partir de sua experiência pessoal. Kitzinger (1994, p. 103) diz que grupo focal é “focalizado”, no sentido de que envolve algum tipo de atividade coletiva como assistir a um filme e conversar sobre ele, examinar um texto sobre algum assunto ou debater um conjunto particular de questões.

Após este estudo específico quanto ao Grupo Focal, entendendo que o mesmo reúne os instrumentos necessários às características dessa intervenção, a proposta de pesquisa foi encaminhada para as mantenedoras envolvidas - educação municipal e estadual no município de Bagé, Setor NInA, responsável pelos TILS que atuam no nível Superior Federal (Unipampa) e para o Instituto Sul Riograndense (Apêndice C, no qual consta o convite com link para Formulário de manifestação de interesse (*Google forms*) e cronograma de atividades). Como resultado, 10 sujeitos incorporaram à pesquisa intervenção.

Desse modo, a pesquisa interventiva organizou-se por meio do grupo focal com 10 participantes, sendo 01 a moderadora, responsável pela técnica, com objetivos e tarefas definidos para cada encontro.

Cada encontro teve um objetivo específico a tratar, totalizando 5 encontros, os quais serviram para a coleta de informações entre o grupo. Na prática, foi eleito um moderador pelos participantes com a função de observação; o mesmo participante anotou todas as falas que julgou importante para colaboração da execução desta pesquisa.

O grupo contou, também, com rodas de formação e produção de diários de bordo, o que possibilitou aos participantes exporem suas opiniões, dificuldades, desafios e conquistas e práticas de superação. Foram enviados questionários aos participantes para o levantamento de perfil dos mesmos, no qual constou o histórico desse profissional em sua trajetória e constituição enquanto Tradutor Intérprete de Língua de Sinais.

#### 2.2.5.1 O Diário de Campo

O Diário de campo é um importante instrumento de registro e reflexão pessoal, no qual o pesquisador anota suas percepções, registrando informações, ficando muito próximo da realidade estudada; o instrumento permite que se faça comparações com os outros instrumentos de coleta de dados, no caso desta pesquisa intervenção, como faço parte dos sujeitos investigados e a investigação se dá em torno, também, das minhas práticas, foi eleita a sua utilização.

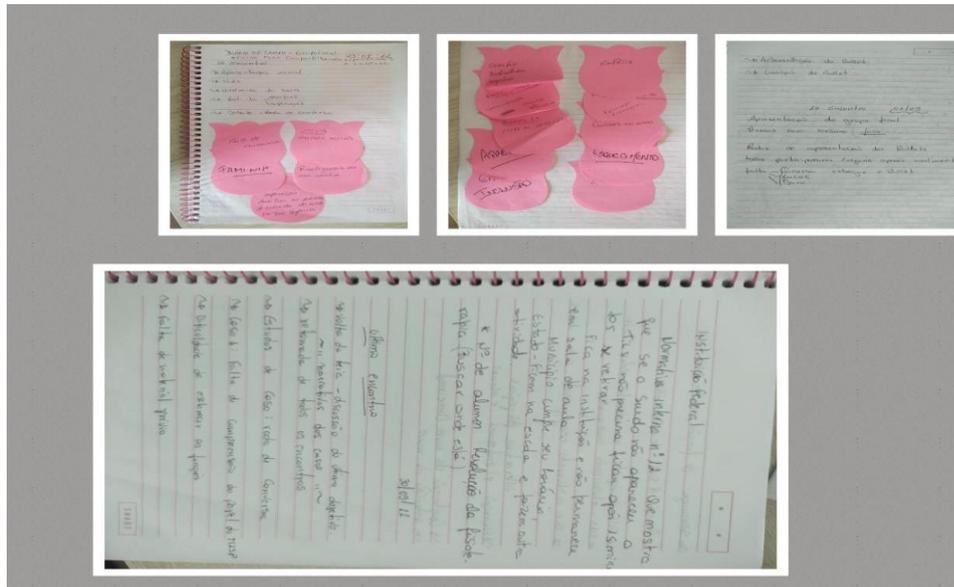
[...] os diários permitem rever práticas docentes cristalizadas porque os professores, ao lembrarem e ao escreverem, reconstróem suas experiências de sala de aula, refletindo sobre seu percurso, o que pode proporcionar a compreensão dessas práticas (SOUZA, 2012, p. 188).

Trata-se de um instrumento que faz-nos compreender, reconstruir e rever a prática de trabalho docente; auxilia na reflexão desde o início da intervenção até a realização dos encontros no Grupo Focal. Além disso, colabora com a explicitação dos desafios a serem superados e barreiras encontradas durante a proposta, ainda trazendo as reflexões no final da proposta.

As escritas no diário de campo iniciaram a partir das atividades diagnósticas do perfil de todos os TILS Libras que participaram desta pesquisa com a finalidade de conhecer e desenvolver um vínculo com a pesquisadora. O diário de campo seguiu um caminho paralelo à aplicação da proposta do planejamento da pesquisa tendo uma reflexão em torno da proposta. O diário, por fim, registra as interações e resultados, o desenvolvimento da proposta, a reciprocidade entre os participantes, composto pela análise de um fazer coletivo.

O diário abordou o modo como a atuação dos TILS Libras está ocorrendo nas esferas de ensino do município de Bagé; este instrumento propiciou uma análise mais profunda sobre o empenho de cada sujeito em colocar suas experiências, percebendo os parâmetros para a atuação em contextos educacionais. Foram feitas anotações pela pesquisadora e, também, pela moderadora do GF. Este instrumento também permitiu que a pesquisadora pudesse colocar suas percepções das falas durante a Oficina e possibilitou que as informações dos TILS, em torno da reflexão sobre as suas práticas, ficassem detalhadas, com a garantia de não expor os sujeitos participantes. Assim, a pesquisadora identificou as barreiras, desafios e superações enfrentados pelos TILS Libras e alternativas pedagógicas encontradas.

**Figura 2:** Diário da Oficina “TILS compartilhando experiências e saberes”



Fonte: Autora (2023).

#### 2.2.5.2 O questionário semiestruturado

O questionário semiestruturado (Apêndice D) foi criado para conhecer o perfil dos Tradutores Intérpretes de Língua de Sinais atuantes em contexto educacional, definir quais profissionais seriam os sujeitos da pesquisa e quais conceitos seriam abordados no percurso das Oficinas do Grupo Focal, na temática geral: “TILS - compartilhando experiências e saberes”.

O questionário, segundo Gil (1999, p. 128), pode ser definido “como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.”. O mesmo autor apresenta as seguintes vantagens do questionário sobre as demais técnicas de coleta de dados:

- a) possibilita atingir grande número de pessoas, mesmo que estejam dispersas numa área geográfica muito extensa, já que o questionário pode ser enviado pelo correio;
- b) implica menores gastos com pessoal, posto que o questionário não exige o treinamento dos pesquisadores;

- c) garante o anonimato das respostas;
- d) permite que as pessoas o respondam quando julgarem mais conveniente;
- e) não expõe os pesquisadores à influência das opiniões e do aspecto pessoal do entrevistado (GIL, 1999, p. 128-9).

No decorrer da Oficina foram utilizados três questionários: de perfil (Apêndice D, de abordagem específica sobre o tema apresentado (Apêndice E) e de avaliação final (Apêndice F), tendo como intenção observar as aprendizagens, percepções sobre os encontros presenciais e a possibilidade.

Os dados obtidos tiveram usos diferenciados nesta Dissertação, apresentados no perfilamento de sujeitos, nas análises dos encontros e nas conclusões.

#### 2.2.5.3 Metodologia de análise dos dados da pesquisa: o Grupo Focal como *lócus*

Para a análise dos dados produzidos buscou-se afinar esta dinâmica do grupo focal, lembrando que esta se organiza como um processo de comunicação nos diálogos e entrevistas, possibilitando levantamento de material para posterior análise.

Esta interação pode ocorrer tanto entre pesquisador-sujeito/pesquisado, como entre os próprios sujeitos pesquisados. Os instrumentos qualitativos são de expressão individual, oral e interativa, como em dinâmicas de grupo de naturezas diversas.

Do ponto de vista técnico, este tipo de entrevista em grupo representa uma maneira de ouvir pessoas e aprender com elas, criando linhas de comunicação, (MORGAN, 1997, p. 9), focados em determinado tópico, que deriva a denominação Grupo Focal (GF).

Conforme dito, GF é um trabalho que se organiza de várias maneiras e, por isso, não utilizamos somente as entrevistas clássicas por grupo, mas criamos as Oficinas, onde foram feitos cinco encontros, como maneira de ouvir pessoas e aprender com elas, criando assim a linha de comunicação para poder obter levantamento de material a ser analisado posteriormente.

A oficina possibilitou interação entre profissionais, suscitando uma rica observação de ideias novas originais, possibilitando à pesquisadora a obtenção de conhecimentos diretos, podendo-se afirmar que o grupo focal que participou desta oficina

apresentou no primeiro, segundo, terceiro, quarto e quinto encontros resultados muito ricos, com indicadores para a análise a seguir.

Para a análise dos dados obtidos com o grupo focal, segundo Gatti (2005, p. 43), ao iniciar os procedimentos de análise, a primeira atitude é retomar os objetivos do estudo e do uso do grupo focal para realizá-lo. Assim, os objetivos foram os guias tanto para o processo escolhido de análise do material coletado, como para as interpretações subsequentes. Nas análises dos dados levantados com o GF, os procedimentos gerais são os mesmos de qualquer análise de dados qualitativos nas ciências sociais e humanas.

Os objetivos específicos desta pesquisa guiaram a elaboração da análise num curso lógico, no qual questões, dados e argumentos entrelaçaram-se com consistência. Os níveis de aprofundamento das análises também dependeram dos objetivos e da configuração do enfoque teórico proposto neste estudo. Conforme Gondim (2002, p.299-319), o foco dessas análises “são as opiniões surgidas a partir do jogo de influências mútuas que emergem e se desenvolvem no contexto dos grupos humanos.”

Como primeiro aspecto deve-se considerar a organização do material colhido, de forma a se obter em um corpus detalhado e confiável do processo vivenciado pelo grupo. Quando houver anotações por relatores, é necessário compatibilizar essas anotações entre si com as anotações da moderadora do grupo, constituindo o relato mais completo possível, o qual será material básico de análise. Cuidar da expressão das falas é muito importante, pois a análise delas constitui um rico manancial para a busca dos sentidos atribuídos ao tema pelo grupo.

No caso de gravações, áudios, vídeos ou imagens são necessários para subsidiar as análises, as quais também receberam o aporte de anotações que o moderador (a) tenha feito.

É importante que o moderador(a) do grupo participe tanto da organização do material coletado como das análises uma vez que ele detém a experiência da facilitação do grupo e das vivências ocorridas, sua memória do contexto de certas falas do clima da discussão em variados momentos contém ricas informações para a construção de compreensões sobre o tratamento do tema proposto ao grupo como também para as interpretações.

Em termos do trabalho desenvolvido, o grupo se deu de forma descontraída e prazerosa para todos e todas, uma vez que a prioridade era não exaurir os sujeitos pesquisados e fazer com que os(as) mesmos(as) pudessem falar sobre suas experiências.

### **PARTE III: DESCRIÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS E RESULTADOS**

Nesta seção da Dissertação apresentamos a “pesquisa propriamente dita”, realizada e apresentada por meio dos dados e descrições de cada encontro das Oficinas “TILS Compartilhando Experiências e Saberes”; apresenta-se, também, como foram coletados os dados e realizadas a análise, conforme o método do GF.

#### **3.1 As Oficinas “TILS: compartilhando experiências e saberes”**

A escolha pela realização destas Oficinas se deu pelo uso do método do Grupo Focal, em rodas de conversas que permitiu a reunião de um grupo de pessoas que têm em comum suas profissões e que puderam discutir sobre a temática desta pesquisa, de modo não exaustivo para nenhum dos sujeitos participantes, pensando no bem-estar de todos e todas; esse movimento iniciou-se após aceite e devolutiva do consentimento de participação (conforme Apêndices A e C).

A escolha pelo tema se deu por ser uma oficina organizada para trabalhar o método do grupo focal, cuja fundamentação é a interação do grupo e, que, permite a reunião de um grupo de pessoas com um objetivo a tratar que seja compatível a todos (as), neste caso, todos (as) têm em comum a profissão, Tradutores Intérpretes de Língua de sinais.

Foi organizado um cronograma para os encontros-Oficinas, sendo estes quinzenais, com 2h30min de duração, com atividades presenciais e tarefas para atividade domiciliar; a cada encontro, foi desenvolvido um objetivo específico da pesquisa, os quais foram os guias da intervenção. Para engajamento, criou-se uma logomarca para as Oficinas e um chamamento, sendo este Oficina “TILS Compartilhando Experiências e Saberes”. Para registro e certificação da ação, as Oficinas foram cadastradas como curso de extensão da Unipampa (campus Bagé), de 20h, desenvolvido de agosto a outubro de 2022, sob a coordenação desta pesquisadora e orientadora, no escopo das ações extensionistas do Grupo Inclusive.

**Quadro 10:** Cronograma de dias e horários de encontros e objetivos das Oficinas

<b>1º encontro 19/08/2022</b>	<b>2º encontro 02/09/2022</b>	<b>3º encontro 16/09/2022</b>	<b>4º encontro 30/09/2022</b>	<b>5º encontro 14/10/2022</b>
Apresentação do primeiro objetivo específico	Apresentação do segundo objetivo específico	Apresentação do terceiro objetivo específico	Apresentação do quarto objetivo específico	Apresentação do quinto objetivo específico
Abertura (dinâmica). Entrega do kit e crachá do curso	Entrega do Código de Ética do profissional TILS. Análise dos documentos quanto aos parâmetros para a educação escolar	Socialização de formulário <i>Google forms</i> . Relatos de influência positiva ou negativa na atuação escolar	Apresentação de estudo de caso informando barreira vivenciada ou não. Relato de situações em que o sujeito encontrou dificuldades e em que o(a) estudante surdo(a) não teve acessibilidade	Apresentação de linha do tempo sobre os encontros da oficina
Dinâmica: Principal barreira e principal alegria na profissão	Mapeamento das barreiras e alternativas para a atuação pedagógica do TILS	Construção de tabela dos pontos positivos e negativos percebidos pelos sujeitos da pesquisa a respeito das suas atuações em sala de aula de ensino regular	Elaboração do roteiro do estudo de caso	Criação de um muro com tijolos - representação das barreiras
Construção de <i>Padlet</i> com a trajetória da pesquisadora TILS	Roda de conversa sobre o Código de Ética com apresentação do conceito de educação Inclusiva	Roda de conversa sobre o documento Código de Ética (FEBRAPILS)	Roda de conversa e apresentação dos estudos de caso elaborados pelos sujeitos da pesquisa e trocas de experiências	Síntese da formação: Quebra simbólica das barreiras (“muro”) e (re)construção pedagógica - “mural de alternativas pedagógicas”

Fonte: Autora (2023)

A seguir, apresenta-se o desenvolvimento das Oficinas, com descrição e análise simultânea da Intervenção, com a participação dos sujeitos da pesquisa.

### 3.1.1 Primeira oficina

O primeiro encontro teve como mobilização para o primeiro momento a apresentação da temática pesquisada, bem como a realização de uma dinâmica, a qual pressupõe um trabalho coletivo; a “moral da história” é a de que não se consegue chegar à concretização de qualquer objetivo sem a colaboração de todos(as) no grupo envolvido.

Os participantes foram acolhidos e foi entregue um kit com crachá, lápis e bloco de anotações. A acolhida contou também com a apresentação pessoal da pesquisadora e apresentação da temática da pesquisa, bem como, o primeiro objetivo específico. Teve duração de 2h30min com um intervalo de 15 minutos.

#### **Quadro 11:** 1º encontro - 19/08/2022

Apresentação do tema pesquisado. Dinâmica de acolhimento, entrega do kit. Apresentação do primeiro objetivo específico. Síntese do trabalho mostrar qual a principal barreira e principal alegria na profissão.	Rodas de Conversa e apresentação dos sujeitos da pesquisa relataram suas principais barreiras e alegrias encontradas em suas atuações enquanto profissionais TILS que atuam em sala de aula, junto aos (as) estudantes com surdez.	Apresentação de um padlet com a trajetória da pesquisadora.	Construção do padlet com a trajetória de cada sujeito da pesquisa para apresentação no segundo encontro.
---	--	---	--

Fonte: Autora (2023).

**Figura**  
1ª  
Oficina

3:



Mobilização para o conhecimento: acolhida

Fonte: Autora (2023).

Como construção do conhecimento, no segundo momento, foi realizada a apresentação dos sujeitos da pesquisa, contando suas experiências na profissão; a partir desse primeiro momento, foi criado um mural com o uso do quadro branco e *post-its* coloridos para destacar o mural. Neste, os participantes expuseram as principais barreiras encontradas no percurso de suas atuações enquanto profissionais TILS Libras e a principal alegria no sentido de superação.

No terceiro momento do encontro a pesquisadora pediu que os sujeitos criassem um *Padlet* com as trajetórias de cada um(a), mostrando seu próprio recurso criado para que pudessem apoiar-se e interagir.

O quarto momento foi a construção do referido *Padlet* (de modo assíncrono) e, o quinto, consistiu nas rodas de apresentação seguidas no 2º encontro.

Pode-se perceber que todos(as) sujeitos da pesquisa expressaram, através do mural, as seguintes barreiras na profissão:

- a. falta de conhecimento da grande maioria das pessoas sobre a profissão do TILS em sala de aula;
- b. trabalho isolado, solitário;

- c. falta de vocabulários;
- d. falta de empatia;
- e. ausência de oferta de cursos na área;
- f. falta de compreensão da família do(a) estudante com surdez em se comunicar, atribuindo ao TILS Libras tarefas que não lhe compete;
- g. excesso de trabalho;
- h. preconceito; e
- i. esquecimento.

Diante dos relatos sobre as barreiras encontradas, entendemos também que a inclusão do(a) estudante com surdez não se faz de maneira efetiva, pois há a necessidade de compreensão do verdadeiro papel do TILS Libras e de cada participante nesse processo de educação desse alunado.

Como superações, os sujeitos pesquisados expuseram que sentem-se vitoriosos ao verem os(as) estudantes surdos(as) tendo êxito nas atividades propostas.

Um sujeito pesquisado disse que superação é “auxiliar no processo de entrada do surdo no ensino superior, realização de um sonho...”; relatou outro sujeito pesquisado, na roda de conversa, que sucesso é ter reconhecimento em todas as circunstâncias, tais como remuneração, acesso ao conteúdo a ser tratado em sala de aula e em palestras, oficinas e demais eventos para estudo antecipado de sinais e trabalho mais qualificado, assim como melhor compreensão para com a pessoa surda.

**Figura 4:** Slides de apresentação da temática



Fonte: Autora (2023).

### 3.1.2 Segunda Oficina

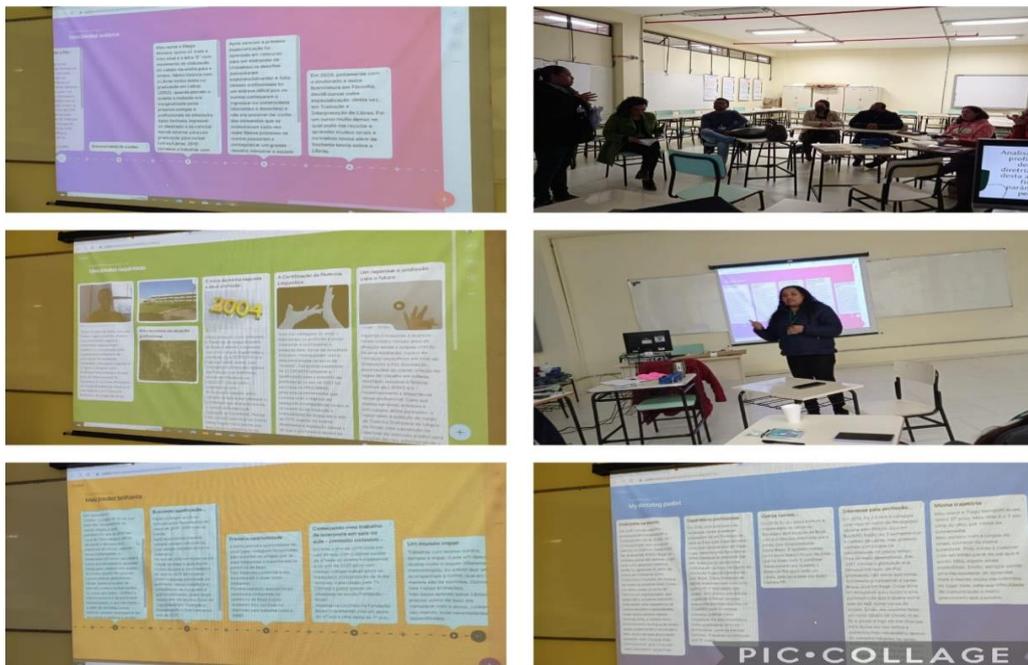
A segunda Oficina foi marcada pela interação entre os participantes e troca de experiências, apresentação das trajetórias através dos *Padlets*, momento bastante descontraído e acolhedor. Foi possível perceber a importância de estar todos reunidos para troca de experiências e saberes, unidos num mesmo objetivo.

#### Quadro 12: 2º encontro - 02/09/2022

Apresentação do segundo objetivo específico. Apresentação das trajetórias dos sujeitos da pesquisa	Mapeamento das barreiras e alternativas para a atuação pedagógica do TILS Libras	Entrega do Código de Ética do profissional TILS Libras: análise de documentos com parâmetros para a educação escolar (FEBRAPILS e FENEIS)	Roda de conversa sobre o Códigos de Ética e discussão sobre o conceito de educação Inclusiva
---	--	---	--

Fonte: Autora (2023).

**Figura 5:** Mural de barreiras e alternativas para a atuação pedagógica do TILS Libras



Fonte: Autora (2023).

A pesquisadora apresentou sua trajetória e os demais participantes também puderam apresentar suas experiências e trajetórias em um primeiro momento da

mobilização; tal questão corroborou com a busca pelo resgate da história dos TILS Libras que atuam no contexto educacional no município de Bagé, também como a construção do perfil de cada profissional atuante nesse contexto da pesquisa. Foram trabalhados aspectos como a atuação desde o começo da profissão, formação, primeiros contatos com a Língua de Sinais e sujeitos surdos.

A partir dos materiais, foi possível traçar um perfil de cada sujeito participante e compreender que a tradução e interpretação no contexto educacional se deu a partir da atuação e construção destes enquanto sujeitos que agem e colaboram para a inclusão de estudantes com surdez em salas de aula.

Para a construção do conhecimento, a pesquisadora apresentou o segundo objetivo específico, pedindo aos sujeitos da pesquisa que analisassem o código de ética do profissional TILS (FENEIS) e (FEBRAPILS) e demais diretrizes e normas vigentes, percebendo os parâmetros para a atuação escolar; foi solicitado aos participantes que, ao ler e analisar os dois documentos entregues ao final do primeiro encontro, observassem a existência de parâmetros que foquem na atuação do Tradutor intérprete de Língua de Sinais em sala de aula inclusiva junto aos(as) estudantes com surdez.

Foi solicitado, também, aos participantes que criassem coletivamente uma tabela compartilhada e colocassem nesta todos os pontos que julgassem positivos (alternativas para a atuação) para a atuação e os pontos que julgassem negativos (barreiras) em relação à atuação, informando ausências nos referidos documentos para tornar pleno o amparo da profissão do TILS Libras voltada ao desempenho em sala de aula inclusiva; para tanto, a pesquisadora apresentou um slide contendo o conceito de Educação inclusiva e pediu que os participantes pudessem refletir em suas práticas e, ao trocar com os demais participantes, pudessem chegar a uma ressignificação sobre as orientações descritas nos documentos dentro do fazer ético do TILS Libras nesse processo de inclusão do(a) estudante com surdez.

Na tabela construída pelos sujeitos da pesquisa foram apontados como pontos positivos:

a. o capítulo 3 - Responsabilidade do profissional (FEBRAPILS), Art. 10 - I. Importância de manterem-se informados e atualizados sobre quaisquer assuntos concernentes à profissão. Os sujeitos da pesquisa debateram sobre a importância de manterem-se atualizados e buscarem por cursos e formações para a atuação em sala de aula inclusiva;

b. o apoio da Associações de Tradutores Intérpretes nas questões inerentes à categoria, como regulamentação da profissão, jornada de trabalho, direito à revezamento, construção de regimentos, assédios, apoios jurídicos etc.

Como pontos negativos:

a. inexistência de horas-atividade para que o profissional possa se dedicar ao estudo de novos sinais;

b. falta de apoio a toda e qualquer atividade que o(a) estudante tenha na Instituição de ensino necessita da presença do TILS Libras (relato dos profissionais atuantes nas redes Estadual e Federal terceirizada);

c. dificuldade em identificar ou receber oferta de formações continuadas e cursos para o aperfeiçoamento;

d. falta de unidade de conteúdos básicos nos currículos dos cursos que garanta uma formação adequada;

e. relativo distanciamento das associações de profissionais das regiões remotas do Brasil, o que dificulta maior participação dos profissionais;

f. falta de engajamento dos profissionais TILS Libras nas associações.

Como ponto positivo foi relatado por um TILS que dá autonomia ao profissional, quando este não se julgar competente linguisticamente ou psiquicamente para a realização de um trabalho ou ele exceda a sua função.

Diante deste apontamento, os demais relataram como ponto negativo a falta de respaldo para negar-se a um serviço que não condiz com o que o profissional está habilitado. Existem instituições que não permitem ao profissional optar por não realizar o trabalho, fazendo ele cumprir mesmo sem segurança o conteúdo a ser interpretado.

Um dos documentos consta que os TILS Libras têm o direito de serem auxiliados pelo(a) professor(a) através da revisão e preparação das aulas que garantam a qualidade de sua atuação durante as aulas. Em duas esferas educacionais foi citado que não há disponibilização do conteúdo com antecedência, o que pode desqualificar o ato da interpretação; uma das esferas foi relatado que o material é disponibilizado em partes.

Em nenhum dos dois documentos lidos é abordado sobre o papel do intérprete na ausência do(a) estudante com surdez. É unânime essa questão entre os profissionais; foi relatado por todos que muitos fazem outras atividades para as escolas e, outros, cumprem o horário até a saída da turma do(a) estudante, porém,

nos documentos nada consta. Também não foi encontrado em nenhum dos documentos o número de alunos para um TILS atender em sala de aula.

Como questão final e adicional importante, neste encontro os TILS trouxeram o questionamento quanto à ausência nos documentos sobre o papel do TILS no Atendimento Educacional Especializado, os sujeitos indagaram: qual é o papel? Apenas mediar a comunicação, traduzindo e interpretando ou fazendo o papel do professor de AEE?

Diante desses pontos abordados, entendeu-se que os profissionais que atuam no município de Bagé sentem a necessidade de formações continuadas, horários para grupos de estudos de sinais e cursos de Tradução e interpretação, de acordo com o Decreto nº 5.626/2005, Art. 17, o qual determina que a formação do tradutor e intérprete de Libras – Língua Portuguesa deve efetivar-se por meio curso superior; não existe oferta de cursos na área de tradução e interpretação, tendo em vista que este profissional atua na área de educação, mas quando necessário atua em outras áreas também, o que demanda estudos dos sinais diversificados.

Por fim, as barreiras encontradas pelos profissionais que atuam nas esferas educacionais no município de Bagé requerem um olhar voltado para promoção de cursos, oficinas, formações, garantias de direitos, com sugestão de fundação de Associação de Tradutores Intérpretes de Língua de Sinais que colabore com a qualidade do trabalho e, por consequência, com uma verdadeira inclusão dos(as) estudantes com surdez, ou seja, com impacto no direito pleno à inclusão.

**Figura 6:** Mosaico do *slide* apresentado no terceiro encontro



A tabela criada pelos sujeitos da pesquisa no terceiro encontro, abordando pontos negativos e positivos percebidos no Código de Ética para a atuação em contexto educacional do TILS contém os elementos analisados no referido Código, a saber: responsabilidades e competências esperadas do profissional; e experiências e saberes necessários à atuação na tradução e interpretação.

**Figura 7:** Trabalho coletivo sobre o Código de Ética (FEBRAPILS)

Pontos positivos	Mobilização	Pontos negativos	Mobilização	Mobilização
<b>FEBRAPILS</b> <b>Capítulo 3:</b> Responsabilidade do profissional (FEBRAPILS) Art. 10, I: Importância de se manter informados e atualizados sobre quaisquer assuntos concernentes à profissão.	Os sujeitos da pesquisa debateram sobre a importância de manterem-se atualizados e também buscar por cursos e formações para a atuação em sala de aula com alunos com surdez. Difusão de cursos de formação e aperfeiçoamento em diversas instituições a nível federal. Apoio da Associações de Tradutores Intérpretes às questões inerentes da categoria como regulamentação da profissão, jornada de trabalho, direito a revezamento, construção de regimentos, assédios, apoios jurídicos.	Capítulo 3 Responsabilidade e do profissional (FEBRAPILS) Art.10.I	Embora há a busca por formações e cursos para atualizarem-se, os mesmos relatam a dificuldade em ter a oferta de formações e cursos. Não há uma unidade de conteúdos básicos nos currículos desses cursos que garanta uma formação adequada Certo distanciamento das associações de profissionais das regiões remotas do Brasil o que dificulta maior participação dos profissionais. Falta de engajamento dos profissionais tradutores/intérpretes dentro dessas associações.	Não temos oferta de formação continuada
		Não existência de carga horária para atividade na qual o profissional possa dedicar ao estudo de novos sinais. Falta de apoio, aos profissionais que atuam na rede Estadual e Federal terceirizada, para acompanhamento dos(as) estudantes surdos(as) na Instituição, para além do ensino.		
Parágrafo Único - O TILS e o GI não aceitarão uma prestação de serviços a que não se julguem qualificados, contudo, sua aceitação implica total responsabilidade moral pela seriedade da sua prestação.	Da autonomia ao profissional, quando este não se julgar competente linguisticamente ou psiquicamente para a realização de um trabalho ou o mesmo exceda a sua função.	Falta de respaldo para se negar ao serviço que não é adequado.	Impossibilidade de não realizar algum trabalho, o profissional cumpre sem ter segurança do conteúdo a ser interpretado.	
				AEE e a atuação do TILS na função que não é AEE LIBRAS
Os intérpretes tem direito de serem auxiliados pelo professor através da revisão e preparação das aulas que garantam a qualidade de sua atuação durante as aulas (p. 61, 3º item).	Em nenhum dos dois documentos é abordado sobre o que o intérprete deve fazer na ausência do aluno com surdez. Não encontrado em nenhum dos documentos o número de alunos para um TILS atender em sala de aula.		O material no município e estado não é disponibilizado com antecedência o que por vezes pode desqualificar o ato da interpretação. Federal é disponibilizado em partes.	

### 3.1.3 Terceira Oficina

No terceiro encontro, os sujeitos socializaram um formulário, fazendo uma reflexão sobre as práticas cotidianas e atendimento ao Código de Ética, com discussão sobre os preceitos da interpretação - fidelidade, atenção aos diferentes níveis de proficiência na língua de sinais, inviabilidade de expressão do sentido de uma língua em direção a estrutura da outra, termos técnicos específicos de área ou campo de atuação, improviso e busca de estratégias de solução para aspectos que não se consegue antecipar, dentre outros.

Esse encontro contou com a participação de 8 sujeitos da pesquisa, pois duas pessoas não puderam comparecer por problemas pessoais, portanto, o formulário obteve 08 respostas e não as 10 estimadas pela pesquisadora.

A partir de suas narrativas, resgataram percepções dos desafios à conduta que constam no objetivo geral desta pesquisa, buscando a compreensão do papel do profissional no processo de ensino-aprendizagem de estudantes com surdez diante dos desafios.

A partir das perguntas do formulário, obteve-se um percentual de 75% de concordância quanto a que os documentos contemplam por completo a atuação do TILS em sala de aula inclusiva. Também resultou em um percentual de 75% que concordam parcialmente quanto a ser possível manter-se no Código de Ética profissional do TILS Libras e garantir ao(à) estudante surdo(a) o pleno acesso e participação aos conteúdos propostos pelos professores em sala de aula.

#### **Quadro 13:** 3º encontro - 16/09/2022

<b>Apresentação do terceiro objetivo específico</b>	Socialização sobre a influência positiva ou negativa na atuação escolar	Construção de pontos positivos e pontos negativos percebidos pelos sujeitos a respeito da atuação em sala de aula regular.	Roda de conversa sobre o documento Código de Ética do profissional (FEBRAPILS e FENEIS)
---	---	--	---

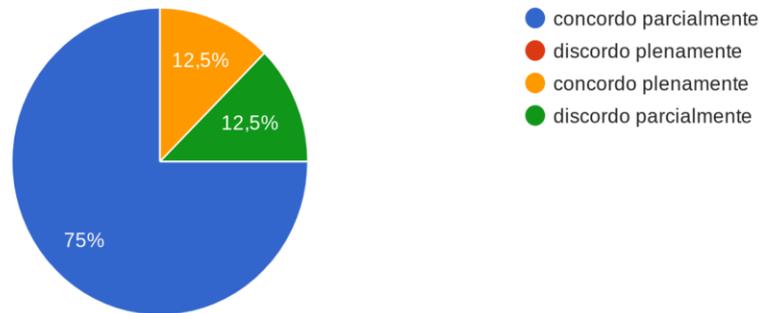
Fonte: Autora (2023)

Os gráficos a seguir demonstram o resultado do questionário aplicado.

### Figura 8: Gráfico Atuação do TILs

1- Ao ler o código de ética do profissional TILs você concorda que este documento contempla por completo a atuação do TILs educacional em sala de aula inclusiva?

8 respostas

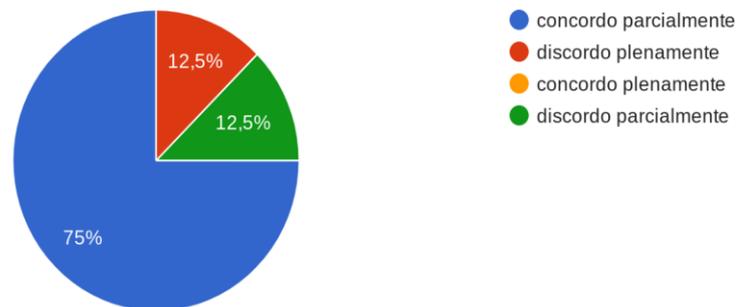


Fonte: Autora (2023)

### Figura 9: Gráfico Acesso e Inclusão

2- É possível manter-se no código de ética profissional TILs e garantir ao aluno surdo o pleno acesso e inclusão deste com a garantia de que es...onteúdo proposto pelo professor em sala de aula?

8 respostas

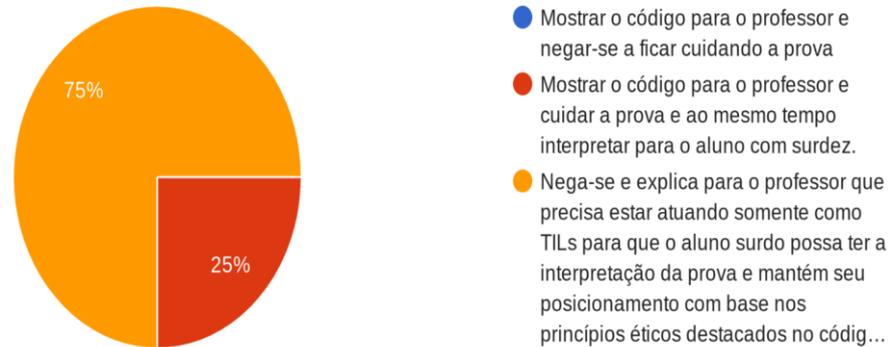


Fonte: Autora (2023)

**Figura 10: Gráfico Imparcialidade dos TILs**

3- O papel do profissional TILs em sala de aula é manter uma atitude imparcial durante o transcurso da interpretação, evitando interferênci... qual a sua atitude em relação ao código de ética?

8 respostas

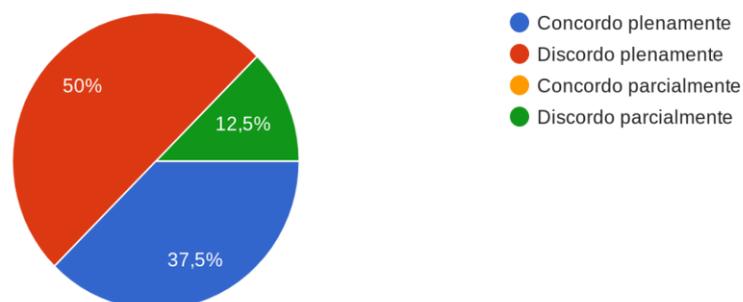


Fonte: Autora (2023)

**Figura 11: Gráfico TILs e os alunos com Surdez**

5 - Em uma Escola de Educação Inclusiva o correto é ter um profissional para dois ou mais alunos com surdez? Você:

8 respostas

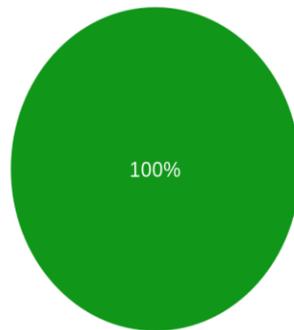


Fonte: Autora (2023)

**Figura 12: Gráfico Prática dos TILs**

6 - Para Santos (2017), um dos mecanismos criados para dar um norte à prática do Tradutor e Intérprete de Libras é o Código de Ética, que é um... 4º, um dos deveres fundamentais do intérprete é:

8 respostas



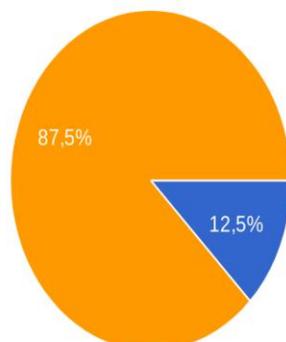
- negociar conteúdos com o professor e revelar suas dúvidas às questões de sala de aula. Cabe ao intérprete reali...
- pedir orientações ao diretor escolar e às famílias, quando o aluno surdo não compreender alguma questão especí...
- proporcionar ao surdo um entendimento igualitário ou superior...
- reconhecer seu próprio nível de competência e ser prudente em aceit...

Fonte: Autora (2023)

**Figura 13: Gráfico Postura dos TILs**

7- Em relação à postura ética do Intérprete, marcar a afirmativa Certa:

8 respostas

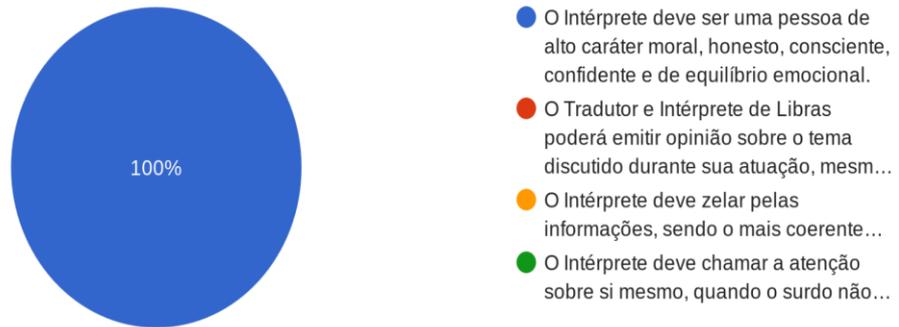


- Interpretar fielmente e com o melhor da sua habilidade, sempre transmitindo o pensamento, a intenção e o espírito do palestrante e ir além da sua respons...
- Adotar uma conduta adequada de se vestir, com adereços e chamando atenção indevida sobre si mesmo, durante o exercício da função.
- O intérprete deve reconhecer seu próprio nível de competência e ser prudente em aceitar tarefas, procuran...

Fonte: Autora (2023)

8 -O Tradutor e Intérprete de Libras tem deveres inerentes a sua atuação. De acordo com o Código de Ética, assinale a afirmativa correta.

8 respostas

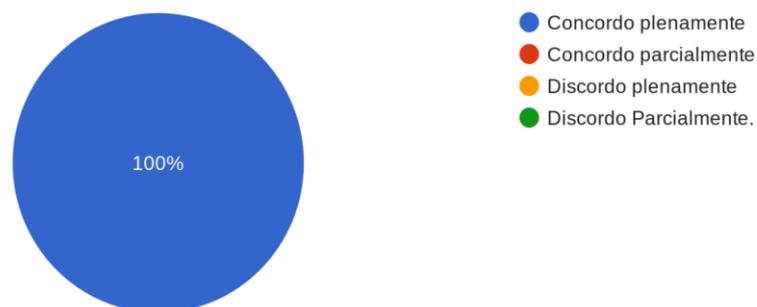


**Figura 14: Gráfico Deveres dos TILs**

Fonte: Autora (2023)

9 - Segundo o documento PROGRAMA NACIONAL DE APOIO À EDUCAÇÃO DE SURDO (MEC) Considerando a realidade brasileira na qual as esc...arcerias com as Instituições Federais ou privadas.

8 respostas

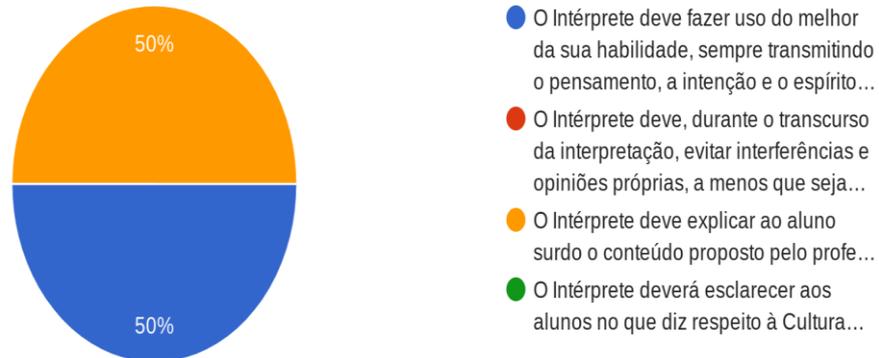


**Figura 15: Gráfico documento sobre a escolarização de alunos surdos**

Fonte: Autora (2023)

**Figura 16: Gráfico Orientações sobre a atuação dos TILs**

10 - No Código de Ética do Intérprete, há orientações profissionais quanto a sua atuação. O Intérprete está para intermediar um processo inter...to Nacional de Intérpretes (FENEIS), NÃO orienta:  
8 respostas



Fonte: Autora (2023)

### 3.1.4 Quarta Oficina

A quarta oficina foi organizada para a realização de relatos de experiência dos sujeitos da pesquisa, com abordagem dos desafios/barreiras (dificuldades) comuns a todos e todas as profissionais durante suas trajetórias, profissão e experiências de tradução e interpretação dentro do contexto escolar inclusivo. Também foi realizada a indicação de mapeamento de barreiras e alternativas pedagógicas encontradas e realizadas na quebra dessas barreiras.

Foi solicitado aos(às) participantes que fizessem um estudo de caso, relatando uma situação em que tenha vivenciado uma situação de dificuldades ou desafio no curso de sua trajetória de trabalho; a pesquisadora apresentou um caso cujo (em anexo J) sobre vivência e experiência de trabalho no contexto educacional. Os demais participantes apresentaram um caso para cada situação experienciada pelos quais puderam perceber, também, a falta de acessibilidade para estudantes surdos(as). O estudo de caso foi feito em carga horária EAD e narrado na roda de conversa do encontro posterior.

**Quadro 14:** 4º encontro - 30/09/2022

<b>Apresentação do quarto objetivo específico</b>	Apresentação do estudo de caso informando uma barreira vivenciada: relato de um caso de vivência de barreira vivenciada ou não, em que o(a) estudante surdo(a) não teve acessibilidade.	Elaboração de um estudo de caso para apresentação na roda de conversa.	Roda de conversa com apresentação dos estudos de caso elaborados pelos sujeitos da pesquisa. Troca de experiências entre os sujeitos.
---	---	--	---

Fonte: Autora (2023).

### 3.1.5 Quinta Oficina

Na quinta oficina contamos com a participação de 9 participantes que trouxeram para narração na roda de conversa sobre a experiência do caso escolhido. Houve, então, a contribuição dos sujeitos envolvidos, com suas experiências e práticas na área, na construção da história da interpretação em Língua de Sinais no município de Bagé, com proposição de alternativas para os desafios e barreiras. Construiu-se um grupo de estudos e ações de tradução e interpretação que acrescentou de forma positiva e de alta qualidade no trabalho de cada profissional.

No encerramento, foi apresentado aos sujeitos participantes todos os objetivos específicos debatidos durante os encontros e alternativas de solução encontradas pelo grupo na construção da pesquisa.

Foi feito, novamente, a dinâmica inicial da teia, onde a pesquisadora mostrou os resultados esperados com a realização do curso de extensão sobre a atuação do Tradutor Intérprete de Língua de Sinais e seu papel no processo de ensino-aprendizagem dos estudantes com surdez em contexto escolar regular inclusivo, e foi colaborativo com a discussão da educação inclusiva.

De modo geral, foi estudado e discutido o Código de Ética da profissão dos TILS Libras e demais normativas e diretrizes vigentes a respeito desta atuação profissional, onde puderam ser percebidos os parâmetros para a atuação pedagógica escolar, culminando com uma reflexão acerca do fazer ético dos Tradutores Intérpretes de Língua de Sinais em relação à educação inclusiva, visando o direito de pleno acesso à comunicação, informação e formação dos(as) estudantes com surdez. Objetivou-se conhecer e reconhecer os profissionais que atuam na

função social, inclusiva e na quebra de barreiras no contexto educacional. A discussão a partir do Código de Ética tornou acessível e disponibilizou informações aos sujeitos que estão iniciando e, também, para os que já atuam há mais tempo na profissão, tornando mais fácil tratar sobre o cotidiano de trabalho em contexto escolar inclusivo, embora cada um busque sempre a prática ética em suas demandas de trabalho. A reflexão nas rodas de conversa conjunta do grupo corroborou de forma significativa para incentivar a transformação na construção do fazer diário dentro da sala de aula junto aos(as) estudantes com surdez.

Após o encerramento do curso, pode-se fazer a análise sobre o papel do profissional TILS e sua atuação e compreender que seu papel é crucial para a quebra de barreiras comunicacionais nos espaços educacionais.

**Quadro 15:** 5º encontro - 14/10/2022

<b>Apresentação do quinto objetivo específico</b>	Apresentação de linha do tempo sobre os encontros da oficina.	Criação de um muro com tijolos - representação das barreiras	Síntese da formação: Quebra simbólica das barreiras ("muro") e (re)construção pedagógica - "mural de alternativas pedagógicas"
---	---	--	--

Fonte: Autora (2023)

De modo geral, pode-se concluir que foi possível perceber, diante dos relatos dos participantes, que mesmo com trabalho realizado em esferas diferentes da educação e níveis diversificados, todos(as) enfrentam as mesmas dificuldades e desafios dentro de suas práticas que buscam a inclusão dos(as) estudantes surdos(as), praticado como direito pleno de acesso e permanência em sala de aula, em todo percurso formativo até ensino superior.

O profissional TILS Libras tem papel fundamental para assegurar essa garantia ao(à) estudante surdo(a), no viés de garantia da permanência. Então, pode-se perceber que, mesmo diante da incompreensão dos demais participantes da educação dos(as) estudantes surdos(as) em antecipar o conteúdo para o TILS estudarem os sinais e que o TILS Libras não ocupa o papel de professor(a) em sala de aula, mas de mediador, é possível encontrar estratégias pedagógicas para amenizar e até eliminar barreiras encontradas no processo de ensino-aprendizagem.

Estratégias, essas, que podem começar por garantir aos profissionais TILS formações continuadas para atualização de sinais, trocas e interação; nesse sentido,

para os sujeitos desta pesquisa, o encontro proporcionado pela pesquisa foi visto como um avanço para o grupo.

Manifestaram, também, a necessidade de toda comunidade escolar promover acessibilidade atitudinal para os(as) estudantes surdos(as), para aprendizagem da Língua de Sinais com vistas à comunicação com surdos(as), assim como, a importância da participação das famílias para se efetivar o entendimento de como se dá a educação para este alunado.

**Figura 17:** Mosaico de registros fotográficos da última Oficina



Fonte: Autora (2023)

### **3.2 Análise dos dados da pesquisa por meio dos "núcleos de significação": desenvolvimento das Oficinas no Grupo Focal**

Conforme explanado no item 3.1 - As Oficinas "TILS: compartilhando experiências e saberes", esta pesquisa de caráter interventivo utilizou-se de oficinas como meio de atuação-intervenção, produção e coleta de dados.

Retomando a característica do Grupo Focal, este artifício propicia interações de um grupo sobre um tema proposto, juntamente com os debates suscitados entre os participantes, possibilitando aos entrevistados a expressão do que eles próprios consideram importantes sobre determinado tópico (POMMER; POMMER, 2014). Então, nesse sentido, e considerando os objetivos da presente pesquisa, as Oficinas demonstraram-se mais efetivas que as entrevistas tradicionalmente utilizadas, pois puderam ser realizadas várias dinâmicas:

O Grupo Focal se organiza como processo de comunicação nos diálogos, o que possibilita levantamento de material para posterior análise. Esta interação pode ocorrer tanto entre pesquisador-sujeito/pesquisado, como entre os próprios sujeitos pesquisados. Os instrumentos qualitativos são de expressão individual, oral e interativa, como em **dinâmicas de grupo de naturezas diversas** (POMMER; POMMER, 2014, p. 11) (grifos meus).

Do ponto de vista da análise dos dados produzidos e coletados nas Oficinas, de acordo com Pommer e Pommer (2014), os mesmos foram sistematizados em torno de "núcleos de significação" (NS), os quais constituem-se a partir de: "[...] temas os mais diversos caracterizados por uma maior frequência (pela repetição ou reiteração), pela importância enfatizada nas falas dos informantes [...]" (AGUIAR; OZELLA, 2006, p. 13 *apud* POMMER; POMMER, 2014, p. 11). Os núcleos de significação escolhidos para esta pesquisa estão relacionados com as temáticas das Oficinas, os quais, por sua vez, estão coligados aos objetivos específicos e geral, sendo eles:

**NS 1:** Desafios e barreiras pedagógicas

**NS2:** Alternativas pedagógicas/Acessibilidade

**NSG:** Atuação inclusiva do TILS Libras em contexto escolar

**Quadro 16:** Relação entre as temáticas das Oficinas, objetivos da pesquisa e núcleos de significação (NS) e núcleo de significação geral (NSG)

Objetivo geral	Temáticas das Oficinas	Objetivos específicos relacionados	Núcleos de significação
<p>. Refletir sobre os desafios vivenciados pelos profissionais Tradutores Intérpretes de Língua de Sinais na atuação educacional com estudantes surdos(as), em contexto de educação escolar inclusiva</p> <p>. Discutir as estratégias para facilitar o trabalho destes profissionais na resolução de conflitos vivenciados no escopo de atuação do ensino inclusivo, nos espaços escolares municipais, estaduais, federais e privados, no município de Bagé.</p>	<b>Oficina 1:</b> Trajetórias dos sujeitos da pesquisa	a. b.	<b>NS1:</b> Desafios e barreiras pedagógicas
	<b>Oficina 2:</b> Análise da ética profissional	b. c.	<b>NS1:</b> Desafios e barreiras pedagógicas
	<b>Oficina 3:</b> impacto das legislações e normas para a atuação do TILS	b. c.	<b>NS2:</b> Alternativas pedagógicas e Acessibilidade
	<b>Oficina 4:</b> Estudo de caso sobre barreiras, vivências e acessibilidade	d.	<b>NS2:</b> Alternativas pedagógicas e Acessibilidade
	<b>Oficina 5:</b> Quebra de barreiras comunicacionais e acessibilidade pedagógica para estudantes com surdez na escola de ensino regular inclusiva	e.	<b>NSG:</b> Atuação inclusiva do TILS Libras em contexto escolar

Fonte: Autora (2023).

Após as oficinas, com a organização dos materiais coletados e analisados durante cada encontro e interação dos(as) sujeitos(as) da pesquisa, esta etapa de formação dos **núcleos de significação** foi fundamental para as considerações e percepções da pesquisadora.

Ao sintetizar três núcleos de significação, passamos a demonstrar como cada núcleo se constituiu e atribuiu a síntese para os elementos objetivados na pesquisa por meio do Grupo Focal, conforme segue.

→ **Primeiro núcleo (NS1):** Desafios e barreiras pedagógicas

Foi constituído a partir das manifestações (falas) dos(as) sujeitos(as) da pesquisa e da percepção da pesquisadora no que se refere à atuação do TLS Libras

junto aos (as) estudantes com surdez.

Durante a atuação foi evidenciado que os TILS Libras enfrentam como barreiras a ausência de sinais específicos para certas disciplinas, tendo esse profissional que utilizar datilologia e pedir ao professor para explicar mais sucintamente ao aluno. Muitas vezes recai a este profissional fazer a explicação do conteúdo e este, por sua vez, não chega antecipadamente para o TILS Libras para que consiga estudar os sinais e fazer o seu trabalho com mais qualidade para a melhor compreensão do(a) estudante com surdez.

São barreiras que surgem pela falta de conhecimento das pessoas e Instituições sobre o papel e atuação do TILS Libras e acaba tornando dificultosa sua participação colaborativa para a efetiva inclusão do(a) estudante surdez; a falta da dupla para atuar no trabalho foi manifestada, tornando mais exaustivo o trabalho do profissional, durante horas traduzindo e interpretando sozinho, como acontece em algumas instituições onde parte dos sujeitos pesquisados atuam.

Ainda em relação ao primeiro núcleo de significação, foi registrada a ausência de ofertas de cursos e formações continuadas para o trabalho de tradução e interpretação, o que difere de oficinas de níveis básicos e intermediários, as quais não são suficientes para formar um profissional para atuar em salas de aula; a sobrecarga aos profissionais que já têm mais experiências foi relatada, assim como falta de vocabulário e necessidade de buscar sinais em um grupo de estudos para troca de experiências, porém, não é possível por estes(as) profissionais, pois ficam estão em atividades diretas com o(a) estudante na maior parte do tempo no trabalho.

Foi percebido perante as falas nos encontros das oficinas que há um preconceito em relação a esse profissional por este trabalhar, na maioria das vezes, com um aluno ou dois, até três alunos, como foi relatado pelos sujeitos da pesquisa; isso pode tornar um grande desafio para o TILS Libras em fazer com que mais de um(a) estudante surdo(a) em uma sala de aula compreendam de formas semelhantes, visto que cada um tem uma forma de aprender e o seu tempo; também há uma diferença de que alguns podem estar em um nível mais avançado no uso dos sinais em Língua de Sinais e, outros, podem ter pouco conhecimento e utilizar sinais domésticos para comunicar, tornando assim desafiador para o TILS Libras chegar ao sucesso com sua atuação, havendo um retorno constante aos sinais utilizados para explicar o significado, o que acaba por prejudicar os(as) estudantes que estão mais avançados nos sinais.

→ **Segundo núcleo (NS2):** Alternativas pedagógicas/Acessibilidade

A percepção foi que as práticas educativas voltadas para o ensino de estudantes com surdez estão ancoradas na filosofia de apenas “integrar” esse estudante, atrelando a esse a busca de melhores condições para tornar possível sua efetiva permanência na escola de ensino regular e instituições de ensino superior.

Anteriormente, o papel do(a) professor(a) que atuava na classe especial era ensinar o(a) estudante surdo(a), para que ficasse preparado(a) para a transferência para uma escola de ensino regular e conseguisse permanecer, mas não é o que acontece habitualmente; os(as) professores(as) não têm em suas formações um conhecimento mais aprofundado da Língua de Sinais, principalmente, os(as) professores(as) de área, comuns, bem como o(a) próprio(a) professor(a) de Atendimento Educacional Especializado, o que faz com que tenha que se contar com o TILS Libras para buscar estratégias que visem a acessibilidade para esses(as) estudantes.

É necessário que sejam reformulados os currículos visando a comunicação, interação e participação dos(as) estudantes com surdez e conteúdo que possam contemplar a todos e todas sem que haja o insucesso. Tal estudante deve participar de um ambiente que busca ser inclusivo e o TILS Libras adquirir o papel de mediador(a) da comunicação e colaborador(a) do(a) professor(a) no sentido de atendimento às necessidades que digam respeito à Língua de Sinais e interação do(a) estudante com surdez, sem que haja a responsabilidade total em relação à explicação de conteúdos e em ser o(a) “professor(a)”, pois o(a) professor(a) é o(a) responsável por assegurar a proposta de ensinar o conteúdo proposto e o TILS Libras participa desse processo assegurando ao aluno fidelidade no sinal, tornando o aprendizado acessível para a inclusão.

→ **Núcleo de significação geral (NSG):** Atuação inclusiva do TILS Libras em contexto escolar

Os TILS Libras participantes da pesquisa são cientes da importância do seu papel e da relevância para a inclusão dos(as) estudantes surdos, sabem que é necessário manter-se neutro, sem opinar, atuar dentro dos parâmetros que

regulamentam a sua profissão, porém, uma atuação inclusiva não se pauta apenas em mediar a comunicação e, por isso, dizer que o(a) estudante surdo(a) está incluído(a); é necessário que todos e todas as pessoas envolvidas com a educação desse estudante tenham participação, envolvimento e engajamento para fazer a inclusão acontecer, de fato. Para que o(a) estudante com surdez possa ir em qualquer setor da escola e consiga ser atendido(a), que ao retornar para a casa saiba buscar seus conteúdos e estudar para uma prova sabendo o que foi proposto na sala de aula, por exemplo.

A atuação inclusiva do TILS Libras está atrelada à permanência desse estudante surdo(a) na escola, em todos os níveis de ensino, incentivar a todos e todas que busquem o conhecimento da Língua de Sinais para que esse estudante possa se tornar um estudante “da escola” e não o(a) “estudante do(a) TILS Libras”.

Os TILS Libras deixaram transparecer o valor que atribuíam à competência profissional, de forma explícita e implícita, aspectos esses que se relacionaram com a própria efetivação da dinâmica das interações. Demonstraram que a relação de fidelidade constituída desde o momento da decisão em 'ser TILS' ou permanecer na profissão', está alicerçada em uma atividade mediada socialmente, onde "[...] o sujeito constitui-se pela atividade [...] produtora de significado no campo das intersubjetividades" (MOLON, 2002, p. 224).

A dinâmica do grupo focal, considerando as falas e experiências e saberes dos Tradutores Intérpretes de Língua de Sinais que participaram desta pesquisa, revelou os desafios vivenciados por esses profissionais junto aos alunos com surdez, barreiras no que tange a comunicação e a falta de oferta de formações o que torna ainda mais difícil outras pessoas que atuam no contexto educacional tenham oportunidades de aprendizado da Língua de Sinais, fazendo com que esses profissionais TILS Libras sejam considerados imprescindíveis para a inclusão de alunos com surdez acontecer de fato.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo como base os resultados do curso de extensão “TILs compartilhando experiências e saberes,” que acompanhou e guiou de forma focalizada a presente pesquisa interventiva, tendo os objetivos específicos como guias para que os TILS Libras atuantes nas três esferas públicas educacionais dentro do município de Bagé e temática geral os principais desafios sobre as estratégias que utilizam para cumprir com o Código de Ética Profissional em seus cotidianos de atuação junto aos(as) estudantes com surdez, foi possível perceber que há um desconhecimento sobre o papel e a atuação do TILS que atuam em contexto pedagógico escolar inclusivo, com atribuições que não lhes competem, acarretando a exclusão do(a) estudante com surdez.

Também se compreendeu que o papel do profissional TILS e sua atuação são cruciais para a quebra de barreiras comunicacionais e para tornar acessível aos(as) estudantes surdos(as) os conteúdos propostos, o que também ficou evidenciado pela oficina, como a possibilidade de traçar um perfil destes(as) profissionais, conhecendo e reconhecendo sua formação e os primeiros contatos com a Língua de Sinais no município de Bagé.

Em relação ao Código de Ética Profissional (FEBRAPILS e FENEIS), analisados pelos participantes desta pesquisa, nos quais constam os parâmetros para a atuação do TILS Libras, no capítulo 3, art.10 do código (FEBRAPILS) é explicitado sobre a responsabilidade do(a) profissional e a importância de estarem sempre atualizados(as) e informados(as) sobre assuntos concernentes à profissão, porém, não consta em nenhum dos dois documentos lidos e debatidos sobre hora-atividade para estudos, que seria essencial para a busca de novos sinais, embora haja esta procura pessoal por formações e cursos para agregar ao conhecimento e prática de sinais, contudo, não há oferta. Também se registrou que, quando há ausência do(a) estudante surdo(a) o(a) profissional muitas vezes cumpre outras funções fora de suas atribuições. Pelos códigos, também nada consta sobre como deve agir diante desse fato que ocorre com frequência, bem como não há um respaldo nesses documentos para a atuação do TILS no atendimento educacional especializado.

Diante disso, foi possível perceber que os(as) profissionais atuantes nesse município necessitam ter formações continuadas para os TILS e para toda a

comunidade escolar, horário para estudos em grupo e cursos de Tradução e Interpretação onde, segundo o Decreto n.º 5.626/2005, em seu art. 17, a formação do tradutor e intérprete de Libras – Língua Portuguesa deve efetivar-se por meio curso superior, porém, não é ofertado cursos na área de tradução e interpretação, o que seriam as alternativas pedagógicas para atuação do Tradutor Intérprete de Língua de Sinais, corroborando para a qualidade do trabalho e a inclusão e pleno acesso do(a) estudante com surdez.

Como estratégias e alternativas encontradas em busca da superação dos desafios e impasses do dia a dia da profissão na área educacional, especialmente, quanto ao atendimento ao paradigma inclusivo, os(as) participantes mencionaram acessibilizar a comunicação integrando às práticas pedagógicas o uso de imagens, vídeos e filmes com legendas, recursos visuais em geral, bem como, antecipadamente, inserir a janela de tradução e interpretação nos materiais, a fim de que os(as) estudantes possam assistir e acompanhar pela legenda, e fornecimento do material didático de forma antecipada, para que o TILS possa estudar os sinais e, assim, melhorar a qualidade de seu trabalho junto aos(às) estudantes com surdez.

Outra menção à promoção da acessibilidade, por parte dos TILS da pesquisa, foi a oferta de instrução aos demais profissionais da escola, professores (as), familiares e comunidade, a fim de favorecer que o repertório social de contatos com falantes e usuários da Língua de Sinais aumente, para que todos e todas possam se comunicar com estes sujeitos e, assim, proporcionar a máxima convivência, independência e comunicação, independentemente da presença do TILS, os quais recorrentemente se envolvem para além do que lhes compete e ultrapassa o contexto educacional.

É necessário que todos e todas entendam que há necessidade respeitar o papel do TILs e compreender que esse profissional tem em sua atuação uma postura em relação ao seu aluno ou aluna com surdez, seguindo sim, regras e preceitos que lhes são incumbidos para seguir na profissão, sendo crucial, manter a ética tanto com seus aluno, como com os professores, demais participantes do ambiente educacional, bem como, a fidelidade de passar através dos sinais interpretados a verdade para as pessoas surdas e vice versa, ser fiel quanto a fala das pessoas surdas as quais convivem no ambiente educacional, pois é esse profissional que se constituiu através da educação de surdos e hoje é indispensável para Inclusão e seu papel é mediar, e o processo de educar e incluir tem a

participação de todos e todas envolvidos na escolarização de alunos com surdez, somente quando todos tiverem sua participação e compreensão do Papel do TILs, irá minimizar as barreiras enfrentadas.

## REFERÊNCIAS

BORTONI-RICARDO, S. M.; DETTONI, R. V. Diversidades linguísticas e desigualdades sociais: aplicando a pedagogia culturalmente sensível. *In*: COX, Maria Inês Pagliarini; ASSIS-PETERSON, A. A. Ana Antônia (orgs.). **Cenas de sala de aula**. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

BRASIL. **Constituição Federal de 1988**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/ConstituicaoCompilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/ConstituicaoCompilado.htm)> Acesso em: 19 dez. 2022.

BRASIL. **Lei nº 3.643**: dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais e dá outras providências. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/rs/b/bage/lei-ordinaria/2001/364/3643/lei-ordinaria-n-3643-2001-dispoe-sobre-a-lingua-brasileira-de-sinais-libras-e-da-outras-providencias>> Acesso em: 27 dez. 2022.

BRASIL. **Decreto nº 5.626** de 22 de setembro de 2005. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm)> Acesso em: 29 dez. 2022.

BRASIL. **Lei nº 10.436**, de 06 de julho de 2015. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br>> Acesso em: 04 jan. 2022.

BRASIL. **Lei nº 12.319** de 1º de setembro de 2010. Regulamenta a profissão do Tradutor/Intérprete de Língua de Sinais - LIBRAS. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br>> Acesso em: 27 dez. 2022.

BRASIL. **Decreto Nº 7.611**. Dispõe sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providências, de 16 de novembro de 2011. Diário Oficial da União. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2011/decreto/d7611.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/decreto/d7611.htm)> Acesso em: 13 out. 2022.

FLICK, U. Entrevista episódica. *In*: GASKELL, G.; BAUER, M. W. (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 114-136.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GALVÃO, Cristina Maria. Revisão integrativa: Método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **Texto contexto - enferm.** Florianópolis, v. 17, n. 4, dez. 2008. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-07072008000400018&lng=en&nrm=isso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072008000400018&lng=en&nrm=isso)> Acesso em: 03 jun. 2022.

GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. *In*: GASKELL, G.; BAUER, M. W. (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 64-89.

GASKELL, G.; BAUER, M. W. (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.

GATTI, Bernardete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília: Ed. Liber livro, 2005.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GILE, D. The Effort Models in Interpretation. *In: Basic Concepts and Models for Interpreter and Translator Training*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1999.

GOLDFELD, M. **A criança surda**. São Paulo: Pexus, 1997

GONDIM, S. M. G. Perfil profissional e mercado de trabalho: relação com formação acadêmica pela perspectiva de estudantes universitários. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 7, n. 2, 2002,

GONDIM, S. M. G. Grupos focais como técnica de investigação. **Estudos de Psicologia**, UFRN-Natal, v. 7, n. 2, p. 299- 319. 2002.

GURGEL. T. M. A. Perfil de Tradutores-Intérpretes de Libras (TILS) que atuam no Ensino Superior no Brasil. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v. 17, n. 3, p.481-496, 2011.

KITZINGER, J. Focus groups with users and providers of health care. *In: POPE, C.; MAYS, N. (Org.). Qualitative research in health care*. 2.ed. London: BMJ Books, 2000.

KOLLER. Sílvia; COUTO, Maria Clara P. de Paula; HOHENDORFF, Jean Van. Revisão sistemática. *In: Manual de produção científica*. Porto Alegre: Penso, 2014.

LACERDA, Cristina B. F. de. **Intérprete de Libras em atuação na Educação Infantil e no Ensino Fundamental**. Porto Alegre: Editora Mediação, 1997.

LACERDA. C. B. F. **Intérprete de libras: Em atuação na educação infantil e no ensino fundamental**. 3ª Edição. Porto Alegre: Editora Mediação, 2011.

LACERDA, Cristina B. F. de; GURGEL, Taís Margutti do Al. Perfil de tradutores-intérpretes de Libras (TILS) que atuam no ensino superior no Brasil. **Rev. bras. educ. espec. [online]**. 2011, vol. 17, n. 3, p. 481-496. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbee/v17n3/v17n3a09.pdf>> Acesso em: 06 dez. 2022.

MENDES, Karina Dal Sasso; SILVEIRA, Renata Cristina de Campos Pereira; GALVÃO, Cristina Maria. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **Texto contexto – enferm.** Florianópolis: v. 17, n. 4, dez. 2008. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-07072008000400018&lng=en&nrm=isso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072008000400018&lng=en&nrm=isso)> Acesso em: 03 jun. 2022.

MOREIRA, M. I. C. Pesquisa-intervenção: especificações e aspectos da interação entre pesquisadores e sujeitos da pesquisa. *In*: CASTRO L. R. BESSET, V. L. (orgs.) **Pesquisa-interação na infância e na juventude**. Rio de Janeiro: NAU, 2008.

MORGAN, D. L. **The focus group guidebook**. Thousand Oaks: Sage, 1998.

MORGAN, D. L. **Focus group as qualitative research**. London: Sage, 1997.

NÓVOA, A. Os professores e as histórias da sua vida. *In*: NÓVOA, A. **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 2013. p. 11-30.

PATTON, M. Q. **Qualitative evaluation and research methods**. 2. ed., Thousand Oaks: Sage, 1990.

POMMER, W. M.; POMMER, C. P. C. R. A metodologia do Grupo Focal e a formação continuada do professor: um olhar interativo envolvendo a articulação cognição e emoção. **Itinerarius Reflectionis**, Goiânia, v. 10, n. 2, 2015. DOI: 10.5216/rir.v10i2.30250. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/rir/article/view/30250>> Acesso em: 25 jan. 2023.

POWELL, R. A.; SINGLE, H. M. Focus groups. **International Journal for Quality in Health Care**. 1996, v. 8, n. 5, p. 449-504.

QUADROS, Ronice Müller de. **O tradutor e intérprete de Língua Brasileira de Sinais e língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEESP, 2004.

RODRIGUES, Heliana C.; SOUZA, Vera L. A análise institucional e a profissionalização do psicólogo. *In*: KAMKHAGI, Vida R.; SAIDON, Osvaldo (org.). **Análise institucional no Brasil**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1987, p. 27-46.

SANDER, Ricardo. **Adaptação dos representantes dos Estados Brasileiros**. Aprovado por ocasião do II Encontro Nacional de Intérpretes, Rio de Janeiro:1992.

SASSAKI, Romeu Kazumi. Inclusão: acessibilidade no lazer, trabalho e educação. **Revista Nacional de Reabilitação (Reação)**, São Paulo, Ano XII, mar./abr. 2009, p. 10-16.

SELESKOVITCH, D. Language and Cognition. *In*: GERVER, D. & SINAIKO, H. W. (eds.). **Language and Communication**. New York: Plenum, 1977, p. 333-341.

SILVA, Adriana Thoma. **Imaginário social e educação do surdo institucionalizado**. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Mestrado em Educação, 1997. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/70870>> Acesso em: 02 fev. 2022.

SKLIAR, Carlos. **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Ed. Mediação, 2005.

SOUZA, Ana Paula Gestoso de. et. al. A escrita de diários na formação docente. **Educação em Revista [online]**. 2012, v. 28, n. 1 Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-46982012000100009>> 19 jul. 2012. Acesso em: 05 jun. 2022.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A - TERMO DE CIÊNCIA E CONSENTIMENTO



**TÍTULO DA PESQUISA: ATUAÇÃO DO TRADUTOR INTÉRPRETE DE LÍNGUA DE SINAIS NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DE ESTUDANTES COM SURDEZ EM CONTEXTO ESCOLAR INCLUSIVO: DESAFIOS, BARREIRAS E ALTERNATIVAS PEDAGÓGICAS**

MESTRANDA: ADRIANA MARTINS DA SILVA

ORIENTADORA: PROF<sup>a</sup>. DR<sup>a</sup>. FRANCÉLI BRIZOLLA

### TERMO DE CIÊNCIA E CONSENTIMENTO

Eu, \_\_\_\_\_, abaixo assinado, responsável pela Secretaria de Educação Municipal, autorizo a realização do estudo “Atuação do Tradutor Intérprete de Língua de Sinais no processo de Ensino-aprendizagem de estudantes com surdez em contexto escolar inclusivo: desafios, barreiras e alternativas pedagógicas”, a ser conduzido pela pesquisadora Adriana Martins da Silva. Fui informado, pela responsável do estudo, sobre as características e objetivos específicos da pesquisa, quais sejam: resgatar e registrar a história da interpretação em Libras no município de Bagé; analisar o Código de Ética da profissão de TILS Libras e demais normativas e diretrizes vigentes a respeito desta atuação profissional, a fim de perceber os parâmetros para atuação pedagógica escolar; propor uma reflexão acerca do fazer ético dos Tradutores/intérpretes de Língua de Sinais em relação aos pressupostos da educação inclusiva, tendo em vista o direito de pleno acesso à comunicação, informação e formação dos estudantes com surdez; discutir sobre os desafios e propor estratégias para as práticas dos Tradutores/intérpretes de Língua de Sinais no processo de ensino aprendizagem em contexto escolar inclusivo - barreiras e alternativas pedagógicas. A pesquisa é de cunho interventivo, cujo método é grupo focal (KITZINGER, 1994), sendo uma pesquisa qualitativa participativa. (ROSSI; PASSOS, 2014). Terá como sujeitos investigados a própria pesquisadora e outros Tradutores/Intérpretes de Língua de Sinais atuantes no município de Bagé.

Os critérios para a seleção do grupo de participantes se baseiam na atuação desses profissionais como Tradutores/Intérpretes de Língua de Sinais que desempenham atividades no contexto educacional, em sala de aula traduzindo e interpretando para alunos surdos nas

três esferas públicas: municipais, estaduais e federal no município de Bagé no Estado do Rio Grande do Sul.

Pretende-se realizar, pelo menos, cinco encontros presenciais nos quais os participantes que já têm uma vivência com os temas abordados nos encontros terão a oportunidade de participar e interagir com os demais colegas ao responder às questões propostas. Os encontros terão duração de 60 a 90 minutos e ocorrerão entre os meses março a agosto de 2022, os dias e horários serão ajustados de acordo com a disponibilidade de cada profissional e após o aceite de participação, bem como, o envio do Termo de Consentimento Livre e esclarecido e detalhamento de toda a pesquisa, aos que se voluntariarem à participação.

A instituição coparticipante do presente projeto de pesquisa está ciente de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos sujeitos de pesquisa nela recrutados, dispondo de infraestrutura necessária para a garantia de tal, segurança e bem-estar.

Respeitosamente, agradeço a atenção, aguardo retorno no prazo: 27 de fevereiro de 2022.

Adriana Martins da Silva

“Eu gritei, gritei muito. Porque eu queria me ouvir e os sons não voltaram para mim. Minhas ligações não significavam nada para meus pais. Eles eram, disseram, gritos estridentes de aves marinhas, então me chamaram de gaivota. E a gaivota estava gritando sobre um oceano de barulhos...”.  
(EMMANUELLE LABORIT, atriz e escritora francesa, em "O Vôo da Gaivota")

Data: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Assinatura e carimbo do responsável institucional

## APÊNDICE B



TÍTULO DA PESQUISA: ATUAÇÃO DO TRADUTOR INTÉRPRETE DE LÍNGUA DE SINAIS NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DE ESTUDANTES COM SURDEZ EM CONTEXTO ESCOLAR INCLUSIVO: DESAFIOS, BARREIRAS E ALTERNATIVAS PEDAGÓGICAS

MESTRANDA: ADRIANA MARTINS DA SILVA

ORIENTADORA: PROF<sup>a</sup>. DR<sup>a</sup>. FRANCÉLI BRIZOLLA

### TERMO DE CIÊNCIA E CONSENTIMENTO

Eu, \_\_\_\_\_, abaixo assinado, responsável pela 13ª Coordenadoria de Educação Estadual, autorizo a realização do estudo “Atuação do Tradutor Intérprete de Língua de Sinais no processo de Ensino-aprendizagem de estudantes com surdez em contexto escolar inclusivo: desafios, barreiras e alternativas pedagógicas”, a ser conduzido pela pesquisadora Adriana Martins da Silva. Fui informado, pela responsável do estudo, sobre as características e objetivos específicos da pesquisa, quais sejam: resgatar e registrar a história da interpretação em Libras no município de Bagé; analisar o Código de Ética da profissão de TILS Libras e demais normativas e diretrizes vigentes a respeito desta atuação profissional, a fim de perceber os parâmetros para atuação pedagógica escolar; propor uma reflexão acerca do fazer ético dos Tradutores/intérpretes de Língua de Sinais em relação aos pressupostos da educação inclusiva, tendo em vista o direito de pleno acesso à comunicação, informação e formação dos estudantes com surdez; discutir sobre os desafios e propor estratégias para as práticas dos Tradutores/intérpretes de Língua de Sinais no processo de ensino aprendizagem em contexto escolar inclusivo - barreiras e alternativas pedagógicas. A pesquisa é de cunho interventivo, cujo método é grupo focal (KITZINGER, 1994), sendo uma pesquisa qualitativa participativa. (ROSSI; PASSOS, 2014). Terá como sujeitos investigados a própria pesquisadora e outros Tradutores/Intérpretes de Língua de Sinais atuantes no município de Bagé.

Os critérios para a seleção do grupo de participantes se baseiam na atuação desses profissionais como Tradutores/Intérpretes de Língua de Sinais que desempenham atividades no contexto educacional, em sala de aula traduzindo e interpretando para alunos surdos nas três esferas públicas: municipais, estaduais e federal no município de Bagé no Estado do Rio Grande do Sul.

Pretende-se realizar, pelo menos, cinco encontros presenciais nos quais os participantes que já têm uma vivência com os temas abordados nos encontros terão a oportunidade de participar e interagir com os demais colegas ao responder às questões propostas. Os encontros terão duração de 60 a 90 minutos e ocorrerão entre os meses março a agosto de 2022, os dias e horários serão ajustados de acordo com a disponibilidade de cada profissional e após o aceite de participação, bem como, o envio do Termo de Consentimento Livre e esclarecido e detalhamento de toda a pesquisa, aos que se voluntariarem à participação.

A instituição coparticipante do presente projeto de pesquisa está ciente de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos sujeitos de pesquisa nela recrutados, dispondo de infraestrutura necessária para a garantia de tal, segurança e bem-estar.

Respeitosamente, agradeço a atenção, aguardo retorno no prazo: 27 de fevereiro de 2022.

Adriana Martins da Silva

“Eu gritei, gritei muito. Porque eu queria me ouvir e os sons não voltaram para mim. Minhas ligações não significavam nada para meus pais. Eles eram, disseram, gritos estridentes de aves marinhas, então me chamaram de gaivota. E a gaivota estava gritando sobre um oceano de barulhos...”.  
EMMANUELLE LABORIT, atriz e escritora francesa, em "O Vôo da Gaivota")

Data: \_\_\_\_\_

Assinatura e carimbo do responsável institucional

## APÊNDICE C



TÍTULO DA PESQUISA: ATUAÇÃO DO TRADUTOR INTÉRPRETE DE LÍNGUA DE SINAIS NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DE ESTUDANTES COM SURDEZ EM CONTEXTO ESCOLAR INCLUSIVO: DESAFIOS, BARREIRAS E ALTERNATIVAS PEDAGÓGICAS

MESTRANDA: ADRIANA MARTINS DA SILVA

ORIENTADORA: PROF<sup>a</sup>. DR<sup>a</sup>. FRANCÉLI BRIZOLLA

### TERMO DE CIÊNCIA E CONSENTIMENTO

Eu, \_\_\_\_\_, abaixo assinado, responsável pelo Núcleo de Inclusão e Acessibilidade (NInA/UNIPAMPA) - Campus Bagé, autorizo a realização do estudo “Atuação do Tradutor Intérprete de Língua de Sinais no processo de Ensino-aprendizagem de estudantes com surdez em contexto escolar inclusivo: desafios, barreiras e alternativas pedagógicas”, a ser conduzido pela pesquisadora Adriana Martins da Silva. Fui informado, pela responsável do estudo, sobre as características e objetivos específicos da pesquisa, quais sejam: resgatar e registrar a história da interpretação em Libras no município de Bagé; analisar o Código de Ética da profissão de TILS Libras e demais normativas e diretrizes vigentes a respeito desta atuação profissional, a fim de perceber os parâmetros para atuação pedagógica escolar; propor uma reflexão acerca do fazer ético dos Tradutores/intérpretes de Língua de Sinais em relação aos pressupostos da educação inclusiva, tendo em vista o direito de pleno acesso à comunicação, informação e formação dos estudantes com surdez; discutir sobre os desafios e propor estratégias para as práticas dos Tradutores/intérpretes de Língua de Sinais no processo de ensino aprendizagem em contexto escolar inclusivo - barreiras e alternativas pedagógicas. A pesquisa é de cunho interventivo, cujo método é grupo focal (KITZINGER, 1994), sendo uma pesquisa qualitativa

participativa. (ROSSI; PASSOS, 2014). Terá como sujeitos investigados a própria pesquisadora e outros Tradutores/Intérpretes de Língua de Sinais atuantes no município de Bagé.

Os critérios para a seleção do grupo de participantes se baseiam na atuação desses profissionais como Tradutores/Intérpretes de Língua de Sinais que desempenham atividades no contexto educacional, em sala de aula traduzindo e interpretando para alunos surdos nas três esferas públicas: municipais, estaduais e federal no município de Bagé no Estado do Rio Grande do Sul.

Pretende-se realizar, pelo menos, cinco encontros presenciais nos quais os participantes que já têm uma vivência com os temas abordados nos encontros terão a oportunidade de participar e interagir com os demais colegas ao responder às questões propostas. Os encontros terão duração de 60 a 90 minutos e ocorrerão entre os meses março a agosto de 2022, os dias e horários serão ajustados de acordo com a disponibilidade de cada profissional e após o aceite de participação, bem como, o envio do Termo de Consentimento Livre e esclarecido e detalhamento de toda a pesquisa, aos que se voluntariarem à participação.

A instituição coparticipante do presente projeto de pesquisa está ciente de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos sujeitos de pesquisa nela recrutados, dispondo de infraestrutura necessária para a garantia de tal, segurança e bem-estar.

Respeitosamente, agradeço a atenção, aguardo retorno no prazo: 27 de fevereiro de 2022.

Adriana Martins da Silva

“Eu gritei, gritei muito. Porque eu queria me ouvir e os sons não voltaram para mim. Minhas ligações não significavam nada para meus pais. Eles eram, disseram, gritos estridentes de aves marinhas, então me chamaram de gaivota. E a gaivota estava gritando sobre um oceano de barulhos...”.  
(EMMANUELLE LABORIT, atriz e escritora francesa, em "O Vôo da Gaivota")

Data: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Assinatura e carimbo do responsável institucional

## APÊNDICE D - QUESTIONÁRIO PARA DIAGNÓSTICO E RECONHECIMENTO



MESTRANDA: ADRIANA MARTINS DA SILVA

ORIENTADORA: FRANCÉLI BRIZOLLA

QUESTIONÁRIO PARA DIAGNÓSTICO E RECONHECIMENTO

### **Prezado(a) Tradutor/Intérprete de Língua de Sinais LIBRAS:**

Ao cumprimentá-los(as) cordialmente, agradecemos por sua atenção, interesse e colaboração na pesquisa “Atuação do Tradutor Intérprete de Língua de Sinais no processo de Ensino-aprendizagem de estudantes com surdez em contexto escolar inclusivo: desafios, barreiras e alternativas pedagógicas”.

Desse modo, solicitamos o preenchimento do presente questionário, de acordo com sua prática diária do trabalho no contexto educacional pedagógico inclusivo enquanto TILS.

#### 1. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

1.1 Nome:

1.2 Idade:

1.3 Gênero:

1.4 Instituição que atua:

2. TILS LIBRAS, indique sua formação mais graduada:

2.1 Nível médio ( )

2.2 Graduação ( )

2.3 Especialização ( )

2.4 Mestrado ( )

2.5 Doutorado ( )

3. O nível ou grau de ensino você trabalha (atuação):

3.1 Nível Fundamental ( )

3.2 Nível Médio ( )

3.3 Nível técnico ( )

3.4 Nível superior ( )

4. Tempo (anos) de atuação: \_\_\_\_\_

5. O número de alunos com surdez que você atende: \_\_\_\_\_

6. Você já participou de uma roda de conversa que tenha abordado sobre a atuação do TILS? Se sim, comentar.

Sim. ( )

Não. ( )

7. Você conhece o Código de ética do profissional TILS LIBRAS e seus princípios fundamentais?

Sim ( )

Não ( )

8. Você tem desafios ou barreiras que enfrenta para articulação do trabalho de Tradução e Interpretação no contexto Educacional pedagógico? Se sim, comentar.

Sim. ( )

Não. ( )

9. Você participa frequentemente de cursos de formação para Tradução e Interpretação em Língua de Sinais? Se sim, são abordados conteúdos vigentes no código, normativa e diretrizes que tragam parâmetros voltados para sua atuação em contexto pedagógico? Se sim, comentar.

Sim. ( )

Não. ( )

10. Você costuma reunir-se com seus colegas TILS para trocas de experiências tradutórias e estudar sinais de que ainda não tenha o conhecimento para o aprimoramento de suas práticas? Se sim, comentar.

Sim. ( )

Não. ( )

Link do questionário via google forms:

[https://docs.google.com/forms/d/1j6iqZduJCjON8gBf1T\\_qc4TYnJ4P3CS-Ok1GynPVVuY/edit?usp=sharing](https://docs.google.com/forms/d/1j6iqZduJCjON8gBf1T_qc4TYnJ4P3CS-Ok1GynPVVuY/edit?usp=sharing)

## APÊNDICE E - QUESTIONÁRIO DA OFICINA SOBRE O CÓDIGO DE ÉTICA

25/01/2023 10:02

Formulário sobre Código de ética profissional dos TILs

1. 1- Ao ler o código de ética do profissional TILs você concorda que este documento contempla por completo a atuação do TILs educacional em sala de aula inclusiva? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- concordo parcialmente
- discordo plenamente
- concordo plenamente
- discordo parcialmente

2. 2- É possível manter-se no código de ética profissional TILs e garantir ao aluno surdo o pleno acesso e inclusão deste com a garantia de que esse aluno consiga entender e aprender de fato o conteúdo proposto pelo professor em sala de aula? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- concordo parcialmente
- discordo plenamente
- concordo plenamente
- discordo parcialmente

3. 3- O papel do profissional TILs em sala de aula é manter uma atitude imparcial durante o transcurso da interpretação, evitando interferências e opiniões próprias, a menos que seja requerido pelo grupo a fazê-lo, se um professor pede para você cuidar a turma que está em prova para que o mesmo possa ir ao banheiro, qual a sua atitude em relação ao código de ética? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Mostrar o código para o professor e negar-se a ficar cuidando a prova
- Mostrar o código para o professor e cuidar a prova e ao mesmo tempo interpretar para o aluno com surdez.
- Nega-se e explica para o professor que precisa estar atuando somente como TILs para que o aluno surdo possa ter a interpretação da prova e mantém seu posicionamento com base nos princípios éticos destacados no código de ética.

25/01/2023 10:02

Formulário sobre Código de ética profissional dos TILS

4. 4 - Em uma situação em que se pede para os professores o acesso ao conteúdo \* com antecedência de no mínimo 48 horas e os professores se negam alegando que não tem tempo para preparar e enviar ao profissional TILs. Você concorda que a interpretação terá a mesma qualidade do que se tivesse tido acesso anteriormente ao conteúdo?

*Marcar apenas uma oval.*

- Concordo plenamente
- Discordo plenamente
- Concordo parcialmente
- Discordo parcialmente

5. 5 - Em uma Escola de Educação Inclusiva o correto é ter um profissional para dois ou mais alunos com surdez? Você: \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Concordo plenamente
- Discordo plenamente
- Concordo parcialmente
- Discordo parcialmente

6. 6 - Para Santos (2017), um dos mecanismos criados para dar um norte à prática do Tradutor e Intérprete de Libras é o Código de Ética, que é um documento com o objetivo de pautar os princípios e as normas de condutas para esse profissional realizar seu ofício. De acordo com o Código de Ética, em seu Capítulo 1, dos princípios fundamentais, Artigo 1º, parágrafo 4º, um dos deveres fundamentais do intérprete é: \*

*Marcar apenas uma oval.*

- negociar conteúdos com o professor e revelar suas dúvidas às questões de sala de aula. Cabe ao intérprete realizar as tarefas escolares do surdo para que o conhecimento seja construído.
- pedir orientações ao diretor escolar e às famílias, quando o aluno surdo não compreender alguma questão específica de sala de aula.
- proporcionar ao surdo um entendimento igualitário ou superior em relação aos ouvintes sobre o assunto que o professor explicar em classe.
- reconhecer seu próprio nível de competência e ser prudente em aceitar tarefas, procurando assistência de outros intérpretes e/ou profissionais, quando necessário, especialmente em palestras técnicas.

7. 7- Em relação à postura ética do Intérprete, marcar a afirmativa Certa: \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Interpretar fielmente e com o melhor da sua habilidade, sempre transmitindo o pensamento, a intenção e o espírito do palestrante e ir além da sua responsabilidade.
- Adotar uma conduta adequada de se vestir, com adereços e chamando atenção indevida sobre si mesmo, durante o exercício da função.
- O intérprete deve reconhecer seu próprio nível de competência e ser prudente em aceitar tarefas, procurando assistência de outros intérpretes e/ou profissionais, quando necessário, especialmente em palestras técnicas.

8. 8 -O Tradutor e Intérprete de Libras tem deveres inerentes a sua atuação. De acordo com o Código de Ética, assinale a afirmativa correta. \*

*Marcar apenas uma oval.*

- O Intérprete deve ser uma pessoa de alto caráter moral, honesto, consciente, confidente e de equilíbrio emocional.
- O Tradutor e Intérprete de Libras poderá emitir opinião sobre o tema discutido durante sua atuação, mesmo quando não for solicitado pelo grupo.
- O Intérprete deve zelar pelas informações, sendo o mais coerente possível ao que está sendo transmitido, deve evitar o auxílio de outros profissionais da área ou de intérpretes, especialmente em palestras técnicas.
- O Intérprete deve chamar a atenção sobre si mesmo, quando o surdo não prestar atenção à tradução.

9. 9 - Segundo o documento PROGRAMA NACIONAL DE APOIO À EDUCAÇÃO DE SURDO (MEC) Considerando a realidade brasileira na qual as escolas públicas e particulares têm surdos matriculados em diferentes níveis de escolarização, seria impossível atender às exigências legais que determinam o acesso e a permanência do aluno na escola observando-se suas especificidades sem a presença de intérpretes de língua de sinais. Assim, faz-se necessário investir na especialização do intérprete de língua de sinais da área da educação. Você concorda que deveria ter cursos de formação para os profissionais que atuam em sala de aula e essa formação ser disponibilizada pelas Secretarias de Ensino municipal e Estadual em parcerias com as Instituições Federais ou privadas. \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Concordo plenamente
- Concordo parcialmente
- Discordo plenamente
- Discordo Parcialmente.

01/2023 10:02

Formulário sobre Código de ética profissional dos TILS

10. 10 - No Código de Ética do Intérprete, há orientações profissionais quanto a sua atuação. O Intérprete está para intermediar um processo interativo que envolve determinadas intenções conversacionais e discursivas. O Código de Ética, parte integrante do Regimento Interno do Departamento Nacional de Intérpretes (FENEIS), NÃO orienta: \*

*Marcar apenas uma oval.*

- O Intérprete deve fazer uso do melhor da sua habilidade, sempre transmitindo o pensamento, a intenção e o espírito do palestrante; deve lembrar dos limites de sua função e não ir além de sua responsabilidade.
- O Intérprete deve, durante o transcurso da interpretação, evitar interferências e opiniões próprias, a menos que seja requerido pelo grupo a fazê-lo.
- O Intérprete deve explicar ao aluno surdo o conteúdo proposto pelo professor em sala de aula.
- O Intérprete deverá esclarecer aos alunos no que diz respeito à Cultura Surda sempre que possível, reconhecendo que muitos equívocos (má informação) têm surgido por causa da falta de conhecimento do público sobre a Surdez e a comunicação com o Surdo

---

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

## APÊNDICE F - AVALIAÇÃO DA OFICINA

25/01/2023 09:59

Avaliação oficina TILs compartilhando experiências e saberes

### Avaliação oficina TILs compartilhando experiências e saberes

Este questionário é aplicado aos profissionais Tradutores Intérpretes de língua de sinais que participaram da oficina TILs compartilhando experiências e saberes ofertada pela pesquisadora Mestranda Adriana Martins da Silva e professora Dra Francéli Brizolla orientadora. Avaliação/ impacto do curso.

Todas as informações coletadas neste estudo serão mantidas em sigilo, não serão divulgadas ou vinculadas à sua identidade.

Por favor, responda todas às questões obrigatórias para que o formulário seja corretamente finalizado.

#### \*Obrigatório

1. 1) Como você avalia o (cronograma) tempo de duração da oficina? \*

---

---

---

---

---

2. 2) Como você avalia o conteúdo da oficina? \*

---

---

---

---

---

25/01/2023 09:59

Avaliação oficina TILs compartilhando experiências e saberes

3. 3) Como a atividade acrescentou na sua formação acadêmico-profissional? \*

---

---

---

---

---

4. 4) Como você avalia o metodologia e recursos utilizados durante os encontros na oficina? \*

---

---

---

---

---

5. 5) Como você avalia sua participação e interação no percurso da oficina? \*

---

---

---

---

---

6. 6) Campo destinado para sugestões, elogios, críticas e comentários que deseje fazer a respeito da oficina: \*

---

---

---

---

---

Questionário 2

parte 2

25/01/2023 09:59

Avaliação oficina TILs compartilhando experiências e saberes

7. 1) Como você avalia essa integração da Universidade com atuação do profissional TILs na sala de aula inclusiva nas escolas de educação básica e superior? \*

---

---

---

---

---

8. 2) Com relação a duração de cada encontro: \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Adequado para os objetivos e preciso quanto ao tempo e atividades desenvolvidas.
- Adequado para os objetivos,mas cansativo.
- Parcialmente adequado,pois poderia ter abordado outros assuntos.

9. 3) Quanto às atividades assíncronas: \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Foram em excesso
- Foram quantidade e qualidade adequadas.
- Poderiam ter sido em maior quantidade.

10. 4) Quanto às estratégias utilizadas: dinâmica, rodas de conversa,debates, esclarecimento de dúvidas (grupo do whatsapp): \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Excelente
- Bom
- Péssimo

## APÊNDICE G - CÓDIGO DE CONDUTA E ÉTICA DA FEBRAPILS



### CÓDIGO DE CONDUTA E ÉTICA

PRIMEIRA ALTERAÇÃO APROVADA EM ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA  
NO DIA 13 DE ABRIL DE 2014.

#### PREÂMBULO

- I. A Federação Brasileira das Associações dos Profissionais Tradutores e Intérpretes e Guias-Intérpretes de Língua de Sinais - Febrapils busca alcançar um padrão de profissionalismo e conduta ética entre os tradutores e intérpretes e guias-intérpretes de Língua de Sinais.
- II. Os princípios norteadores deste **Código de Conduta e Ética** (CCE) devem ser observados de maneira holística e como guia para a prática profissional em âmbito nacional.

#### SUMÁRIO

CAPÍTULO I DA DEFINIÇÃO E APLICABILIDADE.....	2
CAPÍTULO II DOS PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS.....	3
CAPÍTULO III DA RESPONSABILIDADE PROFISSIONAL.....	4
CAPÍTULO IV DAS DISPOSIÇÕES GERAIS.....	5





## CAPÍTULO I DA DEFINIÇÃO E APLICABILIDADE

**Art. 1º** - Para os fins deste CCE, considera-se:

- I. **TILS – Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais:** profissional que traduz e/ou interpreta de uma dada língua de sinais para outra língua de sinais ou para língua oral, ou vice-versa, em quaisquer modalidades que se apresentar.
- II. **GI – Guia-Intérprete para Pessoas Surdocegas:** profissional que interpreta de acordo com as modalidades de comunicação específicas utilizadas pela pessoa surdocega (língua oral amplificada, escrita na palma da mão, alfabeto manual tátil, língua de sinais tátil, sistema braile tátil ou manual, língua de sinais em campo reduzido, dentre outras); que facilita sua mobilidade; e que descreve o que ocorre nas situações de comunicação em que está atuando.
- III. **Solicitante:** pessoa física ou jurídica responsável pela solicitação dos serviços de tradução e/ou interpretação e/ou guia-interpretação.
- IV. **Solicitado:** pessoa física ou jurídica responsável pela prestação dos serviços de tradução e/ou interpretação e/ou guia-interpretação.
- V. **Beneficiário:** indivíduo que utiliza os serviços de tradução e/ou interpretação e/ou guia-interpretação.

**Art. 2º** - Este CCE aplica-se a todas as situações de tradução e/ou interpretação e/ou guia-interpretação.



## CAPÍTULO II DOS PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS

**Art. 3º** - O TILS e o GI devem exercer sua atividade de forma digna e consciente, com o propósito de valorizar a sua categoria profissional.

**Art. 4º** - O TILS e o GI devem prover os serviços sem distinção de raça, cor, etnia, gênero, religião, idade, deficiência, orientação sexual ou qualquer outra condição.

**Art. 5º** - O CCE da Febrapils tem como princípios definidores para a conduta profissional do TILS e GI:

- I. Confidencialidade.
- II. Competência Tradutória.
- III. Respeito aos envolvidos na profissão.
- IV. Compromisso pelo desenvolvimento profissional.

**Art. 6º** - O TILS e o GI devem manter e valorizar a confidencialidade como condição essencial para proteger todos os envolvidos no trabalho de tradução e/ou interpretação e/ou guia-interpretação, salvo quando interpelado judicialmente à quebra de confidencialidade, informando esta obrigação ao Solicitante e ao Beneficiário.

**Art. 7º** - Cabe ao TILS e ao GI manter o respeito com todos os envolvidos no serviço de tradução e/ou interpretação e/ou guia-interpretação, devendo:

- I. Solicitar, sempre que necessário, colaboração aos colegas de profissão.
- II. Manter cooperação mútua com os colegas de profissão.
- III. Prestar apoio moral e solidariedade aos colegas de profissão.

**Parágrafo Único:** Não é permitido assediar ou coagir Solicitantes e Beneficiários.



**Art. 8º** - O TILS e o GI devem aceitar serviços de acordo com o seu nível de competência tradutória e com as circunstâncias e necessidades dos Solicitantes e Beneficiários, bem como:

- I. Conhecer as necessidades específicas da situação de tradução e/ou interpretação e/ou guia-interpretação.
- II. Prestar informações ao Solicitante e/ou Beneficiário sobre sua atuação profissional.
- III. Firmar contrato com o Solicitante, cumprindo as obrigações concernentes ao trabalho em questão.

**Parágrafo Único** – O TILS e o GI não aceitarão uma prestação de serviços a que não se julguem qualificados, contudo, sua aceitação implica total responsabilidade moral pela seriedade da sua prestação.

**Art. 9º** - O TILS e o GI devem buscar a equivalência de sentido no ato de tradução e/ou interpretação e/ou guia-interpretação.

**Parágrafo Único:** O TILS e o GI devem, também, corrigir, prontamente, eventuais equívocos cometidos no ato de tradução e/ou interpretação e/ou guia-interpretação.

### **CAPÍTULO III DA RESPONSABILIDADE PROFISSIONAL**

**Art. 10** - É de responsabilidade do TILS e do GI:

- I. Manterem-se informados e atualizados sobre quaisquer assuntos concernentes à profissão.
- II. Buscar formação continuada e aperfeiçoamento profissional.
- III. Apresentar-se adequadamente com relação à postura e à aparência.
- IV. Utilizar todos os conhecimentos linguísticos, técnicos, científicos, ou outros a seu alcance, para o melhor desempenho de sua função;
- V. Solidarizar-se com as iniciativas em favor dos interesses de sua categoria, ainda que não lhe tragam benefício direto.



**Art. 11** - O TILS e o GI devem observar a Tabela de Referência de Honorários vigente da Febrapils e aplicá-la sempre que necessário, exceto, quando houver desvantagem financeira.

**Art. 12** - O TILS e o GI são responsáveis civil e penalmente por atos profissionais lesivos ao interesse do Solicitante e Beneficiário de seus serviços, cometidos por imprudência, imprudência, negligência ou infrações éticas.

**Art. 13** - É dever, exclusivamente do GI:

- I. Conhecer as diferentes formas de comunicação utilizadas pelas pessoas surdocegas e conhecer as tecnologias assistivas.
- II. Ter conhecimento das especificidades atribuídas às pessoas surdocegas, descrever todos os aspectos visuais e auditivos durante o processo de tradução e interpretação e facilitar sua mobilidade.

**Art. 14** - É vedado ao TILS e ao GI:

- I. Dar conselhos ou opiniões pessoais, exceto quando requerido e com anuência do Solicitante ou Beneficiário.
- II. Executar qualquer ato que caracterize concorrência desleal ou exploração do trabalho de colegas.
- III. Usar informações confidenciais traduzidas ou interpretadas para benefícios próprio para ganho profissional.
- IV. Usar de qualquer propaganda pessoal no exercício de sua função.
- V. Evitar o uso de substâncias que alterem o estado psicoemocional de modo a não prejudicar o desempenho profissional.

#### **CAPÍTULO IV DAS DISPOSIÇÕES GERAIS**

**Art. 15** - Quando houver um conflito entre este código e a legislação municipal, estadual ou federal, prevalecerá a lei hierarquicamente superior.

11/01/2023 14:58

PESQUISA: ATUAÇÃO DO TRADUTOR INTÉRPRETE DE LÍNGUA DE SINAIS NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZA...

**TERMO DE  
CIÊNCIA E  
CONSENTIMENTO**

Eu, identificado/a neste Formulário, atesto ciência e conhecimento dos termos de realização da pesquisa "Atuação do Tradutor Intérprete de Língua de Sinais no processo de Ensino-aprendizagem de estudantes com surdez em contexto escolar inclusivo: desafios, barreiras e alternativas pedagógicas", a ser conduzido pela pesquisadora Adriana Martins da Silva. Fui informado/a, pela responsável do estudo, sobre as características e objetivos específicos da pesquisa, quais sejam:

Objetivo geral: Compreender a atuação do profissional de TILS no processo de ensino-aprendizagem de estudantes com surdez em contexto escolar inclusivo e as diversas situações apresentadas como desafios à conduta destes profissionais no processo de inclusão escolar.

Objetivos específicos:

- Dialogar sobre a tradução e a interpretação dentro das experiências de cada sujeito da pesquisa;
- Analisar o Código de Ética da profissão de TILS Libras e demais normativas e diretrizes vigentes a respeito desta atuação profissional, a fim de perceber os parâmetros para atuação pedagógica escolar;
- Propor uma reflexão acerca do fazer ético dos Tradutores/intérpretes de Língua de Sinais em relação aos pressupostos da educação inclusiva, tendo em vista o direito de pleno acesso à comunicação, informação e formação dos estudantes com surdez;
- Discutir sobre os desafios à conduta dos Tradutores/intérpretes de Língua de Sinais no processo de ensino aprendizagem em contexto escolar inclusivo a partir das barreiras e alternativas pedagógicas, vislumbradas em suas narrativas.

Sendo assim, proponho a resgatar a percepção dos desafios à conduta, que constam no objetivo geral. A pesquisa é de cunho interventivo, cujo método é grupo focal (KITZINGER, 1994), sendo uma pesquisa qualitativa participativa (ROSSI; PASSOS, 2014). Terá como sujeitos investigados a própria pesquisadora e outros Tradutores/Intérpretes de Língua de Sinais atuantes no município de Bagé.

Os critérios para a seleção do grupo de participantes se baseiam na atuação desses profissionais como Tradutores/Intérpretes de Língua de Sinais que desempenham atividades no contexto educacional, em sala de aula traduzindo e interpretando para alunos surdos nas três esferas públicas: municipais, estaduais e federal no município de Bagé no Estado do Rio Grande do Sul.

Pretende-se realizar, pelo menos, cinco encontros presenciais nos quais os participantes que já têm uma vivência com os temas abordados nos encontros terão a

oportunidade de participar e interagir com os demais colegas ao responder às questões propostas. Os encontros terão duração de 60 a 90 minutos e ocorrerão entre os meses julho a agosto de 2022 e os dias e horários serão ajustados de acordo com a disponibilidade de cada profissional e após o aceite de participação, bem como, o envio do Termo de Consentimento Livre e esclarecido e detalhamento de toda a pesquisa, aos que se voluntariarem à participação.

Assim, estou ciente do presente projeto de pesquisa e quanto ao compromisso da pesquisadora no resguardo da segurança e bem-estar dos sujeitos de pesquisa, dispondo de infraestrutura necessária para a garantia de tal, segurança e bem-estar.

6. Diante do Termo de Ciência e Consentimento \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Estou ciente dos termos da pesquisa e tenho interesse/disponibilidade de participar
- Estou ciente dos termos da pesquisa mas não tenho interesse/disponibilidade de participar

"Eu gritei, gritei muito. Porque eu queria me ouvir e os sons não voltaram para mim. Minhas ligações não significavam nada para meus pais. Eles eram, disseram, gritos estridentes de aves marinhas, então me chamaram de gaivota. E a gaivota estava gritando sobre um oceano de barulhos...". (EMMANUELLE LABORIT, atriz e escritora francesa, em "O Vôo da Gaivota") Obrigada pela participação e colaboração! Adriana Martins, Francéli Brizolla e Claudete Martins

---

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

11/01/2023 19:49

Formulário sem título

8. 8 -O Tradutor e Intérprete de Libras tem deveres inerentes a sua atuação. De acordo com o Código de Ética, assinale a afirmativa correta. \*

*Marcar apenas uma oval.*

- O Intérprete deve ser uma pessoa de alto caráter moral, honesto, consciente, confidente e de equilíbrio emocional.
- O Tradutor e Intérprete de Libras poderá emitir opinião sobre o tema discutido durante sua atuação, mesmo quando não for solicitado pelo grupo.
- O Intérprete deve zelar pelas informações, sendo o mais coerente possível ao que está sendo transmitido, deve evitar o auxílio de outros profissionais da área ou de intérpretes, especialmente em palestras técnicas.
- O Intérprete deve chamar a atenção sobre si mesmo, quando o surdo não prestar atenção à tradução.

9. 9 - Segundo o documento PROGRAMA NACIONAL DE APOIO À EDUCAÇÃO DE SURDO (MEC) Considerando a realidade brasileira na qual as escolas públicas e particulares têm surdos matriculados em diferentes níveis de escolarização, seria impossível atender às exigências legais que determinam o acesso e a permanência do aluno na escola observando-se suas especificidades sem a presença de intérpretes de língua de sinais. Assim, faz-se necessário investir na especialização do intérprete de língua de sinais da área da educação. Você concorda que deveria ter cursos de formação para os profissionais que atuam em sala de aula e essa formação ser disponibilizada pelas Secretarias de Ensino municipal e Estadual em parcerias com as Instituições Federais ou privadas. \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Concordo plenamente
- Concordo parcialmente
- Discordo plenamente
- Discordo Parcialmente.

11/01/2023 19:49

Formulário sem título

10. 10 - No Código de Ética do Intérprete, há orientações profissionais quanto a sua atuação. O Intérprete está para intermediar um processo interativo que envolve determinadas intenções conversacionais e discursivas. O Código de Ética, parte integrante do Regimento Interno do Departamento Nacional de Intérpretes (FENEIS), NÃO orienta: \*

*Marcar apenas uma oval.*

- O Intérprete deve fazer uso do melhor da sua habilidade, sempre transmitindo o pensamento, a intenção e o espírito do palestrante; deve lembrar dos limites de sua função e não ir além de sua responsabilidade.
- O Intérprete deve, durante o transcurso da interpretação, evitar interferências e opiniões próprias, a menos que seja requerido pelo grupo a fazê-lo.
- O Intérprete deve explicar ao aluno surdo o conteúdo proposto pelo professor em sala de aula.
- O Intérprete deverá esclarecer aos alunos no que diz respeito à Cultura Surda sempre que possível, reconhecendo que muitos equívocos (má informação) têm surgido por causa da falta de conhecimento do público sobre a Surdez e a comunicação com o Surdo

---

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

## APÊNDICE H - MATERIAL DA OFICINA DE ESTUDO DE CASOS

O PRESENTE TRABALHO APRESENTA O RELATO DE UMA SITUAÇÃO DE INTERPRETAÇÃO/TRADUÇÃO OCORRIDA EM UMA ESCOLA PÚBLICA ESTADUAL DE ENSINO MÉDIO NO ESTADO DE SANTA CATARINA. A REFERIDA ESCOLA APRESENTA-SE INCLUSIVA E NA ÉPOCA DO FATO ESTAVA EM CONTRUÇÃO DE UMA PROPOSTA BILÍNGUE.

SITUADA EM ÁREA CENTRAL, RECEBIA ALUNOS DE TODOS OS BAIRROS DA CIDADE. EM SUA MAIORIA TRABALHADORES DAS INDÚSTRIAS LOCAIS. EM SEU QUADRO DISCENTE, ABRIGAVA CERCA DE 600 ALUNOS, DOS QUAIS 16 SURDOS E 40 DOCENTES, INCLUINDO 3 TRADUTORES INTÉRPRETES DE LIBRAS EM SEUS TRÊS TURNOS DE FUNCIONAMENTO.

SITUAÇÃO 1: PRIMEIRA AVALIAÇÃO DO SEGUNDO BIMESTRE, DISCIPLINA DE GEOGRAFIA, GEOGRAFIA FÍSICA: PLACAS TECTÔNICAS, ROCHAS E MINERAIS, FORMAS DE RELEVO. APESAR DA EXPERIÊNCIA NA ÁREA, A PROFESSORA REGENTE TEVE SEU PRIMEIRO CONTATO COM SURDOS, CINCO NO PRIMEIRO ANO. ASSUMIU A TURMA NO MEIO DO BIMESTRE DEPOIS DE UM AJUSTE INTERNO. MUITO COMPROMETIDA, NÃO ERA NECESSÁRIO PEDIR O CONTÚDO ANTECIPADO, SEMPRE COLOCAVA A DISPOSICÃO, ABERTA A COLABORAÇÃO, SEMPRE TROUXE MUITO MATERIAL VISUAL PARA A CLASSE E SEMPRE ESTEVE ATENTA AS DIFICULDADES DOS SURDOS.

DATA ESTIPULADA DA AVALIAÇÃO, SEGUNDO PERÍODO DA DISCIPLINA POIS OS ALUNOS VINHAM DIRETO DO TRABALHO E O TRANSPORTE NÃO CHEGAVA EM HORÁRIO HÁBIL PARA O PRIMEIRO PERÍODO DA TARDE. ACOMODADOS, ORIENTAÇÕES GERAIS E O AVISO, PODEM COMEÇAR. O GRUPO SURDO SE ENTREOLHA, PROFESSORA PERCEBE A AGITAÇÃO, PERGUNTA INDAGANDO POR DÚVIDAS, REPASSO O QUESTIONAMENTO, ALUNO SURDO 1 PERGUNTA SE ELA NÃO VAI LER A PROVA, REPASSO. A PROFESSORA AVALIA, CONCORDA, INICIA A LEITURA EM VOZ ALTA, INICIO A TRADUÇÃO, PROFESSORA PARA A LEITURA, PARO A TRADUÇÃO, ALUNO SURDO 2 QUESTIONA E AS ALTERNATIVAS? PROFESSORA RESPONDE VOCÊ ESCOLHE, RESPONDE, TRADUZO, ALUNO QUESTIONA SE PODE LER AS ALTERNATIVAS, PROFESSORA SE EXALTA, NÃO, NÃO VAI DAR TEMPO. ALUNO SURDO 3 RESPONDE, NÃO ENTENDO, EXPLICA PALAVRA SEDIMENTAR, INDAGA, TRADUZO, PROFESSORA ME OLHA ESPANTADA. EXPLICA BREVEMENTE. ALUNO 4, PARA DE RESPONDER A PROVA. PROFESSORA QUESTIONA ELE PARA CONTINUAR, TRADUZO. ELE VIRA A PROVA E SE NEGA A CONTINUAR. CONTINUA A LEITURA E INTERPRETAÇÃO, PRIMEIRA QUESTÃO DE RESPOSTA DISCURSIVA, ALUNO SURDO 5 TRAVA. PROFESSORA INDAGA O QUE ACONTECEU, TRADUZO, ELE RESPONDE NÃO SEI ESCREVER PORTUGUÊ, PROFESSORA TRAVA, ME OLHA EM DESESPERO. RESPONDE PARA DEIXAR A QUESTÃO EM BRANCO. O SINAL TOCA PARA FIM DO PERÍODO. OS ALUNOS OUVINTES ENTREGAM AS PROVAS, OS ALUNOS SURDOS EM VISÍVEL DESAGRADO ENTREGAM TBM. A PROFESSORA PERGUNTA SE QUEREM CONTINUAR EM OUTRA SALA. ALUNOS SURDOS RESPONDEM QUE NÃO. AVISO QUE NÃO TENHO COMO ACOMPANHAR, NÃO TENHO DUPLA E NA PROXIMA AULA TEM ATIVIDADE AVALIATIVA TBM. CONVIDO A PROFESSORA PARA UMA CONVERSA NO INTERVALO.

SOLUÇÃO: APÓS A EXPERIÊNCIA, A PROFESSORA QUESTIONA O PORQUE DAS DIFICULDADES, COMENTO QUE A MAIORIA EMBORA FLUENTE EM LIBRAS NÃO TEM O MESMO DESEMPRENHO EM LÍNGUA PORTUGUESA. ELA QUESTIONA SE AS QUESTÕES DE MÚLTIPLA ESCOLHA SÃO MAIS FÁCEIS. RESPONDO QUE SIM, POIS LHESE DÁ A POSSIBILIDADE DE RELEMBRAR O CONTEÚDO ESTUDADO, DESDE QUE LHESE SEJA DADO O DIREITO DE LEITURA DAS ALTERNATIVAS TBM. LHE PEÇO SEMPRE QUE POSSÍBEL COLOCAR PISTAS VISUAIS NAS QUESTÕES PARA CLAREAR O ENTENDIMENTO DA QUESTÃO. ASSIM COMO PARA TENTAR SER MAIS OBJETIVA, SUCINTA NO QUESTIONAMENTO. ORIENTO QUANTO AO TEMPO PELA OPÇÃO DA REDUÇÃO DE QUESTÕES

PARA QUE CONSIGAM EFETUAR A PROVA NO TEMPO DA AULA, OU SE POSSÍVEL AJUSTE COM OUTRO PROFESSOR PARA QUE TENHAM AS DUAS AULAS DA DISCIPLINA PARA A REALIZAÇÃO DA PROVA. TAMBÉM ORIENTO PARA QUE SEJA DADO A OPORTUNIDADE DE PODEREM RESPONDER EM SUA LÍNGUA EM AVALIAÇÕES. ME COLOCO A DISPOSIÇÃO PARA EM FUTURA AVALIAÇÃO AJUDAR NA CONSTRUÇÃO DA MESMA.

SITUAÇÃO 2: APÓS AVALIAÇÃO E RECUPERAÇÃO DE PROVA DA DISCIPLINA DE HISTÓRIA O ALUNO SURDO X QUE APRESENTOU DIFICULDADES EM RESPONDER A PROVA EM LÍNGUA PORTUGUESA É QUESTIONADO PELO PROFESSOR POR QUAL MOTIVO NÃO TEVE DESEMPENHO SATISFATÓRIO, INTERPRETO O QUESTIONAMENTO. O ALUNO RESPONDE NÃO SOU BOM EM ESCREVER PORTUGUÊS. PROFESSOR RESPONDE QUE PRECISA AVALIAR E TER NOTA. INTERPRETO. ALUNO RESPONDE COM UM MOVIMENTO DE OMBRO, SE LAMENTANDO. PROFESSOR ME PERGUNTA O QUE FAÇO. QUESTIONO SE AVALIAÇÃO ESCRITA NÃO PODERIA SER SUBSTITUÍDA POR UMA PROVA ORAL. PROFESSOR FICA DE VERIFICAR A POSSIBILIDADE COM A SUPERVISÃO/ORIENTAÇÃO ESCOLAR.

SOLUÇÃO: APÓS CONVERSARMOS COM A ORIENTAÇÃO/SUPERVISÃO MARCAMOS PROVA ORAL, NO QUAL O PROFESSOR FEZ AS PERGUNTAS, INTERPRETEI E TRADUZI AS RESPOSTAS DO ALUNO. AVALIAÇÃO CONCLUÍDA COM SUCESSO. O PRÓPRIO PROFESSOR ATUOU COMO ESCRIBA.